

biblioteca ciência e sociedade

O PARTIDO DE CLASSE

I

teoria, actividade

karl marx

friedrich
engels

publicações escorpião

O PARTIDO DE CLASSE

VOLUME II

Questões de organização

1. Formação da Internacional
2. Polêmicas em torno das regras de organização
3. A guerra e a Comuna
4. O Partido na Revolução (1848-1850)
5. Lutas de tendências e dissolução da Internacional

VOLUME III

Questões de organização e actividades de classe

1. Fusão do Partido Social-Democrata Alemão
2. Luta de Marx-Engels pelo Partido Social-Democrata interdito
3. Tática e perspectivas do partido
4. O Partido face à evolução do mundo
5. Anexos

O PARTIDO DE CLASSE

I

teoria, actividade

karl marx

friedrich
engels

selecção, introdução e notas
de
roger dangeville

biblioteca ciência e sociedade

8

publicações escorpião

Título original: Le parti de classe
Théorie, activité

© François Maspero Editeur, 1973

Advertência: Relativamente à versão original, embora mantendo-se integralmente o seu conteúdo, a organização da obra na presente edição foi objecto de modificações: publica-se em 3 volumes, e não em quatro, e o texto de apresentação de R. D. é inserido no último volume.

Tradução e revisão
Capa
Edição

Paulo Simões
FLIP
PUBLICAÇÕES ESCORPIAO
Porto / Maio 1975

**1. Actividades de organização
(1843-1847)**



Seria de desejar que essas três nações — a Inglaterra, a França e a Alemanha — se entendessem entre si a fim de estabelecerem em que é que estão de acordo ou desacordo, pois deve haver, claro, pontos de vista diferentes, já que a doutrina do comunismo provém de uma fonte diferente em cada um desses três países.

Os Ingleses chegaram a esse resultado de uma forma prática (económica) em virtude do crescimento rápido da miséria, da desagregação dos costumes e da pauperização no seu país; os Franceses de forma política, pois que foram os primeiros a exigir a liberdade e a igualdade políticas, a reivindicação da liberdade e da igualdade sociais; os Alemães chegaram ao comunismo através da filosofia, tirando conclusões desses primeiros princípios...

É necessário que os trabalhadores desses três países aprendam a conhecer-se. Dado este primeiro passo, estou persuadido que, de todo o coração, desejarão todos o êxito dos seus irmãos comunistas do exterior.

ENGELS, *The New Moral World*
4 de Novembro de 1843

Agitação na Alemanha

Acabo de passar três dias em Colónia e fiquei espantado com a abundância de propaganda que os nossos aí fizeram (1). Os nossos

(1) Cf. Engels a Marx, princípios de Outubro de 1844.

Estes primeiros extractos mostram que o comunismo é inseparável de uma necessidade de acção e de propaganda que encontramos no jovem Engels sob uma forma fervilhante e apaixonada. Esta necessidade de comunicar e de irradiar é aliás partilhada pelo seu correspondente, Marx, e a mesma chama os a animar toda a vida, ardendo nas suas múltiplas actividades.

No entanto, Engels mostra simultaneamente que o proselitismo e a agitação são apenas uma face da actividade, ou melhor, que têm uma condição prévia, a teoria geral, o programa político, o objectivo socialista, que justificam, explicam e guiam o esforço para ganhar os outros para a causa.

No seu entusiasmo de jovem militante, Engels vê o comunismo espalhar-se com rapidez, mas em breve é levado a considerar as coisas mais à distância.

Hoje a experiência do partido permite estabelecer a seguinte regra para os militantes: por todo o lado e sempre, a vida do partido deve inserir-se na vida das massas, mesmo quando as manifestações destas estão sob a influência de directivas opostas às do partido de classe. No entanto é necessário nunca

amigos são muito activos nesse campo; todavia sente-se neles nitidamente a ausência de formação teórica de base. Enquanto não se tiver apresentado, numa série de textos, uma exposição histórica e coerente dos nossos princípios, tendo em conta a evolução das ideias e do passado, nada mais faremos do que uma agitação inconsciente e, a mais das vezes, cega. Fui depois a Dusseldorf, onde temos também alguns elementos muito activos. No entanto continuo a preferir a nossa gente de Elberfeld. Penetrou-os uma concepção verdadeiramente humana.

Há alguns dias fui a Colónia e a Bona. Está tudo a correr bem em Colónia (2). Grün falou-te provavelmente da actividade desenvolvida pelos nossos. Hess está igualmente com intenções de ir a Paris logo que tenha juntado o dinheiro necessário, daqui a duas ou três semanas. Bürgers já aí está convosco de modo que formareis aí um verdadeiro conselho. Tereis tanto menos necessidade de mim quanto eu me tornei mais necessário aqui. É claro que não posso ir nesta altura a menos que me zangue com toda a família. Além disso tenho ainda um assunto sentimental a resolver. É necessário, enfim, que um de nós esteja aqui pois as pessoas têm todas necessidade de ser estimuladas para continuarem a sua actividade no mesmo sentido e não se perderem em toda a espécie de meandros ou meterem por atalhos sem saída.

Deste modo, é-me impossível convencer Jung e tantos outros de que entre Ruge e nós há uma diferença de princípios, e eles continuam a pensar que há simplesmente uma desavença pessoal (3). Quando se lhes diz que Ruge não é comunista, não acreditam, e pretendem que é sempre lamentável rejectar levemente uma tal «autoridade literária». Que responder? Vemo-nos forçados a esperar que Ruge deixe escapar um disparate de todo o tamanho para lhes fazer prova ad oculos. Tenho a impressão que há qualquer coisa que não joga bem no Jung, não tem firmeza bastante.

Organizamos por toda a parte neste momento reuniões públicas a fim de criarmos associações para a melhoria das condições ope-

considerar o movimento como uma pura actividade de propaganda oral ou escrita e de proselitismo político.

(2) Cf. Engels a Marx, 19 de Novembro de 1844.

(3) Divergências de opinião entre Marx e Ruge tinham posto fim à sua colaboração. Foi na altura do levantamento dos tecelões silesianos que Ruge rejeitou a acção revolucionária como meio de emancipação. Marx rompeu definitivamente com Ruge em Março de 1844 e explica isso num longo artigo intitulado: «Notas relativas ao artigo O Rei da Prússia e a Reforma social. Por um Prussiano», 7/8/1844 (Trad. franc.: MARX-ENGELS, *écrits militaires*, p. 156-176).

rárias (4). Isto cria uma agitação insólita entre os nossos bravos Alemães e dirige a atenção das gentes não instruídas para as questões sociais. Organizam-se essas reuniões sem a menor preocupação com o que possa pensar disso a polfícia. Em Colónia, o comité para a elaboração dos estatutos é metade composto por pessoas colocadas aí por nós. Em Elberfeld temos pelo menos um homem e, com a ajuda dos racionalistas, infligimos, em duas reuniões sucessivas, uma derrota pungente aos beatos: por uma maioria esmagadora afastamos dos estatutos qualquer rasto de ideias cristãs. Diverti-me bastante ao constatar como esses racionalistas se tornavam ridículos com a sua visão teórica do cristianismo e a sua prática ateiísta. Em princípio, davam absoluta razão à opposição cristã, mas na prática o cristianismo — que, como eles próprios o confessaram, constitui o fundamento da associação — nunca deveria ser mencionado nos estatutos: deviam conter tudo menos o princípio vital da associação! Mas estes brinçalhões agarram-se com tanta obstinação à sua ridícula posição que não tive que dizer sequer uma palavra para obter os estatutos tal como os podíamos desejar nas condições actuais. Haverá uma nova reunião no próximo domingo, mas não poderei assistir, porque vou à Vestefália.

Estou metido em cheio nos jornais e livros ingleses onde procuro a matéria para a minha obra sobre **A Situação da classe Trabalhadora em Inglaterra**. Conto tê-la acabado lá para o meio ou para o fim de Janeiro, pois já acabei, há uma ou duas semanas, com o trabalho mais difícil, o da classificação da documentação.

O que me dá um prazer muito especial é ver a literatura comunista implantar-se na Alemanha (5). Neste momento é um facto

(4) Na sequência dos molins dos tecelões silesianos de 1844, uma aragem de reforma social atingiu as esferas oficiais da Alemanha chegando mesmo ao rei da Prússia, feliz por poder atirar o proletariado contra a burguesia. Engels parece ter aproveitado este clima — de resto suscitado pela atitude de força dos tecelões revoltados — para desenvolver a agitação. Apesar da opposição dos liberais, os estatutos da Associação para a promoção operária, fundada em Colónia em Novembro de 1844, fixaram-se como objectivo fazer participar activamente os operários no andamento da Associação e «defender os trabalhadores face à força do capital». Nestas condições, os burgueses liberais, sob a direcção de Ludolf Camphausen, abandonaram a Associação e tentaram tudo para a fazerem proibir pela administração.

Em Elberfeld, foi a criação de uma Associação de cultura popular, em que Engels faz dois discursos sobre o comunismo (cf. *Werke*, 2, pp. 536-557). As autoridades recusaram-se a ratificar os estatutos dessa associação que teve de cessar a sua actividade na Primavera de 1845.

(5) Engels a Marx, 20 de Janeiro de 1845.

consumado. Há um ano começava a desenvolver-se fora da Alemanha, em Paris, e a bem dizer estava apenas a nascer. Ei-la que se apodera já do Miguel alemão. Tudo está a andar pelo melhor: jornais, semanários, revistas mensais e trimestrais, uma verdadeira artilharia de grande calibre. Tudo isto andou diabolicamente depressa⁽⁶⁾. A propaganda efectuada à socapa não deixou também de dar os seus frutos: sempre que vou a Colónia, sempre que aqui entro num café, há novos progressos, novos adeptos.

A reunião de Colónia obteve resultados notáveis: descobre-se a pouco e pouco a existência de pequenos grupos isolados de comunistas que se desenvolveram clandestinamente, sem barulho e sem intervenção directa da nossa parte.

Conseguimos igualmente deitar a mão à *Gemeinnützige Wochenblatt* cuja difusão era outrora assegurada em conjunto com a *Rheinische Zeitung* (7). D'Estér encarregou-se disso e vai ver o que podemos fazer. Mas temos a maior necessidade neste momento de algumas obras bastante grandes a fim de fornecer um ponto de apoio sólido ao grande número de semi-ignorantes, cheios de boa vontade,

(6) Dando conta, na imprensa socialista inglesa, da agitação na Alemanha, Engels escrevia: «A acção era tão súbita, tão rápida, e foi levada a cabo tão energicamente, que o público e os governos ficaram por momentos desorientados. Mas essa violência da agitação demonstrava simplesmente que não nos apoiávamos num partido forte entre o público, já que a sua força provinha bem mais da surpresa e da confusão dos nossos adversários. Quando os governos voltaram a si, tomaram medidas despóticas para pôr fim à liberdade de expressão. Os panfletos, jornais, revistas, obras científicas, foram proibidos às dúzias e a agitação decaiu a pouco e pouco.» («Progresso da reforma social no continente», *The New Moral World*, trad. franc.: *écrits militaires*, p. 117-137.)

(7) Marx tinha colaborado na *Rheinisch Zeitung* em Abril de 1842 e tornou-se seu chefe de redacção em Outubro. O jornal tomou então uma feição mais radical e o governo prussiano proibiu-o em 1 de Abril de 1843 após tê-lo submetido a uma censura apertada a partir do meio de Janeiro. No artigo mencionado do *New Moral World*, Engels escrevia a propósito: «O jornal político do partido — *A Gazeta renana* — publicou alguns artigos defendendo o comunismo, sem todavia obter verdadeiramente o êxito esperado.»

No âmbito desta antologia não podemos abordar o problema da passagem de Marx-Engels da «democracia radical» ao socialismo científico que alguns exegetas situam entre os anos de 1844 e 1847. De resto isso não passa, quanto a nós, de um falso problema: o marxismo nasceu como um bloco único, como teoria de classe do proletariado, logo em oposição total às outras ideologias e valores políticos, qualquer que seja o seu matiz. Se Marx-Engels defenderam posições burguesas e democráticas foi em ligação com as tarefas históricas ainda progressivas e necessárias historicamente, a partir de posições comunistas. É esta a razão aliás porque continuaram a reivindicar a instauração da democracia burguesa, mesmo depois da sua «passagem para o comunismo», em países em que se tratava de lutar em primeiro lugar contra regimes pré-capitalistas, a Alemanha antes de mais, e depois todos os países do sul e do leste da Europa onde as relações capital-salariado eram ainda praticamente inexistentes.

mas que sozinhos nada podem fazer. Faz os possíveis por acabar o teu livro de economia política⁽⁸⁾, mesmo que não estejas inteiramente satisfeito com várias passagens. Isso importa pouco já que os espíritos estão prontos e é preciso forjar o ferro enquanto está quente. Claro que o meu livro sobre as condições das classes trabalhadoras em Inglaterra não deixará também de ter os seus efeitos, pois os factos aí relatados são demasiado evidentes. Todavia, gostaria de ter as mãos mais livres para expor em detalhe diversas coisas que seriam mais decisivas no momento actual e para a burguesia alemã.

É uma característica da época, e resultado da decomposição das reminiscências feudais da nação alemã, que nós alemães sejamos espíritos essencialmente teóricos, mas seria ridículo que não fôssemos capazes de desenvolver a nossa teoria. De facto nem sequer estivemos à altura de fazer a crítica dessas condições absurdas⁽⁹⁾. Ora, agora é uma boa altura. Arranja-te então para o terminares até Abril. Faz como eu: fixa uma data na qual, aconteça o que acontecer, é preciso que tenhas acabado, e vela por que seja impresso sem demora. Se não conseguires imprimi-lo aí, tenta em Mannheim, em Darmstadt ou noutro lado qualquer. Mas importa que a obra surja o mais cedo possível.

Criação do Comité de Correspondência Comunista

De combinação com dois dos meus amigos, Friedrich Engels e Philippe Gigot (ambos em Bruxelas), organizei uma troca de correspondência regular com os comunistas e socialistas alemães⁽¹⁰⁾. Diz res-

(8) Engels faz alusão à obra intitulada *Crítica da política e da economia política* pela qual Marx assinará um contrato, em Fevereiro de 1845, com o editor de Darmstadt Leske. Esta obra antecipa-se a *O Capital*; o texto, inacabado, foi publicado sob o nome de *Manuscritos de 1844*, ditos económico-filosóficos.

(9) Engels alude à especificidade do desenvolvimento histórico, logo também económico e político, da Alemanha, o que explica que em 1845 não tivesse ainda feito a sua revolução burguesa, contrariamente a países comparáveis como a Inglaterra e a França. Na Alemanha a luta tinha sempre tendência a abandonar o domínio da prática — política e económica — para escorregar para o plano teórico, filosófico ou religioso, condenando os protagonistas à impotência e à esterilidade, a menos que houvesse uma intervenção exterior. Donde a tendência marcada nos Alemães para uma visão internacionalista. Cf. *The New Moral World*: «Notas históricas sobre a Alemanha»; «A situação alemã»; «Fraquezas da reacção nacional alemã contra Napoleão» e «Crítica de Hegel».

(10) Cf. Marx a P.-J. Proudhon, 5 de Maio de 1846.

Em Bruxelas, nos princípios de 1846, Marx e Engels fundaram um Comité de correspondência comunista, a fim de agruparem numa rede internacional,

peito tanto à discussão de problemas científicos e à crítica do conjunto dos escritos populares como à propaganda socialista que se pode fazer na Alemanha por este meio. No entanto, o objectivo principal da nossa correspondência será o de pôr os socialistas alemães em contacto com os socialistas franceses e ingleses⁽¹¹⁾, de manter

graças à colaboração de socialistas e comunistas conhecidos, as forças socialistas dispersas pela Europa ocidental. A ala esquerda do cartismo e a Associação operária alemã de Londres sob o impulso de Schapper aceitaram a proposta, como se conclui de uma carta de Harney a Engels (30/3/1846) e das cartas de K. Schapper a Marx (6/6/1846 e 17/7/1846). Mas foi em vão que Marx-Engels pediram a Etienne Cabet, Pierre-Joseph Proudhon e a outros socialistas franceses que colaborassem no seu esforço internacional nas vésperas da grande crise revolucionária que sacudiu toda a Europa em 1848.

O espírito internacionalista era mais forte entre os extremistas ingleses e alemães. Dentre estes últimos, Wolff mantinha contacto com os operários da Silésia, Georg Weber com os de Kiel, Weydmeyer com os da Vestefália, Naut e Köhgen com os de Elberfeld. Os comunistas de Colónia — Daniels, Bürgers e Karl d'Estier — corresponderam-se com intervalos regulares com o Comité de Bruxelas.

Para Marx-Engels, o objectivo deste comité era evidentemente a constituição de um partido proletário revolucionário. No entanto, tendo em conta a relação de forças e o grau de maturidade, de consciência e de organização, a tarefa imediata era, primeiro que tudo, a sua preparação, a tomada de contacto. Para isso, era necessário antes de mais ganhar para o programa revolucionário indivíduos, grupos ou movimentos já empenhados politicamente, utilizando meios simples, disponíveis de imediato, tais como a correspondência pessoal, as circulares, os resultados já adquiridos nas revistas socialistas ou populares por intermédio dos correspondentes interessados pelo comité.

Em suma, é como ponto de partida — a conservar e a ultrapassar na dinâmica do movimento — que é preciso considerar esta iniciativa e não como esquema de organização acabado, espécie de gabinete de informações e estatística (que Marx-Engels criticarão veementemente aos anarquistas, sobretudo depois de 1871). Em geral, é preciso evitar fechar uma forma de organização transitória num esquema rígido de estatutos ou num programa que tem de se fazer saltar para se desenvolver e crescer, o que traz sempre atritos e choques com a acção e a organização desenvolvidas até aí.

(11) Qualquer medida organizativa tem de ser enxertada, como acto de vontade e de sistematização, numa actividade ou numa função já existente ou em vias disso. Deste modo corresponde a uma necessidade que se desenvolve desde logo de maneira coerente para um fim determinado. Não foi portanto por acaso que Marx-Engels tomaram a iniciativa deste Comité de correspondência internacional. Já em Bruxelas, estavam em contacto permanente com os militantes ou com os lares comunistas dos trabalhadores alemães que circulavam de um país para outro. E há já alguns anos que Marx e sobretudo Engels escreviãem artigos de informação e de formação: quando um acontecimento revolucionário, ou que interessava aos operários, se dava num país, na Inglaterra por exemplo, faziam a sua síntese para os trabalhadores dos outros países, Alemanha e França, por exemplo; melhor, de cada vez tiravam os ensinamentos teóricos e práticos para a acção da classe operária de todos os países. Cf. assim os artigos surgidos na Rheinische Zeitung, no Schweizerischer Republikaner, em The New Moral World, nos Annales franco-allemandes, no Vorwärts, em Deutsche Bürgerbuch für 1845, nos Rheinische Jahrbücher für 1846, no Telegraph für Deutschland, em

os estrangeiros ao corrente da agitação e das organizações socialistas que se fazem na Alemanha e de informar os Alemães dos progressos do socialismo em França e na Inglaterra. Deste modo as divergências de opinião poderão aparecer à luz do dia e conseguir-se-á uma troca de ideias e uma crítica imparcial. É um passo que o movimento social deve dar, na sua forma de expressão literária, para se desembaraçar das suas limitações nacionais. E, no momento da acção, será certamente de grande utilidade para todos estarem informados do estado de coisas nos países estrangeiros tanto quanto no seu próprio.

Além dos comunistas na Alemanha, a nossa correspondência reunirá também os socialistas alemães de Paris e de Londres. Estabelecemos já a ligação com a Inglaterra; no que respeita à França julgamos todos que não poderemos encontrar aí melhor correspondente que você: você sabe que os Ingleses e os Alemães o souberam apreciar até agora melhor que os seus próprios compatriotas⁽¹²⁾.

Está a ver portanto que se trata simplesmente de criar uma correspondência regular e de lhe assegurar os meios de seguir o movimento social nos diferentes países, de reunir conclusões ricas e variadas, que o trabalho de um só jamais poderia realizar.

Se quiser aceder à nossa proposta, os encargos postais tanto das cartas que lhe serão enviadas, como os das que nos enviará, serão suportados aqui pois as colectas feitas na Alemanha foram destinadas a cobrir os custos da correspondência.

O endereço daqui, para onde escreverá, é o do Sr. Philippe Gigot, rua de Bodembroek, 8. Será ele igualmente quem assinará as cartas de Bruxelas. É necessário acrescentar que toda essa correspondência exige da sua parte o segredo mais absoluto; na Alemanha os nossos amigos têm de agir com a maior circunspecção para evitarem comprometer-se...

The Northern Star, na Deutsche Brüsseler Zeitung, em La Réforme, em L'Atelier, etc.

Por outro lado, Marx-Engels não perderão nunca a oportunidade de expor o seu ponto de vista, de desmentir um falso rumor ou de desmascarar uma falsificação, utilizando o seu direito de resposta nos jornais pequeno-burgueses ou burgueses. Do mesmo modo, exploraram todas as possibilidades de atingir o público ou as massas, quanto mais não fosse respondendo às inúmeras falsificações ou calúnias da imprensa, chegando até a desafiar o adversário para o tribunal ou para a rua. Cf. por exemplo, MARX-ENGELS, *La Commune de 1871*, 10/18, p. 143-209.

Uma vez estabelecida a ligação internacional de informação ou de contactos com elementos dos diversos movimentos nacionais, Marx-Engels irão mantê-la toda a vida enquanto lhes seja possível, mantendo sempre um pé dentro do movimento internacional.

(12) Na sua resposta de 17 de Maio de 1846, Proudhon rejeitou a oferta de Marx, declarando ser hostil aos métodos de combate revolucionários e ao comunismo. Cf. *Correspondance de P.-J. Proudhon*, t. II, Paris, 1875, p. 198-202.

P.S. — Previno-o quanto ao senhor Grün⁽¹³⁾ que está em Paris. Esse indivíduo não é mais do que um escroque literário, uma espécie de charlatão que procura fazer comércio com as ideias modernas...

Carta do Comité de Correspondência Comunista de Bruxelas a G. A. Köttgen

A G. A. Köttgen para transmitir em comunicado⁽¹⁴⁾.

Apressamo-nos a responder à pergunta que nos dirigiram há alguns dias:

Somos inteiramente da vossa opinião, a saber que os comunistas alemães devem sair do isolamento e da dispersão em que se encontravam até aqui e encetar relações regulares e continuadas entre si do mesmo modo que a necessidade de sociedades de leitura e de discussão se faz sentir com veemência. Com efeito, os comunistas devem antes de mais dar-se claramente conta das suas posições próprias, o que não pode ser obtido sem encontros regulares com vista a discutir problemas comunistas⁽¹⁵⁾. Sendo assim estamos absolutamente de acordo convosco quanto à necessidade de preparar livros e brochuras, baratos e compreensíveis, de conteúdo comunista.

Reconhecem a necessidade de continuar a mandar regularmente pequenas quantias de dinheiro. No entanto, temos de, por nosso lado, rejeitar a vossa proposta segundo a qual essas quotizações deveriam servir para sustentar quem escreve e proporcionar-lhe uma vida ao abrigo de qualquer necessidade. Cremos que essas contribuições apenas devem servir para cobrir as despesas de impressão de panfletos e brochuras comunistas baratos assim como as despesas ocasionadas pela correspondência, incluindo também a que é enviada

⁽¹³⁾ Marx e Engels publicaram diversas declarações contra Karl Grün na *Deutsche Brüsseler Zeitung* e na *Triersche Zeitung* de Abril de 1847, em seguida no *Westphälisches Dampfboot* de Setembro de 1847. Consagraram um capítulo de *A Ideologia Alemã* à crítica da obra de Grün intitulada *O Movimento social em França e na Bélgica* na parte denunciando o socialismo verdadeiro.

⁽¹⁴⁾ Marx-Engels, *Bruxelas*, 15 de Junho de 1846.

Outras cartas do Comité de correspondência comunista de Bruxelas estão editadas em francês em *MARX-ENGELS, Correspondance*, t. I, Novembro de 1835-Dezembro de 1848, Ed. Sociales, p. 402-406, 407-415, 431-437. Encontrar-se-ão além disso, nessa mesma obra, cartas de Marx-Engels a este respeito, por exemplo a de 23 de Outubro de 1846, assim como as cartas dirigidas a camaradas alemães ou a socialistas franceses, ou ingleses, mesmo a grupos socialistas ou democráticos tais como a associação de Vevey.

⁽¹⁵⁾ Não é necessário salientar a importância das reuniões e da presença física dos camaradas, mesmo quando haja dificuldades de língua.

para o estrangeiro. Será necessário fixar um mínimo para as quotizações mensais a fim de que a cada momento se possa determinar rapidamente e com segurança o que pode ser utilizado para as necessidades colectivas. Além disso, importa que nos comuniquem os nomes dos membros da vossa associação comunista — dado que é necessário saber com que tipo de pessoas temos de tratar, tal como o sabem no que a nós respeita. Finalmente, esperamos que nos indiquem o montante das vossas contribuições mensais com vista a cobrir as necessidades colectivas, dado que é preciso começar o mais cedo possível a imprimir algumas brochuras populares. Compreenderão facilmente que essas brochuras não podem ser publicadas na Alemanha: não é necessário demonstrá-lo.

Vocês nutrem, na realidade, grandes ilusões no que respeita ao Parlamento federal, ao rei da Prússia ⁽¹⁶⁾, às instâncias de distrito, etc. Um manifesto só poderia ter efeito se existisse já na Alemanha um partido comunista forte e organizado, ora não há nada disso. Uma petição só tem sentido se se apresentar também como ameaça, por detrás da qual está uma massa compacta e organizada. Tudo o que poderiam fazer — no caso de as condições do vosso distrito a isso se prestarem — era arrancar com uma petição com assinaturas importantes e muitas de trabalhadores.

Não pensamos ser o momento de ter um congresso comunista. Só quando associações comunistas se tiverem estendido a toda a Alemanha e tiverem posto a funcionar meios para a sua acção, se poderão reunir os delegados das diferentes associações num congresso com perspectivas de êxito. Isso não será possível portanto antes do ano que vem.

Até lá o único meio de acção comum será a troca de opiniões e a clarificação através de uma correspondência regular.

Daqui, trocamos já alguma correspondência, de tempos a tempos, com os comunistas ingleses e franceses assim como com os comunistas alemães do estrangeiro. Sempre que recebermos relatórios sobre o movimento comunista em Inglaterra e em França, e em geral sempre que soubermos alguma coisa, comunicar-lhes-emos.

Pedimo-lhes que nos indiquem um endereço seguro (e não mencionar mais, no verso de todas as cartas, o nome de G. A. Kötting, por exemplo, de forma a que não se descubra imediatamente tanto o expedidor como o destinatário).

⁽¹⁶⁾ O rei da Prússia que tinha todo o interesse em fazer a vida cara à burguesia nascente, mostrava-se favorável às reivindicações dos trabalhadores. Marx tinha desmascarado o sentido destas manobras e evidenciado todos os seus limites nas suas «Notas críticas ao artigo de Ruge «O Rei da Prússia e a Reforma Social» (Vorwärts, 7-8-1844; trad. franc.: *Écrits militaires*, p. 156-176).

Escrevam-nos para o endereço perfeitamente seguro que se segue:

Sr. Philippe Gigot, Rua de Bodembroek, 8, Bruxelas
K. MARX, F. ENGELS, P. GIGOT, F. WOLFF.

P.S. — Weerth, actualmente em Amiens, manda-lhes cumprimentos.

Se puserem em execução o vosso projecto de petição, isso conduzi-los-á muito simplesmente a proclamar abertamente a fraqueza do partido comunista e a comunicar ao governo os nomes daqueles que deve vigiar de perto. Se não puderem arranjar uma petição operária que contenha pelo menos quinhentas assinaturas, façam antes como os burgueses de Trèves quando reclamam a instituição de um imposto progressivo sobre os rendimentos: se os burgueses da região não se associam a ela, pois bem, juntem-se a eles, por agora, nas manifestações públicas; actuem de forma jesuítica; deitem para trás das costas a tradicional honestidade alemã, a fidelidade sentimental e a quietude tranquila, assinando e estimulando as petições burguesas pela liberdade de imprensa, a Constituição, etc. Se tudo isso se tornar um facto, é a alvorada de uma nova era para a propaganda comunista. Os meios de acção serão multiplicados por nós, e o antagonismo entre burguesia e proletariado será nítido. Num partido é preciso apoiar tudo o que ajuda a fazer avançar o movimento, e sobre este ponto não se deve dar provas de disparatados escrúpulos morais.

Além disso deveriam eleger um comité permanente para a correspondência, que se reunisse com periodicidade fixa para elaborar e discutir as cartas a enviar-nos. Doutra maneira, as coisas correrão de forma desordenada. Escolham aquele que consideram mais capaz para preparar as cartas. Devem ser banidos tanto as considerações como os respetos pessoais, pois é o que estraga tudo. Comunique-nos, claro, os nomes dos membros do comité. Adeus.

Actividade no seio da Liga dos Comunistas

Há pouco que relatar a propósito das minhas disputas com os comunistas de origem artesanal de Paris (17). O essencial é que os

(17) Carta de Engels a Marx de 23 de Outubro de 1846. Esta carta representa uma espécie de síntese da actividade de Engels em Paris, durante o Verão de 1846, com vista a convencer as comunas parisienses da Liga dos justos da superioridade das posições do comité de Bruxelas e anular a influência do «socialismo verdadeiro» de Grün.

Na sequência dos esforços de Engels em Paris, deu-se uma cisão no seio

diversos pontos de litígio que me faltava acertar com eles estão agora resolvidos. O mais importante dos partidários e discípulos de Grūn — papá Eisermann — foi posto na rua, enquanto os outros perderam a sua influência sobre a massa e consegui a unanimidade numa resolução contra eles.

Els, em poucas palavras, os factos:

Durante três noites seguidas, discutimos o plano de associação de Proudhon. Para começar, tinha quase toda a malta contra mim e no fim já só estavam contra mim Eisermann e três outros partidários de Grūn.

De qualquer modo, tratava-se antes de mais de demonstrar a necessidade da revolução violenta e de refutar o socialismo «verdadeiro» de Grūn (que tinha encontrado uma vitalidade nova na panaceia de Proudhon), demonstrando que é anti-proletário, pequeno-burguês e se inspira nas nostalgias comunistas dos artesãos ultrapassados pela indústria moderna.

A força de ouvir repetir incessantemente os mesmos argumentos pelos meus adversários, acabei por me irritar e ataquei directamente o comunismo dos alfaiates, o que indignou e chocou os partidários de Grūn, mas me permitiu arrancar ao nobre Eisermann um ataque aberto contra o comunismo. Imediatamente lhe tapei a boca com tal dureza que não repetiu a cena.

das comunas parisienses da Liga dos justos contra os elementos influenciados por Weitling e Proudhon, e a direcção passou para os Londrinos (que deveriam mais tarde, após algumas hesitações, é certo, apelar para que Marx-Engels redigissem o seu novo programa, o Manifesto comunista de 1848, e reorganizar a Liga por completo). O êxito alcançado por Engels durante o Outono de 1846 em Paris preparou a vitória do socialismo científico sobre o socialismo utópico e pequeno-burguês. A cisão da organização parisiense da Liga, enfraqueceu, além disso, o Conselho central da Liga que continuava a defender as posições do comunismo sentimental dos alfaiates.

Este episódio ilustra o carácter indissociável da elaboração do socialismo científico e da acção militante de partido, nomeadamente da polémica.

Em geral, o marxismo apresenta-se como um conjunto de regras que indicam aos comunistas como se não deve fazer, negação não só da sociedade capitalista, como ainda de todas as suas falsas doutrinas.

Nas comunas parisienses Engels não esbarrou apenas com as posições erróneas de Karl Grūn e Weitling, mas ainda com as de Proudhon. Foi Engels que, na luta, portanto, escreveu a primeira página de *Miséria da filosofia*, de que dirá em seguida aos seus contactos em Paris que «o recente livro de Marx contra Proudhon pode ser considerado como o nosso programa» (relatório de Engels a Marx, 26/10/1847).

Uma tal vitória teórica não é nunca para o marxismo um facto contingente e parcial: a *Miséria da filosofia* continha não só uma exposição do socialismo científico em polémica com os socialismos do passado, mas ainda uma crítica definitiva do socialismo pequeno-burguês e do anarquismo.

Dal em diante, recorri a argumentação fornecida pelo próprio Eisermann aquando da sua diatribe contra o comunismo, tanto mais que Grün não parava de intrigar, correndo as oficinas e juntando as pessoas em casa dele depois das reuniões de domingo. Finalmente, caiu no disparate espantoso de atacar, também ele, o comunismo diante de uma dezena de artesãos. Declarei, em consequência disso, que antes de qualquer discussão era preciso votar para vermos se estávamos a tratar com pessoas que se pretendiam comunistas. Se sim, era preciso estar atento para evitar a repetição de ataques ao comunismo, como os de Eisermann; se não, eram pessoas quaisquer discutindo qualquer coisa que se encontravam aqui e então podiam ir passear, que eu não voltaria mais às suas reuniões. Grande efervescência entre os adeptos de Grün e protestos de que estavam lá «para o bem da humanidade» e para se esclarecerem mutuamente as ideias, que eram homens de progresso e não sectários, em resumo que era de todo descabido qualificar de «quaisquer» pessoas honestas e boas como eles. De resto, era necessário antes de mais que soubessem o que era verdadeiramente o comunismo. (Há anos que estes cães se apodavam de comunistas e só se tinham tornado recalcitrantes sob a pressão de Grün e de Eisermann que, por seu lado, se tinham infiltrado entre eles a pretexto do comunismo ⁽¹⁸⁾!) É evidente que, perante tanta ignorância, não me deixei cair no seu amável pedido de explicação em duas ou três palavras do comunismo. Dei-lhes uma definição extremamente simples que ia exactamente tão longe como os pontos em litígio na discussão. Apresentei a comunidade de bens de forma a excluir todo o pacifismo, afectação e respeito em relação aos burgueses, mesmo aos artesãos, e à sociedade por acções ⁽¹⁹⁾ à Proudhon que salvaguarda a propriedade individual, evitando por outro lado tudo o que pudesse dar matéria a divagações ou desviar

⁽¹⁸⁾ Para Marx-Engels a sociedade comunista — não como aspiração mais ou menos vaga ou utópica, mas como resultado necessário do desenvolvimento económico — está no centro da acção e da doutrina revolucionárias. Donde a indignação e o desprezo de Engels para com os comunistas que não sabem a que é que aspiram. O papel do partido é evidentemente o de dar uma consciência clara e rigorosa, baseada numa análise científica, do comunismo.

A degenerescência do movimento operário internacional confundiu nos nossos dias até a visão comunista, e podem contar-se por milhões aqueles que se pretendem marxistas e não sabem que o socialismo é a abolição do mercantilismo, do dinheiro e do salaríato que se desenvolvem a um ritmo acelerado nas democracias populares.

⁽¹⁹⁾ Nos Fundamentos da crítica da economia política, Marx explica longamente através de que mecanismo o sistema de sociedade à Proudhon corresponde em suma a uma sociedade por acções (cf. t. I, p. 89-92, «Questão dos bónus-horários»).

do voto proposto. Defini como segue os fins dos comunistas: 1. Fazer prevalecer os interesses dos proletários, opondo-os aos dos burgueses; 2. Atingir esse objectivo abolindo a propriedade privada e substituindo-a pela comunidade dos bens; para obter isto, não admitir outros meios que não os da revolução violenta e democrática.

Discutimos tudo isto durante duas noites. Na segunda noite o mais forte dos três partidários de Grün, tendo-se dado conta do estado de espírito da maioria, passou pura e simplesmente para o meu lado, enquanto que os outros dois não faziam mais nada senão contradizerem-se um ao outro, sem mesmo disso se aperceberem. Vários assistentes, que até aí não tinham dito palavra, abriram de repente a boca e declararam-se resolutamente a meu favor. Só Jung o tinha feito até então. Alguns desses «homens novos», temendo ficar encurralados, falaram muito bem e pareceram em geral ter um sólido bom senso. Em resumo, quando se passou à votação, a assembleia declarou-se comunista, no sentido da definição acima, por treze votos contra dois, os dos últimos partidários que se mantiveram fiéis a Grün — e aliás um deles declarou logo a seguir que tinha uma vontade enorme de se converter.

O caso dos Londrinos é aborrecido precisamente por causa de Harney e porque eles eram os únicos comunistas utópicos dentre os artesãos alemães com quem se poderia tentar uma aproximação imediata e sem reservas⁽²⁰⁾. Se não querem, pois bem, não temos mais que abandoná-los. De qualquer forma não temos nunca a certeza de que não dirigirão de novo mensagens miseráveis como as que enviaram ao sr. Ronge e aos proletários de Schleswig-Hols-

⁽²⁰⁾ Cf. Engels a Marx, Dezembro de 1846.

Engels faz alusão a um diferendo — aliás menor, ainda que significativo — surgido entre a Liga dos justos de Londres e Marx-Engels, visto que no fim de contas a aproximação se fará mesmo assim, quando a Liga lhes propuser aderir e contribuir para a sua reorganização e para a elaboração do seu programa. Efectivamente, a Liga de Londres tinha feito uma proclamação exprimindo a sua desconfiança a respeito das «gentes instruídas», por outras palavras aos teóricos do socialismo científico moderno e nomeadamente Marx-Engels. Além disso propunha a convocação de um congresso comunista em Maio de 1847, a fim de pôr termo às divergências ideológicas no interior do movimento comunista. Ora, Marx-Engels pensavam que antes de fazer um congresso era necessário alargar e consolidar a organização, fortalecer as posições do comunismo moderno e estabelecer relações internacionais, nomeadamente com a ala esquerda do cartismo, G. J. Harney. Em resumo, como o virão a propor tantas vezes durante a sua longa vida política, é preciso preparar, através de um trabalho em profundidade, os actos oficiais de organização, os congressos, etc., marcando um alto que espante os espíritos tanto no interior como no exterior, quando geralmente se crê que esses grandes acontecimentos constituem o agulhão, substituem mesmo o trabalho em profundidade.

tein⁽²¹⁾. Sem falar dessa eterna inveja que sentem em relação a nós, os «intelectuais». De resto, dispomos de dois métodos para nos desembaraçarmos deles se se insurgirem: romper sem cerimónia com eles, ou mais simplesmente reduzir a correspondência. Optaria por esta última solução, se a sua última carta admitir uma resposta que, sem os ferir directamente, fosse suficientemente branda para lhes tirar toda a vontade de se manifestarem demasiado rapidamente. Depois, podemos esperar algum tempo antes de responder à carta deles e como são um pouco sornas com a correspondência, duas ou três cartas chegarão para adormecer completamente esses senhores.

Não temos órgão de imprensa e mesmo que tivéssemos, não são eles que escrevem; não se contentam eles em lançar de tempos a tempos manifestos que nem sequer atingem os interessados e com os quais ninguém se preocupa? Quando atacarmos o comunismo dos artesãos, poderemos utilizar os seus belos documentos, estando a correspondência reduzida, tudo correrá na perfeição: a ruptura far-se-á progressivamente, sem barulhos. No intervalo, entender-nos-emos calmamente com Harney, tendo em atenção que eles nos devem carta (o que não deixarão de fazer, se os tivermos feito esperar, antes, durante seis a dez semanas) e depois deixá-los-emos berrar. Uma ruptura aberta com eles não nos traria nenhuma vantagem, nem nenhuma glória.

Os diferendos teóricos são praticamente impossíveis com essa gente, dado que nem teoria têm, além da das suas eventuais reticências em relação a nós quando lhes damos lições. Do mesmo modo, não são capazes de formular a sua desconfiança e as suas reservas; não é portanto possível discutir com eles, salvo talvez oralmente. No entanto, em caso de ruptura directa, poderiam utilizar contra nós a mania tão divulgada entre os comunistas — a necessidade de se instruir —, dizendo que apenas pediam para aprender com esses senhores instruídos, se é que têm alguma coisa para lhes ensinar, etc.

Os diferendos práticos reduzir-se-iam rapidamente a querelas pessoais ou pelo menos aparentá-lo-iam, dado que são pouco numerosos no comité, tal como nós. Face a literatos, podemos fazer figura de partido; perante esses artesãos pregando o comunismo utópico, não. No fim de contas, reúnem apesar de tudo, algumas centenas de homens, são reconhecidos pelos Ingleses graças a Harney e na Alemanha O Observador renano proclama com insistência que

(21) Trata-se de uma proclamação significativa das fraquezas do comunismo utópico à Weitling. Com efeito, propunha «purificar» o cristianismo a fim de que servisse a causa do comunismo. Esta mensagem era assinada por H. Bauer, J. Moll, K. Schapper e A. Lehmann, e foi lançada pela Associação alemã para a formação dos operários de Londres.

formam uma sociedade de comunistas entusiastas, nada fraca. De resto, enquanto não houver mudança na Alemanha, são os mais suportáveis dos comunistas da escola antiga e certamente o que de melhor se pode fazer com artesãos. Esta história ensinou-nos entretanto que nada se pode fazer com essa gente, por muito boa que seja, enquanto a Alemanha não conhecer um movimento operário vulgar.

Será portanto melhor deixá-los em paz, não os atacar senão em bloco, em vez de arranjar uma querela, na qual não falamos mais do que nos sujarmos a nós próprios. Perante nós, esses brincales pretendem ser «o povo», os «proletários», mas nós podemos apelar para um proletariado comunista que, na Alemanha, deverá ainda desenvolver-se (22). Para mais, teremos em breve uma constituição na Prússia e poderemos então ter necessidade dessa gente para petições, etc.

Aliás, é provável que com toda a minha prudência chegue tarde, visto que vocês já terão tomado, sem dúvida, uma decisão a este respeito, e até mesmo já a terão posto em execução.

A confusão é infernal entre estes bons artesãos das comunas de Paris (23). Alguns dias antes da minha chegada, tinham sido expulsos os últimos partidários de Grün, isto é uma comuna inteira, tendo regressado, no entanto, metade. Não somos mais do que uns trinta, actualmente. Arranjei logo uma comuna de propaganda, e trabalho como um doido. Os membros da comuna elegeram-me imediatamente e encarregaram-me da correspondência. Há vinte a trinta homens que se propõem aderir. Em breve seremos mais fortes que nunca.

Aqui para nós fiz uma grande partida a Moses Hess. Ele tinha feito adoptar uma «Profissão de fé» toda cor-de-rosa que tinha melhorado divinamente (24). Sexta-feira passada, no distrito, desmontei-a ponto por ponto: ainda só tinha chegado a meio e já toda a gente se dizia convencida e satisfeita. Sem a menor oposição, fiz-me

(22) Marx-Engels baseiam-se num movimento que não existe ainda (na Alemanha), mas de que toda a sociedade inglesa é a prefiguração. O método é precisamente o do socialismo científico: a antecipação revolucionária.

(23) Cf. Engels a Marx, 26 de Outubro de 1847.

(24) No congresso de Junho de 1847 em que a Liga dos justos tinha tomado a designação de Liga dos comunistas, a discussão recaiu sobre o programa e decidiu-se confiar a elaboração de uma «Profissão de fé» ao comité central, formado por K. Schapper, H. Bauer e J. Moll. O projecto dessa profissão de fé comunista foi enviado aos distritos e comunas da Liga. Cheio de comunismo utópico, não satisfez nada Marx e Engels, como aliás também não o projecto emendado pelo «socialista verdadeiro» Moses Hess.

encarregar da elaboração da nova profissão de fé⁽²⁵⁾ que será discutida sexta-feira próxima no distrito e que será enviada para Londres nas costas das comunas. É necessário evitar, naturalmente, que alguém se aperceba disso, senão seríamos todos depostos — e isso provocaria um escândalo terrível.

Born, a caminho de Londres, passará aí em Bruxelas a vê-los⁽²⁶⁾. Talvez chegue antes desta carta. É suficientemente temerário para atravessar a Prússia descendo o Reno: esperemos que não se deixe apanhar! Quando aí estiver dá-lhe instruções. Mais do que qualquer outro, tem o espírito aberto às nossas ideias e fará também bons serviços em Londres com a condição de estar um pouco preparado.

Meu Deus, quase me esquecia totalmente de que o grande Heinzen me tinha atirado, do alto dos Alpes, uma avalanche de lama⁽²⁷⁾. Felizmente que sai tudo no mesmo número, de tal modo que ninguém o vai ler até ao fim; até mesmo eu tive de parar várias vezes. Que imbecil! Se uma vez disse que ele não sabia escrever, tenho de acrescentar agora que também não sabe ler e, enfim, nem sequer está ao corrente da aplicação das quatro regras da aritmética. Esse burro deveria ler a carta de O'Connor aos jornais radicais, aparecida no último *Northern Star*, carta na qual começa por os tratar por *you ruffians* («rufiões») e que termina da mesma forma: Heinzen teria podido ver que em matéria de insultos não passa de um pobre aprendiz. Mas tu saberás pôr no seu lugar esse parolo idiota. O melhor seria responder em poucas palavras. Em todo o caso eu não lhe poderia responder — a não ser com um bom par de bofetadas⁽²⁸⁾!

⁽²⁵⁾ Engels tinha elaborado um outro texto — ainda muito próximo, na forma, da «Profissão de fé» da Liga — a que chamou *Princípios do comunismo* e que serviu de base ao *Manifesto do partido comunista*, programa definitivo da Liga dos comunistas: cf. a tradução francesa nas edições Costes do *Manifesto comunista* seguido dos *Princípios do comunismo* de F. Engels, 1953; o «Projecto de profissão de fé comunista» foi publicado em alemão e em tradução francesa na *Liga dos comunistas* (1847), documentos reunidos por Bert Andréas e tradução de Jacques Grandjón, ed. Aubier, 1972, p. 125-141.

⁽²⁶⁾ Stephan Born deslocou-se a Londres para assistir ao segundo congresso da Liga dos comunistas (de 29 de Novembro a 8 de Dezembro de 1847). Marx teve oportunidade de encontrar Born a quem encarregou de fazer um discurso, como representante da Associação operária, aquando da comemoração internacional da insurreição polaca (Bruxelas, 15 de Novembro de 1847).

⁽²⁷⁾ Engels faz alusão ao artigo de Karl Heinzen intitulado «Um 'representante' dos comunistas», em resposta ao artigo polémico de Engels «Os comunistas e Karl Heinzen», inserto na mesma *Deutsche Brüsseler Zeitung*.

⁽²⁸⁾ Marx escreveu, nos fins de Outubro de 1847, um longo estudo intitulado «A crítica moralizante e a moral criticante. Contribuição para a história da civilização alemã», trad. franc. KARL MARX, *Textes* (1842-1847), ed. Spartacus, p. 92-126.

Nascimento do partido e do sindicalismo revolucionário

Marx lastimou bastante a nota incompreensível que publicou no número 104 relativa à passagem da sua *Miséria da filosofia* (1847) em que escrevia que tanto os socialistas como os economistas estavam de acordo quanto a condenar os sindicatos. Essa nota dizia que era necessário incluir aqui os únicos «socialistas da escola de Proudhon»⁽²⁹⁾.

⁽²⁹⁾ Cf. Engels a August Bebel, por volta de 12 de Outubro de 1875. Nessa carta, Engels põe em evidência a originalidade absoluta do socialismo científico de Marx-Engels, teoria nascida em bloco por altura de 1848 e marcando a ruptura qualitativa entre dois modos de produção radicalmente antagónicos: o capitalismo e o comunismo.

Pondo de parte qualquer modéstia, fundamentada ou não (seria a despropósito), Engels atribui toda a teoria do proletariado moderno a Marx. Sublinha assim não os méritos pessoais do seu amigo (não é aí que está a questão), mas a especificidade ou a originalidade absoluta da teoria e dos métodos do socialismo moderno.

Apoiando-nos em citações do próprio Marx, já mostrámos que o socialismo científico é a teoria de classe do proletariado moderno, como obra dessa vanguarda que é o partido. De facto, o partido é o organismo de classe menos determinado pela soma das opiniões individuais, contingentes e passageiras, dos milhões de proletários que formam a classe. É antes o corpo que possui, no mais alto grau, a visão de conjunto da acção colectiva e dos objectivos gerais que interessam a toda a classe. É nele que se concentra ao máximo a intenção de mudar todo o regime de produção e de sociedade. Essa extrema concentração histórica, política, teórica, Engels exprime-a no texto acima, utilizando a imagem da pessoa de Marx — como será a de Lenine depois de 1919. Mas trata-se apenas de uma espécie de símbolo, de fórmula.

Na acção militante de Marx-Engels no seio do movimento operário, esta passagem ao comunismo moderno pode ser assinalada na preparação do Segundo Congresso da Liga dos comunistas (Novembro de 1847) com a fórmula nova dos *Princípios do comunismo*: «Abolição da propriedade privada, eis a fórmula que resume da forma mais breve e mais significativa a transformação da sociedade por inteiro [a revolução está no centro], tal como resulta necessariamente [determinismo] do desenvolvimento da indústria [economia], e é portanto com fundamento que os comunistas fazem dela a sua reivindicação principal [sociedade comunista].»

Marx-Engels fizeram daí em diante tábua rasa da idílica comunidade dos bens do socialismo utópico dos artesãos, pequenos burgueses, filantropos burgueses e outros doutrinários. Marx-Engels propõem uma fórmula que exprime a realidade concreta da concepção económica e política nova da velha reivindicação da abolição da propriedade privada: «O objectivo da Liga é o derrube da burguesia, a dominação do proletariado, a abolição da velha sociedade burguesa, fundada nos antagonismos de classes e a instauração de uma sociedade nova, sem classes e sem propriedade privada.» Todo este programa histórico imenso é fixado ao proletariado quando da sua constituição em partido político, logo em classe histórica, para o qual contribuíram Marx-Engels, tanto na teoria como na prática.

Ora, primeiramente, nessa época não existia outro socialista da escola proudhoniana além do próprio Proudhon. Segundo, Marx entendia exactamente por socialistas todos os socialistas que até aí se tinham manifestado (com excepção de nós os dois que éramos desconhecidos em França), na medida em que eram obrigados a preocuparem-se com alianças — e à cabeça: Robert Owen! Isto aplica-se portanto tanto aos owenistas como aos socialistas franceses, entre os quais Cabet. Como não existia direito de aliança em França, essa questão nem sequer aí se levantava.

Ora, como antes de Marx apenas existia um socialismo feudal, burguês, pequeno-burguês, utópico, ou que combinava estes diferentes elementos, era evidente que todos estes socialismos, que pretendiam possuir todos a panacela e que se mantinham completamente fora do movimento vivo dos trabalhadores, não viam em qualquer forma do movimento real, logo também nos sindicatos e nas greves⁽³⁰⁾, senão um meio de desencaminhar as massas e de as afastar da única via de salvação da fé verdadeira.

Como o constata, a nota que juntou à passagem de Marx da Miséria da filosofia⁽³¹⁾, é não só falsa, como ainda totalmente absurda. Parece assim impossível para as nossas gentes — pelo menos para um certo número deles — limitarem-se nos seus artigos àquilo que verdadeiramente compreenderam. E eis a prova: os anéis sem fim da ténia teórico-socialista de Ks e Synmachos⁽³²⁾ e consortes que, com as suas balelas económicas e os seus pontos de vista deslocados, demonstram o seu desconhecimento da literatura socialista, arruinando de cima a baixo a superioridade teórica do movimento operário alemão até aos nossos dias. Por causa desta nota, Marx esteve quase disposto a fazer uma declaração.

(30) Uma das grandes novidades do socialismo científico de Marx-Engels em relação a todos os outros pretensos socialismos anteriores, é a importância fundamental dada ao movimento económico de reivindicação dos trabalhadores (sindicatos, associações de produção, etc.) e a sua ligação ao partido de classe.

(31) Engels alude à observação seguinte feita no artigo «Karl Marx sobre as greves e alianças operárias» do Gleichheit de Viena, reproduzido no Vorwärts de 8, 10 e 15 de Setembro de 1875, a propósito da oposição dos economistas e dos socialistas aos sindicatos e greves: «Tratava-se de socialistas da tendência de Proudhon. É preciso acentuá-lo dado que esta palavra foi mais tarde utilizada igualmente neste sentido. Ora, Marx e os seus amigos tinham então o costume de qualificar de comunistas os socialistas consequentes.»

(32) Karl Kautsky utilizou este pseudónimo nos seus artigos do período 1875-1880. O primeiro artigo de Kautsky para o Volksstaat intitulava-se: «A questão social considerada do ponto de vista de um trabalhador intelectual», em Setembro e Outubro de 1875.

Ks ocultava um nome que não foi possível descobrir.

Estatutos da Liga dos Comunistas

Proletários de todos os países, uni-vos!

Secção I — A LIGA

Artigo 1.º — O objectivo da Liga é o derrube da burguesia, o domínio do proletariado, a abolição da velha sociedade burguesa, fundada nos antagonismos de classe, e a instauração de uma sociedade nova, sem classes e sem propriedade privada ⁽³³⁾.

Art.º 2.º — As condições de adesão são:

- a) um modo de vida e uma actividade conformes com este objectivo;
- b) uma energia revolucionária e um zelo propagandista;
- c) fazer profissão de comunismo;
- d) abster-se de participar em qualquer sociedade política ou nacional anticomunista e informar o Comité superior da inscrição numa sociedade qualquer;
- e) submeter-se às decisões da Liga;
- f) guardar segredo sobre a existência de qualquer assunto da Liga;
- g) ser admitido por unanimidade numa comuna.

Quem quer que já não responda a estas condições é excluído.
(Ver secção VIII.)

Art.º 3.º — Todos os membros são iguais e irmãos e devem-se portanto ajudar em qualquer circunstância ⁽³⁴⁾.

⁽³³⁾ Marx e Engels colaboraram activamente na redacção destes estatutos elaborados para o 1.º congresso da Liga em Junho de 1847. Após discussão nas comunas da Liga, foram ainda objecto de debates aquando do 2.º congresso (29 de Novembro a 8 de Dezembro de 1847) e foram adoptados definitivamente em 8 de Dezembro.

O primeiro artigo fixa os objectivos (invariáveis) que a Liga persegue e donde se deduzem todos os preceitos do militante conforme a situação em que se encontra. De facto, estes estatutos trazem a marca da época e das condições correspondentes de luta, nomeadamente a da necessidade da clandestinidade imposta pelas autoridades tanto prussianas como francesas, inglesas, belgas, etc., aos militantes emigrados.

⁽³⁴⁾ Este artigo, entre outros, testemunha o espirito de comunismo utópico próprio dos artesãos e abstrai das condições materiais, económicas e políticas. Com efeito, é impossível introduzir relações «de iguais e irmãos em qualquer circunstância» — mesmo entre camaradas de partido — enquanto subsistam as relações capitalistas, o que não obsta nada a relações cordiais. As relações entre homens não podem ser modificadas, mesmo num círculo restrito, sem uma mudança prévia da base material, uma acção revolucionária. Efectivamente, os

Art.º 4.º — Os membros usam um pseudónimo.

Art.º 5.º — A Liga está organizada em comunas, distritos, distritos directores, Conselho Central e Congresso.

Secção II — A COMUNA

Art.º 6.º — A comuna é composta por três membros no mínimo e vinte no máximo.

Art.º 7.º — Cada comuna elege um presidente e um adjunto. O presidente dirige a assembleia, o adjunto toma conta da caixa e substitui o presidente em caso de ausência.

Art.º 8.º — As diferentes comunas não se conhecem entre si, e não trocam correspondência.

Art.º 10.º — As comunas têm nomes que as distinguem.

Art.º 11.º — Todo o membro que mudar de endereço deve avisar previamente o presidente.

Secção III — O DISTRITO

Art.º 12.º — O distrito compreende no mínimo duas e no máximo dez comunas.

Art.º 13.º — Os presidentes e adjuntos da comuna formam o comité de distrito. Este elege um presidente dentre os seus elementos e mantém correspondência com as suas comunas e o distrito director.

Art.º 14.º — O comité de distrito representa o poder executivo para todas as comunas do distrito.

Art.º 15.º — As comunas isoladas devem ou ligar-se a um distrito já existente ou então formar com outras comunas um novo distrito.

Secção IV — A DIRECÇÃO DE DISTRITO

Art.º 16.º — Os diferentes distritos de uma região ou de uma província estão colocados sob a autoridade de uma direcção de distrito.

artezãos que constituíam a maioria da Liga dos comunistas reatavam relações com as tradições de camaradagem (associações fraternas de solidariedade entre gente do mesmo ofício, ou então do companheiro que corre terras para aprender o seu ofício encontrando abrigo e ajuda em casa de todos os artezãos do seu ofício).

Art.º 17.º — A divisão dos distritos da Liga das províncias e a nomeação das direcções de distrito incumbem ao Congresso sob proposta do Conselho central (35).

Art.º 18.º — A direcção de distrito forma o poder executivo para todos os distritos de uma província. Mantém correspondência com estes distritos e com o Conselho central.

Art.º 20.º — As direcções de distrito são, provisoriamente, responsáveis perante o Conselho central e, em última instância, perante o Congresso.

Secção V — O CONSELHO CENTRAL

Art.º 21.º — O Conselho central forma o poder executivo de toda a Liga e, enquanto tal, é responsável perante o Congresso.

Art.º 22.º — É composto por, pelo menos, cinco membros e é eleito pela direcção de distrito do local em que o Congresso fixou a sede da Liga.

Art.º 23.º — O Conselho central está em contacto com as direcções de distrito. Elabora de três em três meses um relatório sobre a situação de toda a Liga.

Secção VI — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art.º 24.º — As comunas e as direcções de distrito, assim como o Conselho central, reúnem-se pelo menos uma vez de quinze em quinze dias.

(35) A organização numa base territorial, aqui claramente afirmada, é característica de uma constituição de partido político. A hierarquia insere-se muito naturalmente num dado físico e prático de coordenação.

Por definição, o partido do proletariado deve colocar-se acima das diversas categorias profissionais porque estas reflectem os interesses materiais de grupos sociais limitados e contraditórios que se sobrepõem directamente à divisão da produção própria do modo capitalista. Basear a organização do partido em células de empresas é fazer descer o partido ao nível económico, semi-sindical, é fechá-lo nas fábricas onde não só as possibilidades de reunião são limitadas, mas em que a composição de uma célula em nada reflecte a diversidade de actividades e de interesses — logo a largueza de visão possível — das células territoriais, mais políticas. Por fim, a ligação entre células de fábricas reflecte ou um tipo federativo, ordenado em função dos ramos de indústria existentes (capitalistas), ou então um tipo burocrático, ou, enfim, uma mistura dos dois o que leva a uma falta de coordenação viva e orgânica, logo a um deixar-andar que se acrescenta a uma ditadura de chefes mais ou menos isolados das massas e irresponsáveis em relação aos princípios do programa geral da classe.

Art.º 25.º — Os membros da direcção dos distritos e do Conselho central são eleitos por um ano, reelegíveis e exoneráveis em qualquer altura pelos seus eleitores.

Art.º 26.º — As eleições têm lugar no mês de Setembro.

Art.º 27.º — As direcções de distrito devem orientar as discussões em conformidade com os objectivos da Liga⁽³⁶⁾.

Se o Conselho central considera que a discussão de certas questões tem um interesse geral e imediato, deve convidar toda a Liga para discutir essas questões.

Art.º 28.º — Cada membro da Liga deve corresponder-se pelo menos uma vez por trimestre e cada comuna pelo menos uma vez por mês com a sua direcção de distrito.

Cada distrito deve dirigir, à direcção de distrito, um relatório sobre a sua esfera pelo menos uma vez cada dois meses e esta pelo menos uma vez cada três meses ao Conselho central.

Art.º 29.º — Cada centro da Liga deve tomar, dentro dos limites dos estatutos e sob a sua própria responsabilidade, as medidas apropriadas para a sua segurança e para a eficácia de uma acção enérgica e avisar disso sem demora o centro superior.

Secção VII — O CONGRESSO

Art.º 30.º — O Congresso é o poder legislativo do conjunto da Liga. Todas as propostas relativas a uma modificação dos estatutos são enviadas pelas direcções de distrito ao Conselho central que as submete ao Congresso⁽³⁷⁾.

Art.º 31.º — Cada distrito envia um delegado.

Art.º 32.º — Cada distrito envia um delegado para trinta mem-

⁽³⁶⁾ Acima de todas as hierarquias está o programa, o objectivo definido no primeiro artigo dos estatutos. Este programa é a síntese das tarefas ditas ao proletariado, enquanto classe, pela evolução objectiva da história para a destruição da forma de produção e de sociedade capitalista, e não depende da vontade. Em relação ao programa não há questão de disciplina: ou é aceite ou não é e neste último caso sai-se da organização. Este programa é comum a todos e não é proposto ou estabelecido pela maioria dos camaradas. O Conselho central, e mesmo a instância suprema de decisão — o Congresso —, não tem o direito de o modificar. Eles próprios, pelo contrário, são controlados pelos militantes ou grupos de militantes em função desse programa. Eis porque qualquer tentativa de deformação ou de interpretação, qualquer afastamento em relação a este programa na realização prática, devem ser considerados como uma ruptura da palavra dada, uma renegação, uma traição.

⁽³⁷⁾ Como qualquer instituição humana, o partido deve poder mudar os seus estatutos (donde o seu carácter — historicamente — relativo), mas se os modifica em oposição ao programa, renega ou trai.

bros, dois até sessenta, três até noventa membros, etc. Os distritos podem fazer-se representar por membros da Liga que não pertençam à sua localidade.

Neste caso, devem enviar ao seu deputado uma procuração detalhada.

Art.º 33.º — O Congresso reúne-se no mês de Agosto de cada ano⁽³⁸⁾. Em caso de urgência, o Conselho central convocará um Congresso extraordinário.

Art.º 34.º — O Congresso fixa de cada vez o local em que o Conselho central terá a sua sede para o ano seguinte e o local em que o Congresso se reunirá da vez seguinte.

Art.º 35.º — O Conselho central tem o direito de estar presente no Congresso, mas não tem voto decisivo.

Art.º 36.º — Após cada uma das sessões, o Congresso publica, além da sua circular, um manifesto em nome do partido.

Secção VIII — INFRAÇÕES PERANTE A LIGA

Art.º 37.º — Quem violar as condições impostas aos membros (art.º 2.º) é, conforme as circunstâncias, suspenso da Liga ou expulso. A expulsão opõe-se a uma reintegração.

Art.º 38.º — Somente o Congresso se pronuncia sobre as expulsões.

Art.º 39.º — O distrito ou a comuna pode afastar membros anunciando-o imediatamente à instância superior. Também neste ponto, o Congresso decide em última instância.

Art.º 40.º — A reintegração de membros suspensos é pronunciada pelo Conselho central a pedido do distrito.

Art.º 41.º — As infracções perante a Liga são julgadas pela direcção de distrito que assegura a execução do julgamento.

Art.º 42.º — Os indivíduos afastados ou excluídos, assim como, em geral, as pessoas suspeitas, pertence à Liga vigiá-los e impedi-los de serem prejudiciais.

Secção IX — RECURSOS FINANCEIROS

Art.º 43.º — O Congresso fixa para cada região o mínimo de quotização a dar por cada membro.

⁽³⁸⁾ O princípio da anuidade dos congressos é uma constante em Marx-Engels. Encontrámo-lo no I Internacional, e em 1892 ainda, Engels lembra-o à direcção do partido alemão.

**2. Preparação da revolução
(1847-1848)**

Notar-se-á que em todos estes escritos, e nomeadamente neste último, **nunca me qualifico de social-democrata, mas de comunista...** Para Marx, como para mim, é portanto absolutamente impossível empregar uma expressão tão elástica para designar a nossa concepção própria.

O mesmo não acontece hoje, e esta palavra pode passar com todo o rigor, ainda que não corresponda mais hoje a um partido cujo programa económico não é só socialista em geral, mas directamente comunista, ou seja a um partido cujo objectivo final é a supressão de qualquer Estado e, por conseguinte, da democracia.

ENGELS, prefácio de 1894 a
Internationales aus dem Volksstaat,
1871-1875.

Discurso sobre o Partido Cartista, a Alemanha e a Polónia

Acabamos de receber as seguintes informações sobre o conteúdo dos discursos feitos em Londres pelos senhores Marx, Engels e Tedesco (de Liège) (1). Reproduziremos mais tarde o discurso deste último, pronunciado em francês. Disse Karl Marx:

A união e a fraternidade das nações é uma palavra de ordem que encontramos na boca de todos os partidos e nomeadamente na dos burgueses partidários da livre-troca. De facto, há uma certa fraternidade entre as classes burguesas de todas as nações. É a

(1) Cf. Deutsche Brüsseler Zeitung, 9 de Dezembro de 1847. Este jornal tinha já, na semana anterior, feito um relato sucinto dos discursos de Marx e Engels na Festa das nações organizadas para comemorar o levantamento polaco de 1830. Não reproduziremos aqui o discurso de Engels, proferido no mesmo encontro. Poder-se-á encontrar a sua versão francesa em MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 148-149.

Os textos que se seguem dão conta das intervenções de partido de Marx-Engels em meetings ou debates públicos. Valem, é certo, pelo seu efeito de propaganda no exterior e o seu esforço de organização dos elementos revolucionários, mas mais ainda pelo seu conteúdo que anuncia e prepara a revolução de 1848-1849. Os *Escritos militares*, que recolheram os textos sobre a preparação da revolução de 1848, agruparam, de forma lógica, os escritos em que Marx-Engels elaboraram, para o momento do confronto físico, a teoria e a estratégia de luta do proletariado europeu. É, com efeito, no domínio militar que as análises marxistas

confraternização dos opressores contra os oprimidos, dos exploradores contra os explorados. Tal como a classe dos burgueses de um país confraterniza e se une contra os proletários de um mesmo país, apesar da concorrência e da rivalidade existente entre os membros individuais da burguesia, também os burgueses de todos os países confraternizam e se unem contra os proletários de todos os países, apesar das suas lutas mútuas e da sua concorrência no mercado mundial.

Para que os povos se possam verdadeiramente unir, é preciso que o seu interesse seja comum. Para que o seu interesse possa ser comum, é necessário abolir as relações de propriedade actuais que determinam a exploração dos povos entre si. Ora, somente a classe operária tem interesse em eliminar as condições de propriedade actuais, tal como somente ela possui meios para isso.

surgem mais concretas e mais incisivas. De qualquer modo, não reproduzimos aqui este esquema de conjunto da previsão revolucionária que dá conta, no entanto, de uma das tarefas fundamentais do partido — a previsão e a preparação da revolução futura, que justificam o papel dirigente do partido na classe proletária.

Os poucos textos que recolhemos para esse período testemunham essencialmente os esforços de organização à escala internacional. Desta antologia retirámos ainda textos, fundamentais no entanto, nomeadamente aqueles que dizem respeito à preparação revolucionária em todos os sentidos do termo, para a Alemanha. Um exemplo disso é o artigo de Marx contra Heinzen, cuja passagem seguinte mostra como as palavras de ordem da futura revolução são preparadas pelas polémicas: «Os trabalhadores sabem que a abolição das relações de propriedade burguesa não pode ser realizada conservando as condições feudais. Eles sabem que, através do movimento revolucionário da burguesia contra os estados feudais e a monarquia absoluta, o seu movimento só pode ser acelerado. Eles sabem que a luta pela sua própria causa contra a burguesia só pode começar no dia em que a burguesia tiver triunfado. Todavia, não partilham das ilusões burguesas do senhor Heinzen. Podem e devem resignar-se a aceitar a revolução burguesa como condição da revolução operária, mas não podem considerá-la, um instante que seja, como seu objectivo final.» (MARK, «A crítica moralizante e a moral criticante», 1847). Este tema será ainda o cerne dos debates internos da Liga comunista ao longo do período escaldante de 1849, e a cisão final será feita sobre esta questão.

O conteúdo da obra em alemão de Herwig FORDER, Marx e Engels nas vésperas da revolução — A elaboração das directrizes políticas para os comunistas alemães (1846-1848), Akademie-Verlag, Berlin, 1960, dá testemunho das actividades seguintes de Marx-Engels para o período em questão.

1. Fundação do comité de correspondência comunista em Bruxelas e as primeiras controvérsias sobre as questões de política da classe operária (1846): o início da luta contra o «socialismo verdadeiro»; as divergências com o comunismo utópico de Weilling; a circular contra Kriege (11/5/1846); notícia das sessões do Comité de Bruxelas da Primavera de 1846 no Westphälischer Dampfboot; as directivas políticas para os comunistas da Renânia (Verão de 1846); as primeiras repercussões do Comité de correspondência sobre a evolução das comunas parisienses e londrinas da Liga dos justos (Verão de 1846).

2. A modificação de 1846-1847 — transição e arranque: da Liga dos justos

A vitória do proletariado sobre a burguesia será ao mesmo tempo a vitória sobre os conflitos entre as nações e as economias que, nos nossos dias, empurram cada povo contra outro. A vitória do proletariado será então o sinal da libertação de todos os povos oprimidos.

A Polónia do antigo regime está, é certo, arruinada e somos os últimos a pretender restaurá-la. Mas não é só a velha Polónia que está arruinada, estão-no também a velha Alemanha, a velha Inglaterra e toda a velha sociedade. Mas a ruína da velha sociedade não é uma perda para nós, que não temos nada a perder na velha sociedade, como também o não é para a grande maioria da população. Pelo contrário, temos tudo a ganhar na ruína da velha sociedade que condiciona a formação de uma sociedade que não assente já nas oposições de classes.

De todos os países, a Inglaterra é aquele em que o antagonismo entre proletariado e burguesia está mais desenvolvido. A vitória dos proletários ingleses sobre a burguesia inglesa será decisiva para a vitória de todos os oprimidos sobre os seus opressores. Eis porque a Polónia não é para emancipar na Polónia, mas em Inglaterra. Eis porque vocês, os cartistas, não têm que formular votos piedosos pela libertação das nações: derrubem os vossos próprios inimigos no interior e poderão ter a orgulhosa consciência de terem desfeito toda a velha sociedade (2).

à Liga dos comunistas (Novembro de 1846—Junho de 1847); o Anti-Proudhon (Miséria da filosofia); o pôr em evidência por Engels do carácter reaccionário do «socialismo verdadeiro» (Primavera de 1847); a convocação da Dieta unida na Prússia e a «brochura sobre a Constituição» de Engels (Fevereiro-Abril de 1847).

3. As questões políticas da revolução alemã em marcha, através das polémicas na imprensa do Verão e do Outono de 1847: a *Deutsche Brüsseler Zeitung* e os primeiros contributos do círculo do Comité de correspondência comunista (Março-Julho de 1847); um contributo desse comité na *Kommunistische Zeitschrift* de Londres (Agosto de 1847); um ensaio de Engels sobre o significado do protecçãoismo e da livre-iraca para o desenvolvimento burguês da Alemanha (Junho de 1847); um artigo de Marx contra a demagogia «governamental socialista» do *Rheinischer Beobachter* (Setembro de 1847); uma deformação «socialista verdadeira» da linha política de Marx-Engels por Moses Hess; o reforço da influência do Comité de correspondência comunista de Bruxelas sobre a linha política do *Westphälischer Beobachter*.

4. O Manifesto do partido comunista: contribuição para a história da sua génese; um programa para a democracia e o socialismo na véspera da revolução democrático-burguesa na Alemanha.

(2) As palavras de ordem que Marx cita no seu discurso aos revolucionários internacionalistas reunidos na Festa das nações implicam um conhecimento preciso dos mecanismos que ligam os fenómenos de opressão das classes aos da opressão das nações, em resumo, uma visão acabada do imperialismo, sem a qual o marxismo não seria uma teoria geral.

Discurso de Friedrich Engels sobre a Polónia

Meus senhores,

A insurreição cujo aniversário hoje celebramos, falhou (3). Após alguns dias de resistência heróica, Cracóvia foi tomada, e o espectro sangrento da Polónia, que por momentos se tinha erguido perante os olhos dos seus assassinos, voltou a cair no túmulo.

Foi por uma derrota que se findou a revolução de Cracóvia, uma derrota bem de lamentar. Rendamos as últimas homenagens aos heróis tombados, lastimemos o seu fracasso, dirijamos as nossas simpatias para os vinte milhões de Polacos a quem essa derrota apertou as cadeias.

Mas, senhores, será isto tudo o que temos para fazer? Bastará deixar cair uma lágrima no túmulo de um país desgraçado e jurar aos seus opressores um ódio implacável, mas até ao presente pouco poderoso?

Foi sem razão que se atribuiu a Lenine, como uma novidade (desconhecida ou mal conhecida do marxismo anterior), a elaboração da teoria do imperialismo: o simples facto de Lenine a ter exposto num «ensaio de divulgação» demonstra que não fez mais do que retomar neste ponto como noutros a teoria clássica do marxismo.

Se o marxismo, como teoria, nasceu na Alemanha, foi — como o repetem incansavelmente Marx-Engels — porque este país, em virtude das suas condições económicas, políticas e sociais, assim como das suas relações com o mercado mundial e os outros países, era o que sugeria mais clara e plenamente todos os elementos da teoria geral do proletariado. Ora, a Alemanha de 1840 era um amontoado de todas as formas de sociedade e de produção sucessivas da história, pelo facto de não ter havido nenhuma revolução que houvesse varrido da cena social os vestígios de classes e de modos de produção do passado. A todas as camadas e classes que se sobrepunham deste modo umas às outras para oprimir as classes trabalhadoras vinham acrescentar-se os factores de opressão nacionais, pois a Alemanha estava submetida à hegemonia comercial inglesa, à ocupação estrangeira, à divisão nacional, à influência russa, francesa, enquanto que ela própria, por intermédio da Prússia e da Áustria, oprimia a Polónia.

O marxismo não é mais do que a transcrição por Marx-Engels das condições históricas e sociais reais da viva luta de classes, onde estas eram mais perceptíveis, logo ao mesmo tempo mais agudas e mais universais.

(3) Marx e Engels pronunciaram, em 22 de Fevereiro de 1848, um discurso em honra da insurreição de Cracóvia, de Fevereiro de 1846, no meeting organizado pela Associação democrática de Bruxelas.

A actividade do partido liga-se com acontecimentos de dimensão revolucionária verdadeiramente histórica, e é por ocasião de manifestações suscitadas por eles que se criam laços de solidariedade entre revolucionários, se criam até as organizações operárias.

Os dois discursos aqui reproduzidos explicam o interesse — tanto teórico como prático — dado por Marx e Engels aos movimentos nacionais democráticos, mesmo burgueses, desde que sejam progressistas e preparem as condições da luta do proletariado.

Não, senhores! O aniversário de Cracóvia não é apenas um dia de luto, é para nós, democratas, um dia de regozijo; pois a própria derrota encerra uma vitória cujos frutos se mantêm nas nossas mãos, enquanto que os resultados da derrota são apenas passageiros.

Esta vitória, é a vitória da jovem Polónia democrática sobre a velha Polónia aristocrática (*).

A I Internacional foi precisamente criada em tais condições. Como se sabe, a reunião inaugural da A.I.T. foi convocada para proclamar a solidariedade dos trabalhadores europeus com os Polacos (na sequência de uma circular dos operários ingleses aos franceses) e com os Arménios oprimidos pela Rússia. De facto, a revolta dos Polacos em 1863-1864 foi o ponto de partida das lutas que levaram à sistematização das nações modernas da Europa central e meridional em 1870 e ao derrube do bonapartismo, portanto à gloriosa Comuna de Paris.

A total solidariedade operária com a reivindicação de independência nacional da Polónia oprimida pelo czarismo e pelas oligarquias austríaca e prusiana tem portanto uma importância primordial: não só exprime um juízo histórico formulado em escritos teóricos, como ainda um verdadeiro desenvolvimento político das forças para a futura I Internacional. Ao oferecer à Polónia o apoio total das classes operárias europeias, a revolta polaca tornava-se a alavanca para uma situação revolucionária internacional: a luta do proletariado contra a burguesia (Comuna de Paris). Cf. «Factores de raça e de nação na teoria marxista», p. 130-139: «A Questão polaca; A Internacional e a questão das nacionalidades», *Fil du Temps*, n.º 5.

Para ligar a revolta polaca com a criação da Internacional operária, não bastava aos chefes do partido operário terem faro. Tinham também necessidade de um sentido revolucionário excepcionalmente agudo, e ainda — sobretudo — de um conhecimento científico da história europeia, dos mecanismos que unem as transformações da base económica aos fenómenos de vontade de uma classe que deve organizar-se para intervir nas relações sociais. Era necessário, por exemplo, conhecer o peso da contra-revolução do czarismo russo no equilíbrio conservador de toda a Europa e a importância de qualquer revolta contra esse inimigo número um das revoluções do século XIX. Cf. MARX-ENGELS, *La Russie*, 10/18, 1973.

Nos nossos dias, o movimento de emancipação dos povos coloniais tem o mesmo papel de detonador para o movimento operário: cf. MARX-ENGELS, *La Chine*, 10/18, p. 187-188, nota 19.

(*) Enquanto a luta se faz por objectivos «democráticos», o partido comunista utiliza uma tática «indirecta» que se aplica durante o tempo em que as tarefas burguesas se mantêm progressivas num país. Em todos os textos deste período, que reproduzimos, o partido adopta esta tática «indirecta». No capítulo final do *Manifesto*, Marx-Engels formulam de modo conciso essa tática válida para os comunistas dos países atrasados, Polónia e Alemanha, por exemplo: «Entre os Polacos, os comunistas apoiam o partido que vê numa revolução agrária a condição para a emancipação nacional, ou seja o partido que desencadeou, em 1846, a insurreição de Cracóvia.

«Na Alemanha, o partido comunista luta unido com a burguesia, desde que esta aja revolucionariamente contra a monarquia absoluta, a propriedade feudal e a pequena burguesia. Mas, em nenhum momento, deixa de despertar entre os trabalhadores uma consciência tão clara quanto possível do antagonismo radical

Sim, a última luta da Polónia contra os seus opressores estrangeiros foi precedida por uma luta escondida, oculta, mas decisiva no seio da própria Polónia ⁽⁵⁾, luta dos polacos oprimidos contra os polacos opressores, luta da democracia contra a aristocracia polaca.

Comparem 1830 e 1846, comparem Varsóvia e Cracóvia. Em 1830, a classe dominante na Polónia era tão egoísta, tão tacanha, tão covarde no corpo legislativo como era devotada, entusiasta e valente no campo de batalha.

Que pretendia a aristocracia polaca em 1830? Salvar os seus direitos adquiridos, para ela, perante o imperador. Limitava a insurreição a essa pequena região a que o Congresso de Viena chamou o reino da Polónia; continha o ímpeto das outras províncias polacas; mantinha intactas a servidão embrutecedora dos camponeses, a condição infame dos judeus. Se a aristocracia, durante a insurreição, teve de fazer concessões ao povo, só o fez quando era já demasiado tarde, quando a insurreição estava perdida.

Digamo-lo claramente: a insurreição de 1830 não era nem uma revolução nacional (excluiu três quartos da Polónia), nem uma revolução social ou política; não modificava em nada a situação anterior do povo: era uma revolução conservadora ⁽⁶⁾.

entre a burguesia e o proletariado, a fim de que, na hora própria, os operários alemães saibam virar imediatamente, como outras tantas armas contra a burguesia, as condições sociais e políticas que a burguesia tem de introduzir ao mesmo tempo que a sua dominação: deste modo, após a queda das classes reacçãoárias na Alemanha, a luta poderá ser conduzida contra a própria burguesia.

«É sobre a Alemanha que os comunistas concentram sobretudo a sua atenção. Este país encontra-se nas vésperas de uma revolução burguesa. A Alemanha levará a cabo essa revolução portanto em condições mais avançadas de civilização europeia em geral e com um proletariado mais desenvolvido que em Inglaterra e em França nos séculos XVII e XVIII. Por conseguinte, na Alemanha, a revolução burguesa será necessariamente o prelúdio da revolução proletária.

Em suma, os comunistas apoiam em todo o lado os movimentos revolucionários contra as instituições sociais e políticas existentes.»

Estas palavras de ordem, tiradas de longos estudos e lutas militantes em círculos restritos, transformar-se-ão, na hora da crise revolucionária (de 1848-1849): a teoria tornar-se-á uma realidade ardente e os discursos lírios de espingarda!

⁽⁵⁾ Sublinhado nosso. (Nota da edição francesa.)

⁽⁶⁾ O estratega militar que é Engels não deixa nunca de considerar as atitudes de classes, umas em relação às outras, no seio de uma nação para determinar as probabilidades de um levantamento: «Os Piemonteses — depois dos Espanhóis, dos Alemães, etc. — cometeram logo à partida um grave erro ao oporem unicamente um exército regular aos Austríacos, ou seja, ao pretenderem fazer contra estes uma honesta e tradicional guerra burguesa. Um povo que pretende conquistar a sua independência não deve confinar-se aos meios de guerra convencionais. Levantamento em massa, guerra revolucionária, guerrilha generalizada, eis os únicos meios de que dispõe um povo pequeno para vencer

Mas, no seio dessa revolução conservadora, no seio do próprio governo nacional, estava um homem que atacava vivamente as vias estreitas da classe dominante. Propôs medidas verdadeiramente revolucionárias e perante cujo arrojo recuaram os aristocratas da Dieta. Ao chamar às armas toda a antiga Polónia, ao fazer assim da guerra pela independência polaca uma guerra europeia, ao emancipar os judeus e os camponeses, ao fazer participar estes últimos na propriedade do solo, ao reconstruir a Polónia na base da democracia e da igualdade, ele pretendia fazer da causa nacional a causa da liberdade; queria identificar o interesse de todos os povos com o do povo polaco (7). O homem cujo génio concebeu este programa tão vasto e no entanto tão simples, esse homem, será necessário dizer o seu nome? Era Lelewel.

Em 1830, estas propostas foram constantemente rejeitadas pela cegueira interessada da maioria aristocrática. Mas estes princípios amadurecidos e desenvolvidos pela experiência de quinze anos de servidão, estes princípios inscrevemo-los nós na bandeira da Insurreição cracoviana de 1846. Em Cracóvia, via-se bem, já não havia homens que tivessem muito a perder; não havia nenhum aristocrata; qualquer decisão tomada trazia a assinatura dessa ousadia democrática, eu diria quase proletária, que só tem a sua miséria a perder e que tem toda uma pátria, todo um mundo a ganhar. Ai, nenhuma hesitação, nenhum escrúpulo; atacavam-se as três potências ao mesmo tempo; proclamava-se a liberdade dos camponeses, a reforma agrária,

uma grande nação, os únicos meios que permitem a um exército menos forte fazer frente a um exército mais forte e melhor organizado.» (A derrota dos Piemonteses. A Nova Gazeta renana, 1/4/1849, trad. franc.: MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 243-244.)

(7) As grandes experiências colhidas de uma crise revolucionária nunca estão perdidas para os países que atingem o mesmo estágio da sua história, se o partido — esta é uma das suas principais funções — tiver sabido acumulá-las para fazer delas o seu programa de acção: «A guerra magiar de 1849 tem muitos traços comuns com a guerra polaca de 1830-1831. Mas distingue-se desta no facto de ter agora para si todas as hipóteses que faltavam então aos Polacos. Sabe-se que em 1830 Lelewel reclamou veementemente, mas sem êxito: 1. que se acrescentasse à revolução a grande massa da população emancipando os camponeses e os judeus; 2. que se transformasse em guerra europeia [que relançaria a revolução proletária de Paris de 1850] a revolução da velha sociedade polaca, ao implicar numa guerra as três potências que partilhavam o país. O que se impôs em 1831 aos Polacos quando era já demasiado tarde, é por onde começam hoje os Magiars. A revolução social no interior e a destruição do feudalismo, tal foi a primeira medida na Hungria; a implicação da Polónia e da Alemanha na guerra, a segunda medida: a partir de então, era a guerra europeia. Esta é um facto consumado com a entrada do primeiro corpo do exército russo em território alemão.» (A Hungria, A Nova Gazeta renana, 19/5/1849, trad. franc.: MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 261-262.)

a emancipação dos judeus, sem cuidar um instante que fosse se isso iria ferir este ou aquele interesse aristocrático (8).

A revolução de Cracóvia não se fixou como objectivo o restabelecimento da antiga Polónia, nem a conservação do que os governos estrangeiros tinham deixado subsistir das velhas instituições polacas: não foi nem reaccionária, nem conservadora. Não, ela era hostil ao máximo à própria Polónia, bárbara, feudal, aristocrática, assente na servidão da maioria do povo. Longe de restabelecer essa antiga Polónia, pretendeu transformá-la de cima a baixo, e fundar sobre os seus destroços, com uma classe totalmente nova, com a maioria do povo, uma nova Polónia, moderna, civilizada, democrática, digna do século XIX e que foi, na verdade, a sentinela avançada da civilização.

(*) Um dos segredos do falhanço da burguesia alemã na sua revolução nacional democrática, foi a sua incapacidade para coordenar a sua acção com a do campesinato subjogado pelas forças feudais a fim de o ganhar para a sua causa. A burguesia francesa tinha sabido magistralmente levar a bom termo essa aliança política, ao introduzir maciçamente os camponeses nas fileiras do exército revolucionário.

Em política proletária, foi Lenine que compreendeu toda a dimensão do potencial revolucionário camponês, e soube utilizá-lo. Soube deste modo retomar Marx-Engels, que nunca subestimaram a importância da questão agrária para o movimento revolucionário. Engels, autor de *A Guerra dos camponeses* (1850), obra muitas vezes incompreendida pelos marxistas ulteriores, analisa como segue o falhanço político da burguesia alemã em 1848-1850: «Na Prússia, o campesinato tinha aproveitado a revolução, tal como na Austria, ainda que tivesse dado provas de uma energia menor — pois se encontrava em geral um pouco menos oprimido pelo feudalismo —, para se desembaraçar de uma só vez de todos os entraves feudais. Mas a burguesia virou-se de imediato contra ele, o seu mais antigo e mais indispensável aliado. Os democratas — tão assustados como a burguesia com aquilo a que se chamava atentados contra a propriedade privada — tiveram também o cuidado de não o apoiar e foi assim que depois de três meses de emancipação, após lutas sangrentas e expedições militares, nomeadamente na Silésia, o feudalismo foi restabelecido pelas mãos da própria burguesia, ontem ainda anti-feudal. Ao fazer isto condenou-se a si própria da forma mais definitiva e rigorosa. Uma semelhante traição dos seus melhores aliados, de si mesmo, nenhum partido na história a cometeu. Quaisquer que sejam as humilhações, quaisquer que sejam os castigos reservados ao partido burguês por este acto apenas, tê-los-á merecido todos sem excepção.»

No decurso dos próprios acontecimentos, Wilhelm Wolff — a quem Marx dedicou mais tarde *O Capital* — tratou longamente desta questão em *A Nova Gazeta renana*. Estes artigos foram publicados sob o título «Os Milhares de milhão de silesianos», com uma introdução de Engels.

Em geral não é atribuído o lugar que lhe concerne ao campesinato, de que dependeu a sorte da revolução de 1848 assim como a da Comuna de 1871: cf. «Le Marxisme et la question agraire», in *Fil du temps*, n.º 7, p. 81. Dos nove números publicados da colecção *Fil du temps*, três são consagrados à questão agrária, de importância vital não só na economia e na vida social, como ainda na teoria e na política do partido revolucionário.

A diferença entre 1830 e 1846, o progresso imenso feito no próprio seio da Polónia infeliz, sangrenta, dilacerada, foi: a aristocracia polaca inteiramente separada do povo polaco e atirada para os braços dos opressores da sua pátria; o povo polaco irrevogavelmente ganhou para a causa democrática; finalmente, a luta de classe contra classe, causa motriz de qualquer progresso social, estabelecida na Polónia, tal como aqui. Esta é a vitória da democracia constatada pela revolução cracoviana; este é o resultado que dará ainda os seus frutos quando a derrota dos revoltados tiver sido vingada.

Sim, meus senhores, através da insurreição de Cracóvia, a causa polaca, de nacional que era, tornou-se a causa de todos os povos; de questão de simpatia que era, transformou-se em questão de interesse para todos os democratas. Até 1846, tínhamos um crime para vingar, daqui em diante temos de apoiar aliados — e fá-lo-emos.

E é sobretudo a Alemanha que deve felicitar-se com essa explosão das paixões democráticas da Polónia. Estamos, nós próprios, prestes a fazer uma revolução democrática^(*); teremos de combater as hordas bárbaras da Áustria e da Rússia. Antes de 1846, poderíamos ter dúvidas sobre o partido que tomaria a Polónia em caso de revolução democrática na Alemanha. A revolução de Cracóvia afastou-as. Daqui para o futuro o povo alemão e o povo polaco estão definitivamente aliados. Temos os mesmos inimigos, os mesmos opressores, pois o governo russo pesa tanto sobre nós como sobre os Polacos. A primeira condição para a libertação quer da Alemanha, quer da Polónia, é a transformação do estado político actual da Alemanha, a queda da Prússia e da Áustria, o recuo da Rússia para lá do Dniestr e do Dvina.

A aliança das duas nações está longe portanto de ser um lindo sonho, uma agradável ilusão; não, meus senhores, é uma necessidade inevitável, resultante dos interesses comuns das duas nações, e tornou-se uma necessidade pela revolução de Cracóvia. O povo alemão, que para si até agora só teve conversa, terá acções para os

(*) Esta frase é uma variante daquela outra do Manifesto que prescreve as tarefas a levar a cabo na revolução que se aproxima: «É sobre a Alemanha que os comunistas concentram sobretudo a sua atenção. Este país encontra-se nas vésperas de uma revolução burguesa», sendo sinónimos democracia e burguesia. Não é contraditório para um comunista desejar uma revolução burguesa desde que ela seja progressista, pois esbarra com a ordem estabelecida, transforma as condições existentes e permite na sua esteira continuar a luta pelo socialismo. Esta é a razão aliás porque as burguesias dos países já capitalistas se unem sistematicamente contra uma revolução burguesa num novo país, como o demonstrou de forma clássica a Revolução francesa de 1789 que viu nascer a Santa-Aliança de todos os Estados já estabelecidos.

seus irmãos da Polónia; e da mesma forma que nós, democratas alemães, aqui presentes, damos a mão aos democratas polacos, aqui presentes, também todo o povo alemão celebrará a sua aliança com o povo polaco no próprio campo da primeira batalha ganha em comum sobre os nossos opressores comuns (10).

Preparação da Organização Internacional

Escrevem-nos de Londres (11): a abertura de um parlamento novamente eleito e contando entre os seus membros dignos representantes do partido popular, não podia deixar de produzir uma agitação extraordinária nas fileiras da democracia. As associações locais dos cartistas por todo o lado se reorganizaram. O número de meetings multiplica-se; os mais diversos meios de acção são af

(10) A iniciativa de fundar uma Internacional dos trabalhadores devia apoiar-se no proletariado mais avançado da época, o da Inglaterra, muito preocupado com as questões imperialistas.

Em Fevereiro de 1846, o cartista Harney declarou numa reunião da Associação de Londres dos comunistas alemães: «Apelo a todas as classes oprimidas de todos os países para se unirem pela causa comum. A libertação do jugo russo e austríaco não basta por si só. Não temos necessidade de um reino de Itália. Nós temos necessidade da soberania do povo desses países.» Convém precisar que esta causa do povo é «a causa do trabalho, do trabalho escravizado e explorado», pois «as reivindicações e a miséria não são as mesmas entre os operários de todas as nações? Por conseguinte, porque razão a sua boa causa não o seria? Um golpe dado à liberdade no Tejo é um golpe dado contra os amigos da liberdade no Tamisa; um êxito do republicanismo em França significaria o fim da tirania noutros países; e a vitória dos cartistas democráticos ingleses significaria a libertação de milhões de homens em toda a Europa».

Foi fundando-se na luta pela libertação do jugo absolutista que foi criado um comité internacional, embrião da futura I Internacional.

Em Novembro de 1847, Schapper, em nome da organização de Bruxelas, foi mandatado para discutir a convocação em 1848 de um «congresso dos trabalhadores de todas as nações para instaurar a liberdade no mundo inteiro». Proclamou: «Operários ingleses! Cumpram a vossa missão, e serão considerados como os emancipadores de toda a humanidade.» Os organizadores ingleses responderam: «A conspiração dos reis, a Santa-Aliança, deve ser combatida pela dos povos. Estamos persuadidos que nos devemos virar para o verdadeiro povo, os proletários que, todos os dias, derramam sangue e suor sob a pressão do sistema social actual, para que ele realize a fraternidade.»

(11) Cf. ENGLÉS, artigo escrito em francês e publicado em A Reforma, 22 de Novembro de 1847.

Marx-Engels só puderam estabelecer a sua teoria moderna do comunismo, baseada no materialismo económico e histórico, apoiando-se em desenvolvimentos sociais do capitalismo. A teoria «alemã» teve por isso de se apoiar nos dados políticos da França e económicos da Inglaterra, onde a burguesia tinha ascendido finalmente ao poder em 1830. Se a economia inglesa mostra às outras nações do continente qual será a imagem do seu futuro próximo

propostos e discutidos. O comité executivo da Associação cartista acaba de tomar a direcção deste movimento ao traçar, numa mensagem à democracia britânica, o plano de campanha que o partido seguirá durante a presente sessão.

«Dentro de poucos dias, lê-se nesse documento, vai reunir-se uma Câmara que, na cara do povo, ousa apoderar-se das comunas da Inglaterra (12). Dentro de poucos dias, esta assembleia, eleita por uma só das classes da sociedade, vai começar os seus iníquos e odiosos trabalhos para fortalecer, em detrimento do povo, os interesses dessa classe.

«É preciso que o povo em massa proteste desde o início contra o exercício das funções legislativas usurpado por essa assembleia. Vós, cartistas do Reino-Unido, tendes os meios para isso; é vosso dever utilizá-los. Submetemo-vos portanto uma nova petição para a carta do povo. Enchei-a com os vossos milhões de assinaturas; fazei com que possamos apresentá-la como a expressão da vontade nacional, como o protesto solene do povo contra qualquer lei feita sem o consentimento do povo, como uma lei, enfim, para a restituição da soberania nacional retirada há tantos séculos.

(prefácio alemão d'O Capital), é o partido cartista quem fornece o modelo da organização do proletariado moderno (cf. o último capítulo de Miséria da filosofia, em que Marx expõe a evolução do partido cartista, solidamente ligado à classe operária por intermédio dos sindicatos e das lutas reivindicativas).

Razão pela qual o Manifesto pôde afirmar que «as concepções teóricas dos comunistas não assentam nada em ideias ou princípios descobertos ou inventados por este ou aquele reformador do mundo. Não são mais do que a expressão teórica das condições reais da luta das classes.»

O socialismo científico, ou programa comunista do proletariado moderno, só pôde portanto ser elaborado em contacto com a classe operária alemã, francesa e sobretudo inglesa, e só pôde surgir em ligação com a criação de uma organização internacional que Marx-Engels se esforçaram por fundar com os Democratas fraternais, ou seja, os cartistas de esquerda que eram partidários da violência revolucionária.

Proudhon excluiu-se a si próprio dessa obra grandiosa, ao recusar os contactos com o Comité de correspondência comunista fundado por Marx-Engels.

(12) O parlamentarismo revolucionário só existe na medida em que a dominação política da burguesia constitui ainda um progresso económico e social, por outras palavras, enquanto a burguesia moderna não tenha assegurado exclusivamente o poder político ou não tenha ainda consolidado o seu poder face às classes pré-capitalistas. Na Inglaterra, por exemplo, a burguesia partilhou o poder com a aristocracia fundiária até 1830 e levou muito tempo a afastá-la depois. Na ausência de uma revolução proletária, esta conquista do poder pela burguesia é um facto progressista em todos os países pré-capitalistas do mundo e durante esse período, «se por vezes os trabalhadores ganham, o seu triunfo é efémero. O verdadeiro resultado das suas lutas [não é a conquista do poder], mas a organização e a união cada vez mais alargada dos trabalhadores. [...] Em todas as suas lutas, a burguesia vê-se forçada a apelar para o proletariado, a reclamar a sua ajuda e a levá-lo para o movimento político. Fornece assim aos proletários

«A petição, só por si, não poderia no entanto bastar para as exigências do momento. Conquistámos, é verdade, um lugar na legislativa para o senhor O'Connor. Os deputados democratas encontrarão nele um chefe vigilante e cheio de actividade. Mas é necessário que O'Connor encontre um apoio na pressão de fora⁽¹³⁾, e essa pressão exterior, essa opinião pública forte e considerável, sóis vós que a tendes de criar. Que por todo o lado as secções da nossa associação se reorganizem; que todos os antigos membros regressem às nossas fileiras; que por todo o lado se convoquem meetings; que por todo o lado a discussão da carta esteja na ordem do dia; que todas as localidades se imponham quotizações para aumentar os nossos fundos. Sede activos, daí provas da antiga energia inglesa

os elementos para a sua formação [intelectual e política]: põe-lhe nas mãos armas contra si própria» (Manifesto, cap. 1). Em resumo, esta tática aplica-se durante tanto tempo quanto as condições históricas façam com que o partido operário não seja ainda directamente comunista, mas social-democrata.

Todas as outras condições do parlamentarismo revolucionário decorrem da primeira. Só pode ser exercido em oposição às instituições parlamentares existentes e não como meio de transformar o Estado existente a partir delas, quer participando no governo, quer dirigindo-o nas condições económicas e sociais do capitalismo.

Em geral, qualquer actividade política tem de exercer-se em condições materiais, económicas e sociais determinadas. Não tem sentido, aos olhos do comunismo, senão na medida em que tende a transformá-las. Como puro meio de agitação, o parlamentarismo releva da técnica da manipulação e da automisificação (consciente ou inconsciente). Faz perder ao partido o seu carácter de organização para a acção.

Engels escreveu este artigo em francês, não para a Alemanha (onde a questão parlamentar ainda não se punha, dado que a revolução burguesa e os direitos constitucionais não existiam ainda), mas para a França, a fim de que os proletários franceses não se contentem com as liberdades e direitos burgueses, mas reivindicuem as suas palavras de ordem de classe, saindo da esfera burguesa. Mesmo o parlamentarismo revolucionário da época cartista permite que se proteja das ilusões de uma mudança de governo no quadro capitalista. Ao afirmá-lo, Engels contribui para prevenir o proletariado contra as armadilhas das liberdades e instituições republicanas burguesas, preparando os operários parisienses para não se deixarem deter na revolução de Fevereiro de 1848 e prosseguirem a sua luta até ao derrube do aparelho político burguês.

(13) Marx definiu como segue esta fórmula: «Não há inovação importante, medida decisiva, que tenha alguma vez podido ser introduzida em Inglaterra sem essa pressão do exterior, quer porque a oposição teve necessidade dela contra o governo, quer porque o governo teve necessidade dela contra a oposição. Por Pressões do exterior o Inglês entende as grandes manifestações populares extra-parlamentares, que naturalmente não podem ser organizadas sem a participação activa da classe operária.» («Um meeting operário em Londres», *Die Presse*, 2/2/1862, trad. franc.: MARX-ENGELS, *La Guerre civile aux États-Unis*, 10/18, p. 209.)

e a campanha que se inicia será a mais gloriosa das que até agora empreendemos para a vitória da democracia ⁽¹⁴⁾.»

A Sociedade dos democratas fraternais ⁽¹⁵⁾, composta por democratas de quase todas as nações europeias, acaba, ela também, de se unir aberta e completamente à agitação cartista. Adoptou a resolução seguinte:

«Considerando que o povo inglês só poderá apoiar de uma forma efectiva a luta da democracia nos outros países na medida em que tiver conquistado para si mesmo o governo da democracia;

«Que é dever da nossa sociedade, estabelecida para apoiar a democracia militante de todos os países, aliar-se aos esforços dos democratas ingleses para obterem uma reforma eleitoral na base da carta;

«A Sociedade dos democratas fraternais compromete-se a apoiar com todas as suas forças a agitação pela carta popular.»

Esta sociedade fraternal que conta entre os seus membros os democratas mais notáveis, tanto ingleses como estrangeiros, residentes em Londres, ganha de dia para dia mais importância. Cresceu de tal modo que os liberais de Londres acharam por bem opôr-lhe

⁽¹⁴⁾ Engels tem o cuidado de definir esta «democracia» — não é mais do que uma fase da luta: «A democracia para que a Inglaterra se encaminha, é a democracia social. Mas a simples democracia é incapaz de dar remédio aos males sociais. A igualdade democrática é uma quimera; a luta dos pobres contra os ricos não pode portanto ser levada até ao seu fim último no terreno da democracia ou da política em geral. Esta fase é portanto apenas um ponto de transição, é o último meio puramente político que se pode empregar, pois, imediatamente a seguir, é necessário que se desenvolva um elemento novo, um princípio ultrapassando qualquer elemento político; o do socialismo.» (ENGELS, «A Situação da Inglaterra», *Vorwärts*, Outubro de 1844).

⁽¹⁵⁾ Os Fraternal Democrats reuniam os revolucionários emigrados do continente e a ala radical do carlismo composta quase exclusivamente por operários dirigidos por Julian Harney, partidários da conquista violenta do poder do Estado pelos operários em oposição aos cartistas moderados à Lovett que recomendavam unicamente meios de pressão «morais», tais como petições, meetings, etc. As comunas londrinas dos Justos e a Associação para a formação dos operários aderem igualmente (Schapper e Moll pertenceram ao comité director). Marx e Engels participaram na preparação da reunião de 22 de Setembro de 1845 dos democratas de diferentes nações que criaram a base da Sociedade dos democratas fraternais. Mantiveram sempre contacto com essas organizações e esforçaram-se por influenciá-la no sentido do socialismo científico e do internacionalismo proletário, sobretudo através dos membros da Liga dos comunistas, núcleo verdadeiramente proletário. Os Democratas fraternais, sob a direcção de Harney, organizaram a Festa das nações, em 29 de Novembro de 1847, na qual participaram mais de mil pessoas entre Ingleses, Franceses, Alemães, Polacos, Italianos, Espanhóis, Suíços, etc.

Pouco antes do desencadear da revolução de 1848 e da derrota decisiva dos cartistas perante as tropas de Wellington em 10 de Abril de 1848, a Associação dos democratas fraternais lançou um manifesto que testemunha que esta

uma Liga Internacional burguesa (16), dirigida pelas sumidades parlamentares da livre-troca. O objectivo desta nova associação, à cabeça da qual se encontram o doutor Bowring, o coronel Thompson e outros campeões da liberdade de comércio, não é outro senão o de fazer propaganda da livre-troca (17) entre os estrangeiros, sob a capa de frases filantrópicas e liberais. Mas parece que não vai durar muito. Há seis meses que existe e ainda quase nada fez, enquanto que os Democratas fraternais se pronunciaram abertamente contra qualquer acto de opressão tentado por quem quer que seja. Deste modo a democracia, tanto Inglesa como estrangeira, no que toca à sua representação em Londres, aderiu aos Democratas fraternais, declarando ao mesmo tempo que não se deixará explorar em proveito dos manufactureiros partidários da livre-troca de Inglaterra.

Actividades de partido de Marx: de Fevereiro de 1848 a princípios de Março de 1848

13 DE FEVEREIRO: Marx trava uma polémica na *Deutsche Brüsseler Zeitung* com o jornal radical *Debate social* que, em termos velados, tinha atacado o comunismo (18).

foi, em 1848, o ponto de chegada dos esforços de Marx-Engels para reunirem sob as suas posições os revolucionários de todos os países europeus numa Internacional, e o ponto de partida que antecipa a I Internacional de 1864.

(16) Esta associação foi fundada em Londres em 1847 por burgueses ingleses de tendência radical e liberal. Certos emigrados italianos, húngaros e polacos aderem a ela assim como democratas burgueses tais como Giuseppe Mazzini, que foi um dos iniciadores da Liga. Como Engels o previra, a Liga cessou todas as suas actividades — aliás bastante diminuídas — em 1848.

(17) Apesar da sua oposição à Liga internacional burguesa e da sua crítica da livre-troca, Marx optará pela livre-troca, visto que «o sistema da liberdade comercial acelera a revolução social». (Discurso sobre a livre-troca de 9 de Janeiro de 1848, pronunciado perante a Associação democrática de Bruxelas.) Para realizar o socialismo, é necessária a supremacia económica e política prévia da burguesia (não em todos os países, mas no grupo mais importante deles).

Ao levar até ao fim as possibilidades da produção, os antagonismos de classe e a luta pela vida, a livre concorrência força os trabalhadores a unirem-se. Neste sentido, acelera portanto a sua emancipação política e social. Esta aceleração do desenvolvimento das condições preliminares do socialismo é obtida não entrando no jogo das instituições burguesas, mas exercendo sobre elas uma pressão exterior, depois de ter formado as suas próprias organizações de classe. Ao agir assim sobre as condições burguesas progressivas, é necessário pôr em evidência constantemente o seu carácter transitório e parcial, a fim de não comprometer os seus próprios objectivos de classe.

(18) Este apanhado da actividade de Marx no decurso do período charneira de Fevereiro de 1848 ilustra as actividades políticas (ou militantes) de Marx-Engels. Extraímo-lo de Karl Marx: *Chronik seines Lebens in Einzeldaten*

Participa na assembleia da Associação democrática cujos debates tiveram por objecto o primeiro congresso internacional dos demócratas, assim como a resposta ao convite feito pelos Demócratas fraternais ingleses para participarem neste congresso. Esta resposta (contendo um relatório sobre os progressos efectuados pela Associação, em que Marx é um dos signatários na sua qualidade de vice-presidente) será publicada em 4 de Março pelo Northern Star.

MEADOS DE FEVEREIRO: Engels, expulso de Paris, chega a Bruxelas.

19 de FEVEREIRO: Marx deixa a rua de Orleães em Ixelles para se instalar em Bruxelas em plena Sainte-Gudule; só informará a polícia da sua mudança de endereço em 26 de Fevereiro. (Cf. ministério da Justiça, Bruxelas. Documentos respeitantes a Marx no dossier «Arrisquemos tudo»: MEGA, I/6, p. 657 (19).)

20 DE FEVEREIRO: Marx preside a uma reunião da Associação democrática na qual, entre outras coisas, Engels expõe as razões políticas da sua expulsão de Paris. (Cf. Deutsche Brüsseler Zeitung, de 24 de Fevereiro de 1848).

22 DE FEVEREIRO: Por ocasião da comemoração da insurreição de Cracóvia de 1846, Marx profere um discurso que será publicado no relatório dessa reunião, em meados de Março. Tem lugar nesse meeting uma controvérsia entre Marx e Jottrand (presidente da Associação democrática de Bruxelas), na sequência da qual Marx se demite da vice-presidência. Entretanto, após a carta de Jottrand de 25 de Fevereiro, retira a sua demissão. (Cf. Jottrand a Marx, 24 de Fevereiro de 1848, segundo a cópia encontrada no livro de notas de Marx, 1860. Notícia autobiográfica de Marx para o recomendar para a Cour Weber, Março de 1860, publicadas em Grünberg Archiv, X, 65. MEGA, I/6, p. 409, 676).

FINS DE FEVEREIRO: Aparecimento em Londres do Manifesto do partido comunista. (Cf. MEGA, I/6, p. 683.)

(Marx-Engels Verlag, Moskau, 1934) preparado por N. Riazanoff a partir das cartas, escritos e outros documentos datados que permitiram, por vezes dia a dia, reconstituir o emprego do tempo de Marx.

(19) Pomos entre parêntesis os dados ou escritos a partir dos quais Riazanoff pôde estabelecer as actividades de Marx. Utilizamos as abreviaturas utilizadas por Chronik. MEGA é a sigla para Marx-Engels Gesamtausgabe, obras completas de Marx-Engels preparadas por Riazanoff.

DE 25 DE FEVEREIRO a 4 DE MARÇO: Marx toma parte activa nas preparações de um levantamento armado a favor da república em Bruxelas. Dá somas de dinheiro para o armamento dos operários de Bruxelas ⁽²⁰⁾. Participa, além disso, nos preparativos de um levantamento armado em Colónia em ligação com os elementos clericais e liberais que se esforçavam por separar as províncias renanas da Prússia (Cf. *A Nova Gazeta renana*, de 18/8/1848, correspondência de Anvers, *Criminalzeitung* de N. lorque, 25/11/1853, ver *Neue Zeit*, XXI/1, p. 719; F.-A. SORGE, «Em comemoração do 14 de Março». Arquivos do Estado prussiano de Berlim, A.A.I., relatório IV, apólice n.º 232, vol. 1.)

POR VOLTA DE 27 DE FEVEREIRO: Marx recebe a decisão do Conselho central londrino da Liga dos comunistas que lhe transmite plenos poderes para o distrito director de Bruxelas. (Cf. ministério da Justiça de Bruxelas: *Segurança Pública*, n.º 73 946; reproduzido em WERMUTH-STIEBER, *As conjuras comunistas do século XIX*, Berlim, 1853, vol. 1, p. 65; G. ADLER, *Geschichte der ersten soz.-pol. Arbeiterbeweg in Deutschland*, Breslau, 1885, p. 211. ENGELS, *A Liga dos comunistas*, p. 11.)

Com a participação de Marx, a Associação democrática, numa mensagem ao conselho municipal de Bruxelas, reclama que a guarda civil regular seja completada com um segundo contingente formado por operários e artesãos. O conselho municipal rejeita esta reivindicação em 4 de Março. (Cf. *Cidade de Bruxelas, Boletim das sessões do conselho comunal*, ano 1848-1849, p. 129, assim como MEGA, I/6, p. 655.)

POR VOLTA DE 27-28 DE FEVEREIRO: Marx participa na elaboração de duas mensagens da Associação democrática: uma aos Democratas fraternais e ao *Northern Star* a fim de dar conta da actividade da Associação aquando dos acontecimentos revolucionários franceses de Fevereiro de 1848; a outra para saudar o governo provisório da República francesa. (Cf. MEGA, I/6, p. 653, 655.)

POR VOLTA DE 3 DE MARÇO: Marx recebe do governo provisório francês um convite, assinado por Flocon, para vir a França. (Cf. MARX, *Herr Vogt*, Londres, 1860, p. 187: Flocon a Marx, 1 de Março de 1848.)

⁽²⁰⁾ A crer nos relatórios da polícia bruxelense, dos 6 000 francos que Marx tinha acabado de receber de herança do pai, teria gasto 5 000 para comprar armas destinadas aos operários de Bruxelas.

3 DE MARÇO: O comitê de distrito bruxelense, agindo como Conselho central, decide transferir para Paris a sede do Conselho central da Liga dos comunistas e transmite os seus poderes a Marx. (Cf. as referências de 27 de Fevereiro.)

Pelas 5 horas da tarde, Marx recebe do gabinete real belga ordem de deixar a Bélgica dentro de 24 horas. (Cf. ministério da Justiça, Bruxelas, dossier Marx: reproduzido em fac-símile em A Revista geral, Bruxelas, 15/9/1928. T. BASYN, A Prisão de Karl Marx em Bruxelas. MEGA, 1/6, p. 421, 471.)

Aparecimento da primeira parte do Manifesto comunista na Deutsche Londoner Zeitung, n.º 174, 28/3/1848.

4 DE MARÇO: A 1 da manhã, Marx é preso pela polícia, quando preparava as bagagens para deixar Bruxelas, como lhe tinha sido ordenado; após algumas horas de detenção à vista, é levado, sob escolta policial, até à fronteira francesa, donde prossegue a sua viagem até Paris, com os filhos e a mulher que, durante a mesma noite, tinha sido presa igualmente e maltratada pela polícia. (Cf. MEGA, 1/6, p. 417, 657.)

6 A 10 DE MARÇO EM PARIS: Marx toma a palavra em 6 de Março numa reunião organizada pela colónia alemã dos artesãos para se opor ao recrutamento de voluntários com vista a «fazer» a revolução na Alemanha por instigação da Sociedade democrática alemã (Herwegh, Bronstedt, etc.). Encontro com Julian Harney, Ernest Jones, Bauer e Moll. Desenvolve a agitação entre os trabalhadores alemães contra o regresso imediato à Alemanha e pela participação no próximo levantamento armado do proletariado parisiense. (Cf. Northern Star, 25/3/1848, p. 5. S. Seiler, Das Komplott vom 13. Juni 1849, Hamburgo, 1850, p. 21.)

POR VOLTA DE 6 DE MARÇO: Marx informa o conselho local londrino da transferência para Paris da sede do Conselho central. Obtém o acordo expresso de Londres em 8 de Março. (Cf. conselho local de Londres ao Conselho central, 8 de Março de 1848.)

8 DE MARÇO: Marx publica em A Reforma uma carta aberta sobre a sua expulsão da Bélgica e as brutalidades policiais contra sua mulher. (Cf. MEGA, 1/6, p. 417.)

Participação, como secretário, numa reunião comum das quatro secções parisienses da Liga dos comunistas para decidir a criação de um Clube dos trabalhadores alemães em oposi-

ção à Sociedade democrática alemã. (Cf. protocolo da sessão pela pena de Marx cujo original se encontra no Instituto Marx-Engels-Lenine de Moscovo.)

9 DE MARÇO: Na reunião comum das quatro secções parisienses da Liga dos comunistas, Marx lê o seu projecto de estatutos para o Clube dos trabalhadores alemães de carácter não conspirativo. Propõe que todos os membros da Liga usem uma banda vermelha. (Cf. protocolo da sessão, com a letra de Marx.)

MARÇO: Marx recebe uma carta de Daniels e Weerth sobre a situação política de Colónia e os assuntos correntes da comuna local. (Cf. Daniels a Marx, por volta de 18 de Março de 1848; Weerth a Marx, 25 de Março de 1848.)

POR VOLTA DE 10 DE MARÇO: O Conselho central da Liga dos comunistas constitui-se em Paris, elege Marx como presidente, Schapper como secretário e como membros Bauer, Engels — ainda em Bruxelas nessa altura —, Moll, W. Wolff⁽²¹⁾. (Cf. Marx a Engels, por volta de 12 de Março de 1848.)

Factos marcantes de Fevereiro de 1848 a fins de Agosto de 1849:

Tentativa de levantamento em Bruxelas / Expulsão / Paris: Clube operário alemão / «Relvindicações do partido comunista na Alemanha» / Colónia / Tentativas de criação de um partido operário / / Gottschalk: A Nova Gazeta renana / Parlamento de Francfort / / Levantamento de Junho em Paris / Comité de distrito da democracia renana / Palavra de ordem de guerra contra a Rússia / Weitling / Assembleia nacional de Berlim / O ministério da acção / / A «semi-revolução» / Viagem a Berlim e Viena / Jornada de Setembro de Colónia e o estado de sítio / Reaparição de A Nova Gazeta

⁽²¹⁾ Ao apoiar-se nos Fraternal Democrats, de que tinha chegado a Paris nos princípios de Março uma delegação, assim como no comité londrino da Liga, Marx podia agora, em nome da Liga comunista, romper com as organizações democráticas de artesãos alemães que conceberam o projecto de constituir uma legião alemã recrutada em Paris para propagar a revolução na Alemanha. Bornstedt, que havia sido admitido em Bruxelas como membro da Liga, foi irradiado. Marx e os seus partidários demitiram-se da Sociedade democrática e criaram uma nova organização: a União operária, composta, quase exclusivamente por trabalhadores manuais.

renana / Levantamento de Outubro em Viena / Contra-revolução berlimense / Palavra de ordem de recusa dos impostos / Sociedade operária de Colónia / Nova vaga revolucionária e palavra de ordem da República vermelha / processo por delito de imprensa / Número impresso a vermelho de A Nova Gazeta renana / Viagem através das províncias sublevadas / Paris.

Da Associação Democrática de Bruxelas aos Democratas Fraternalistas reunidos em Londres

Recebemos a vossa carta de Dezembro último; tomámos imediatamente em consideração e discutimos a vossa proposta relativa à efectivação de um congresso democrático de todas as nações e a uma troca mensal de correspondência entre a vossa associação e a nossa (22).

Propuseram que se realizasse o primeiro congresso democrático aqui em Bruxelas e reunir o segundo em Londres; que fosse organizado pela nossa associação o primeiro congresso pelo aniversário da revolução belga, em Setembro próximo, e que o programa fosse preparado pelo comité da nossa associação: todas estas propostas foram aceites por unanimidade e com entusiasmo.

A oferta de troca de uma correspondência mensal regular com a nossa sociedade foi igualmente acolhida com o maior entusiasmo.

Queremos agora dar-vos um breve apanhado dos nossos progressos e da situação geral da nossa causa.

O estado da nossa associação é tão próspero quanto seria de desejar. O número dos nossos aderentes aumenta de semana para semana e a participação do público, em geral, e da classe operária, em particular, na nossa actividade cresce na mesma medida.

A melhor demonstração da nossa força é, no entanto, o interesse despertado nas províncias deste país pelo nosso movimento. As principais cidades da Bélgica pediram-nos que enviássemos delegados a fim de estabelecerem associações democráticas semelhantes à nossa e de encetarem relações permanentes com a associação da capital.

(22) The Northern Star, 4 de Março de 1848.

Quando da sua estadia em Londres, de fins de Novembro a princípios de Dezembro, com vista a participar no segundo congresso da Liga dos comunistas, Marx e Engels tomaram contacto, entre outros, com os Democratas fraternalistas e decidiram entrar em ligação mais estreita com eles. Nessas discussões, Marx interveio em nome da Associação democrática de Bruxelas.

Dedicámos toda a nossa atenção a estes apelos. Enviámos uma delegação a Gand a fim de aí realizar uma reunião pública com o objectivo de criar um ramo local. Esta reunião atraiu imensa gente e a nossa delegação, formada por representantes de diferentes nacionalidades, foi acolhida com um entusiasmo indescritível. A fundação de uma sociedade democrática foi decidida de imediato e os nomes dos membros foram inscritos logo numa lista. No seguimento, recebemos de Gand a notícia da constituição definitiva dessa sociedade, assim como da realização de uma segunda reunião em que o número de participantes e o entusiasmo foram ainda maiores. Assistiram mais de três mil cidadãos e temos o prazer de poder dizer que a maior parte eram operários.

Consideramos o progresso alcançado em Gand como um dos maiores êxitos da nossa causa neste país. Gand é, com efeito, a maior cidade industrial da Bélgica com mais de cem mil habitantes. É, em grande medida, o centro de atracção de toda a população laboriosa da Flandres. A posição ocupada por Gand é decisiva para o conjunto do movimento operário do país. O que nos permite crer que a participação dos operários das fábricas deste Manchester belga na renovação do movimento puramente democrático pode ser considerado como o sinal da adesão do conjunto dos proletários belgas à nossa causa.

Esperámos, na próxima carta, poder estar à altura de vos informar de progressos ulteriores noutras cidades do país, para conseguir assim progressivamente a constituição de um partido democrático forte, unido e organizado na Bélgica.

Partilhamos inteiramente das posições que defenderam na vossa recente mensagem à classe operária da Grã-Bretanha e da Irlanda sobre a questão da «defesa nacional»⁽²³⁾. Esperamos que essa mensagem contribua em larga medida para esclarecer o povo inglês sobre os seus verdadeiros inimigos.

Seguimos igualmente com grande alegria as diligências levadas a cabo por vocês junto da massa dos cartistas Ingleses, a fim de concluir finalmente uma aliança sólida entre o povo da Irlanda e o da Grã-Bretanha. Chegámos à conclusão que vocês têm neste

(23) O Northern Star tinha publicado, em 8/1/1848, a «Mensagem aos operários da Grã-Bretanha e da Irlanda», lançada pelos Democratas fraternais para desmascarar a manobra das classes dirigentes inglesas que pretendiam que a França quera atacar as costas britânicas (esforçavam-se por desviar, através de uma propaganda chauvinista, as massas das lutas populares e democráticas). A mensagem conclamava os operários para resistirem a todos «os conspiradores que suscitam o ódio de um povo contra outro com as suas mentiras, a fim de fazerem crer que os homens de diferentes países são muito naturalmente inimigos mútuos».

momento mais probabilidades que nunca de ultrapassar as causas que suscitaram os ressentimentos do povo irlandês que levam este a confundir, num ódio comum, as classes oprimidas de Inglaterra com os opressores dos dois países.

Fazemos votos para que esteja reunida dentro em breve nas mãos de Feargus O'Connor a direcção dos movimentos populares dos dois países, e consideramos a próxima aliança entre as classes oprimidas dos dois países, sob a bandeira da democracia, como o progresso mais importante da nossa causa em geral.

Terminamos enviando-vos as nossas saudações fraternais.

O comité da Associação democrática:

L. JOTTRAND, presidente,
K. MARX, vice-presidente,
A. PICARD, secretário.

O «Debate Social» de 6 de Fevereiro sobre a Associação Democrática

O Debate Social de 6 de Fevereiro pretende defender a Associação democrática de Bruxelas e as suas diversas secções locais (24). Permitimo-nos fazer algumas observações sobre o modo como é feita essa defesa.

Pode ser útil ao partido radical belga demonstrar aos católicos que agem contra os seus próprios interesses quando atacam o partido radical belga. Poderá ser útil a esse mesmo partido distinguir entre baixo e alto clero e endereçar cumprimentos ao clero em geral pelas verdades ditas por uma fracção dele. Não temos nada a ver com isso. No entanto, admiramo-nos que o Debate não se tenha apercebido de que os jornais católicos da Flandres reproduzem apressadamente os ataques dirigidos contra as associações democráticas pelo quo-

(24) Marx, in Deutsche Brüsseler Zeitung, 13 de Fevereiro de 1848.

Em resposta a um artigo do semanário belga de tendência radical e democrática burguesa — o Debate Social —, Marx precisa, por um lado, o papel das associações democráticas na Bélgica e, por outro, a posição dos comunistas em relação aos utopistas e aos democratas em geral.

Com o desencadear da revolução de Fevereiro, os acontecimentos políticos ganharão rapidamente uma feição mais concreta, com a Bélgica ameaçada por uma revolução análoga à de Paris. O governo real, sentindo o perigo, acaba por expulsar Marx de Bruxelas, como o foi Engels de Paris um pouco antes.

No que respeita à situação específica da Bélgica na Europa do século XIX, cf. os números 1 e 4 de Fil du temps consagrados a «A Nação e o Estado belga, produtos da contra-revolução».

tidiano liberal independência Belga que, tanto quanto sabemos, não tem ligações católicas.

O **Debate Social** declara que os Belgas reclamam reformas políticas por intermédio das associações democráticas. Ora o **Debate** esquece-se de mencionar nesta altura o carácter internacional da Associação democrática. Mas talvez não o tenha verdadeiramente esquecido. Não saberá ele que uma associação que se esforça por promover a democracia em todos os países tem de agir antes de mais no país em que reside?

O **Debate Social** não se contenta com dizer o que os Belgas se propõem realizar através das associações democráticas, vai mais longe e diz o que os Belgas não se propõem realizar; por outras palavras, aquilo que não devem querer quando fazem parte dessas associações que os Belgas criaram... para reclamar reformas políticas. **Atenção aos estrangeiros!**

O **Debate** escreve: «As reformas políticas que os Belgas querem reclamar, graças às associações democráticas, não fazem parte dessas utopias [comunistas] que certos democratas perseguem em países em que as instituições sociais não deixam esperar reformas eficazes, onde parece portanto tão razoável sonhar com castelos no ar como com o bem-estar modesto de que gozam já os povos livres. Aquele que nada possui pode tanto sonhar de uma só vez com milhões como com cem francos de renda ou de lucro.»

O **Debate** refere-se aqui manifestamente aos comunistas.

Gostaríamos de lhe perguntar se «o modesto bem-estar da «livre» Inglaterra se manifesta no facto de as despesas para os mais pobres crescerem mais depressa que a população?»

Gostaríamos de lhe perguntar se inclui também a miséria flamenga no «modesto bem-estar dos povos livres?»

Gostaríamos que nos esclarecesse este mistério: como é que se arranja para meter um salário no lugar dos «cem francos de renda ou de lucro»? Mas sem dúvida que entende por «modesto bem-estar dos povos livres» o modesto bem-estar dos livres capitalistas e proprietários fundiários!

Finalmente, gostaríamos de lhe perguntar se a Associação democrática de Bruxelas o encarregou de fazer passar por mentirosos os utopistas que não acreditam «na modesta felicidade dos povos livres?»

O **Debate Social** não fala, no entanto, dos comunistas simplesmente, mas dos comunistas alemães que — porque as condições políticas do seu país não lhes permitem criar nem uma Aliança alemã nem uma «Associação liberal» alemã — caem nos braços do comunismo em desespero de causa.

Fazemos notar ao Debate que o comunismo tem a sua origem na Inglaterra e em França e não na Alemanha.

Damos, em todo o caso, ao Debate a seguinte garantia em troca da sua: o comunismo alemão é o inimigo mais determinado de qualquer utopismo e, longe de excluir o desenvolvimento histórico, antes se fundamenta nele.

A Alemanha, é certo, está muito atrasada na evolução política e tem ainda de atravessar longas fases políticas. Somo os últimos a negá-lo. Mas, por outro lado, cremos que um país de mais de quarenta milhões de habitantes não procurará a medida do seu movimento no radicalismo de pequenos países livres (25), quando se trata de preparar uma revolução.

O Debate entende por comunismo o facto de sublinhar as oposições de classes e a luta de classes? Então não é o comunismo que é comunista, mas a economia política e a sociedade burguesas. Sabemos que Robert Peel profetizou que o antagonismo das classes da sociedade moderna devia rebentar numa terrível crise. Sabemos que o próprio Guizot, na sua história da civilização, nada mais fez do que expor formas determinadas da luta de classes. Mas, claro, Peel e Guizot são utopistas, e realistas são aqueles que consideram as manifestações da realidade social como um golpe contra a inteligência indulgente da vida. O Debate Social é livre de admirar e de idealizar a América do Norte! Perguntamos-lhe simplesmente se a constituição política da América do Norte alguma vez pôde ser introduzida na Europa sem grandes transformações sociais?

Que o Debate nos perdoe sermos tão quiméricos que cremos que a reivindicação da carta inglesa não foi estabelecida por algumas boas almas sonhando com o sufrágio universal, mas antes por um grande partido à escala nacional que, ele próprio, implicava um longo processo de unificação em classe dos operários Ingleses. Ora, essa carta é reclamada num sentido totalmente diferente das constituições da América e da Suíça e terá igualmente consequências sociais absolutamente diversas (26). Aos nossos olhos, são utopistas

(25) Marx sabe muito bem que a maior parte dos pequenos países da Europa são ou sobrevivências do passado, ou então criações reaccionárias da Santa-Aliança contra-revolucionária. De facto, Engels constatará, em plena crise revolucionária, que «a guerra civil não atingiu a Bélgica; metade da Europa não se agarra às suas fronteiras para conspirar com os rebeldes, como aconteceu já na França de 1793?» (A Nova Gazeta renana, 3/9/1848: «Condenações à morte de Anvers».)

(26) Já em 1843 Engels escrevia: «A revolução política da França mostra pois claramente como deverá desenrolar-se a história futura dos cartistas ingleses [Napoleão ou Babeuf].

«A Revolução francesa desenvolveu o democracia na Europa. A democracia

aqueles que separam as formas políticas do seu fundamento social e as apresentam como dogmas abstractos e gerais.

O **Debate Social** esforça-se por defender a Associação democrática eliminando ao mesmo tempo «certos democratas» que não se satisfazem com «o modesto bem-estar dos povos livres». É o que ressalta dos seus comentários sobre a discussão da questão da livre-troca no seio da Associação. O **Debate** escreve: «Seis sessões foram consagradas à discussão dessa interessante questão e numerosos operários de diversas oficinas da nossa cidade fizeram valer nessa ocasião razões que não estariam deslocadas no célebre congresso dos economistas que teve lugar em Bruxelas em Setembro último.»

Primeiramente, o **Debate Social** nota ainda que a Associação se pronunciou praticamente por unanimidade pela liberdade absoluta das trocas entre os povos, como fim da democracia.

Depois, o **Debate**, no mesmo número, reproduz um discurso de Le Hardy Beaulieu, verdadeiro montão dos desperdícios mais corruptos da cozinha dos partidários ingleses da livre-troca. E para concluir, aplaude o liberal Cobden.

Quem duvidaria depois desta apresentação do **Debate Social** que a Associação tenha votado por larga maioria pela livre-troca no sentido do congresso dos economistas e dos partidários da livre-troca burgueses (27)?

é uma contradição nos seus próprios termos, uma mentira e, no fundo, uma pura hipocrisia (uma teologia, como diriam os Alemães). E isto vale, na minha opinião, para todas as formas de governo. A liberdade política é um simulacro e a pior escravidão possível; essa liberdade fictícia é a pior sujeição. O mesmo se passa com a igualdade política: eis a razão porque é necessário reduzir a bocados tanto a democracia como qualquer outra forma de governo.» (Cf. «Progressos da reforma social no continente», 4/11/1843, trad. franc.: *Écrits militaires*.) Este longo artigo descreve a evolução do programa e a história dos partidos comunistas em Inglaterra, França e Alemanha, de que o marxismo fez uma síntese nova.

Em Inglaterra, para Marx-Engels, as reivindicações do cartismo operário não deviam conduzir ao reino parlamentar burguês, mas à revolução violenta: «O sufrágio universal, que foi em 1848, em França, uma fórmula de confraternização geral, é em Inglaterra um grito de guerra. Em França, o conteúdo imediato da revolução foi o sufrágio universal; em Inglaterra, o conteúdo imediato do sufrágio universal, é a revolução.» (MARX, *Neue Oder-Zeitung*, 8/6/1855.)

(27) Marx pretende distinguir entre a sua posição em relação à livre-troca e a dos economistas burgueses (que, de resto, estavam perfeitamente ao corrente dessa diferença, visto que recusaram a Marx a palavra no seu Congresso de Bruxelas de Setembro de 1847).

**A Julian Harney, redactor do Jornal «Northern Star»,
Secretário da Associação «Fraternal Democrats»
em Londres.**

Bruxelas, 28 de Fevereiro de 1848

Conhecem já a gloriosa revolução que acaba de se realizar em Paris.

Vimos comunicar-lhes que em consequência desse acontecimento importante a Associação democrática estabeleceu aqui uma agitação pacífica, mas enérgica, com vista a obter, pelas vias próprias às instituições políticas da Bélgica, as vantagens que o povo francês acaba de conquistar.

As resoluções que seguem foram aprovadas pelas mais entusiásticas aclamações:

1. A Associação democrática realizará assembleias todas as noites e serão abertas ao público;

2. Será enviada uma mensagem, em nome da Associação, ao governo provisório de França, com o objectivo de lhe exprimir as nossas simpatias pela revolução de 24 de Fevereiro ⁽²⁸⁾;

3. Será apresentada uma mensagem ao conselho comunal de Bruxelas, convidando-o a manter a paz pública e a evitar qualquer efusão de sangue organizando as forças municipais compostas pela guarda civil em geral, isto é os burgueses que são armados nas circunstâncias vulgares e os artesãos que podem ser armados em alturas extraordinárias, em conformidade com as leis do país. As armas serão assim confiadas à classe média e à classe operária igualmente. ⁽²⁹⁾.

Informá-los-emos, tão frequentemente quanto possível, dos esforços e dos progressos que fizermos ulteriormente.

Temos a esperança que conseguirão em breve, pelo vosso lado, fazer introduzir «a carta do povo» nas leis do vosso país e que ela vos servirá para conseguir em seguida outros progressos ⁽³⁰⁾.

Finalmente, convidamo-los a manterem-se, nesta crise importante, em frequente comunicação connosco e a transmitirem-nos todas as notícias do vosso país que possam ser de natureza a exercer um efeito favorável no povo belga.

⁽²⁸⁾ Cf. MEGA, 1/6, p. 653-654.

⁽²⁹⁾ É impossível reivindicar de forma mais nítida e «plausível» o armamento do povo no decurso da crise revolucionária. Para agir de forma revolucionária, repetirá Engels, não há necessidade de brandir a cada passo a palavra revolução.

⁽³⁰⁾ Sublinhado nosso. (Nota da versão francesa.)

A situação na Bélgica

A burguesia belga recusou a república do povo há quinze dias; neste momento é ela que se prepara para tomar a iniciativa do movimento republicano ⁽²¹⁾. Não o proclama ainda alto e bom som, mas por todo o lado em Bruxelas murmura-o ao ouvido: «Decididamente, é preciso que Leopoldo se vá embora; decididamente só a república nos pode salvar, mas do que precisamos é de uma boa e sólida república, sem organização do trabalho, sem sufrágio universal, sem operários à mistura!»

Isto é já um progresso. Os bons burgueses que, ainda há poucos dias, se defenderam a todo o transe de qualquer intenção de imitar a República francesa sentiram o reflexo da crise financeira de Paris. Mesmo renegando a imitação política ficaram sujeitos à imitação financeira. Não deixando de entoar hinos à independência e à neutralidade belgas, descobriram que a Bolsa de Bruxelas estava na dependência mais completa, mais humilhante, da de Paris. O cordão de tropas que ocupa a fronteira do sul não impediu a entrada da queda dos valores, de tambores a tocar, no território garantido neutro da Bélgica...

Carta de Marx sobre a sua expulsão de Bruxelas

Senhor redactor,

Neste momento, o governo belga coloca-se totalmente do lado da Santa-Aliança ⁽²²⁾. O seu furor reaccionário cai sobre os demo-

⁽²¹⁾ Engels, texto escrito em francês (MEGA, 1/6, p. 422), 18 de Março de 1848.

Ao descrever a situação belga a seguir aos acontecimentos revolucionários de Fevereiro, Engels prossegue, no terreno da luta de classes aberta, a polémica começada por Marx contra o *Debate social* que, depois de ter tentado afastar os comunistas alemães da Associação democrática belga, pretendia tomar a sua direcção.

Desta vez, é a própria burguesia belga que, sob a pressão revolucionária, se apresta a fingir aplicar as reivindicações democráticas, reclamadas pela Associação democrática, a fim de tomar a direcção do movimento e abafar as suas aspirações revolucionárias, esperando não realizar nenhuma das suas promessas quando a pressão das massas tiver diminuído.

Estes dois exemplos testemunham o prolongamento da teoria do partido para a vida social real, através da luta de classes.

⁽²²⁾ Cf. *A Reforma*, 8 de Março de 1848.

O artigo de Marx é redigido em francês. Engels, por seu lado, publicou um artigo sobre o mesmo tema no jornal cartista *The Northern Star*, em 25 de Março de 1848, em que descreve longamente as circunstâncias da expulsão de

cratas alemães com uma brutalidade inaudita⁽⁵³⁾. Se não tivéssemos o coração demasiado angustiado pelas perseguições de que fomos, em especial, objecto, rir-nos-famos francamente com o ridículo em que cai o ministério Rogier, ao acusar alguns alemães de pretenderem impor a república aos Belgas, contra a vontade destes; mas é que, no caso especial a que fazemos alusão, o odioso sobrepõe-se ao ridículo.

Antes de mais, caro senhor, é fácil de saber que quase todos os jornais de Bruxelas são redigidos por Franceses que, na sua maior parte, fugiram de França para escaparem às penas aviltantes com que estavam ameaçados na sua pátria: estes Franceses têm portanto o maior interesse em defender neste momento a independência belga, que todos eles tinham traído em 1833. O rei, o ministério e os seus partidários serviram-se dessas folhas para darem crédito à opinião pública de que uma revolução belga no sentido republicano não seria mais do que uma limitação de uma *francequillonnerie*; e que toda a agitação democrática que se faz sentir hoje em dia na Bélgica tinha sido provocada unicamente por Alemães muito excitados.

Os Alemães não negam nunca que se tenham associado francamente aos democratas belgas e fizeram-no sem qualquer excitação. Aos olhos do procurador do rei, era excitar os operários contra os burgueses, era tornar suspeito para os Belgas um rei alemão de quem eles tanto gostam, era abrir as portas da Bélgica a uma invasão francesa. Após ter recebido, em 3 de Março, às cinco horas da tarde, a ordem de deixar o reino belga no prazo de vinte e quatro horas, eu estava ainda ocupado, na noite do mesmo dia, a fazer os meus preparativos de viagem, quando um comissário da polícia, acompanhado por dez guardas municipais, penetrou no meu domicílio, revistou toda a casa e acabou por me prender sob o pretexto de que não tinha documentos⁽⁵⁴⁾.

Karl e Jenny Marx, assim como os objectivos políticos da Associação democrática durante a crise de Fevereiro de 1848.

(53) A polícia prolonga, a seu modo, a polémica iniciada pelo *Debate social* — jornal pretensamente oposto ao governo real belga — que se tinha esforçado por separar os comunistas alemães da Associação democrática de Bruxelas que animavam, até por os opor aos elementos belgas.

A papel do partido é precisamente desmascarar aos olhos das massas aqueles que preparam, no papel e nos espíritos, as acções anticomunistas, ao indicar antecipadamente em que posições o inimigo vai atacar.

(54) Marx prossegue declarando que os seus documentos estavam perfeitamente em ordem, etc. Não reproduziremos a narração de factos que se repetiram milhares de vezes em todos os países do mundo. Notemos simplesmente que, na sua pressa de intervir para reprimir, a polícia age nove vezes em cada dez baseando-se em motivos puros e simplesmente inventados, portanto arbitrários

Ao senhor director do jornal «Alba»

Sob o título de A Nova Gazeta renana e sob a direcção do sr. Karl Marx será publicado em Colónia, a partir de 1 de Junho, um novo quotidiano ⁽³⁵⁾. Este jornal perseguirá, no norte da Europa, os mesmos princípios democráticos que o Alba representa em Itália ⁽³⁶⁾. Não pode haver portanto qualquer dúvida sobre a posição que temos no conflito que opõe actualmente a Itália à Austria: defenderemos a causa da independência italiana e combateremos até à morte o despotismo austríaco em Itália, tal como na Alemanha e na Polónia. Estendemos fraternalmente a mão ao povo italiano, e queremos demonstrar-lhe que a nação alemã repudia, venha ela donde vier, a opressão exercida entre vós por aqueles mesmos que desde sempre combateram a liberdade entre nós.

Queremos fazer todos os possíveis para preparar a união e o bom entendimento entre as duas grandes e livres nações que um sistema infame de governo fez crer até agora inimigas mútuas.

Pediremos portanto que a brutal soldadesca austríaca seja retirada sem demora de Itália e que ao povo italiano sejam dadas condições para exprimir a sua vontade soberana a respeito da forma de governo que pretender escolher.

A fim de nos permitir conhecer os assuntos italianos e dar-vos oportunidade de ajuizar da sinceridade das nossas promessas propomo-vos permutar o vosso jornal com o nosso: enviar-vos-famos então todos os dias A Nova Gazeta renana e vocês mandar-nos-iam

e falsos, pondo-se ela própria na ilegalidade — o que, evidentemente, não tem grande significado aos olhos do aparelho legal do país, mas pode ser explorado para denunciar a hipocrisia e a má fé da «justiça» e, melhor ainda, de todo o aparelho legal e constitucional, democrático ou não.

⁽³⁵⁾ Carta de Marx publicada, em plena crise revolucionária, no Alba em 29 de Junho de 1848, traduzida do italiano.

Este texto continua os discursos nos quais Marx-Engels tinham desenvolvido a questão polaca até às dimensões da política proletária, precisando o papel do partido cartista nas questões democráticas. A intervenção de Marx junto do movimento democrático italiano demonstra que, para ele, as promessas de luta comum, feitas a propósito da Polónia, não eram palavras e tinham um carácter geral.

⁽³⁶⁾ Marx e Engels tinham uma visão aguda do processo que era necessário prosseguir antes de realizar a «República alemã una e indivisível» de carácter democrático-burguês:

«Não alimentamos a esperança utópica de que se proclame desde já uma República alemã una e indivisível, mas pedimos ao Partido democrata radical que não confunda o ponto de partida da luta e do movimento revolucionários com o seu objectivo final. Não se trata de realizar esta ou aquela opinião, nem esta ou aquela política, trata-se de compreender a marcha da revolução.» (MARX, La Nouvelle Gazette rhénane, 7/6/1846.)

regularmente o Alba. Esperamos que seja do vosso agrado esta proposta e pedimo-vos que nos enviem o Alba o mais cedo possível, a fim de que possam aproveitar os nossos primeiros números.

Se acontecer terem outras notícias a dar-nos agradecemos que no-las enviem. Prometemos que tudo o que possa servir a causa da democracia neste ou nesse país encontrará sempre em nós toda a atenção possível.

Saudações fraternais.

A direcção de A Nova Gazeta renana

O redactor-chefe

Dr. KARL MARX

A acção de Colónia

O caso de Colónia é desagradável ⁽³⁷⁾. Os nossos três melhores homens estão presos. Pude falar com um dos que tomaram parte activa no assunto. Pretendiam desencadear uma acção, mas em lugar de se munirem de armas — fáceis de arranjar —, foram-se manifestar, desarmados, diante dos paços do concelho, onde foram cercados. Pretendem que a tropa lhes era na maioria favorável. Esta acção foi conduzida de forma estúpida e irreflectida. Se o relato que me fizeram é exacto, poderiam muito facilmente ter dado um grande golpe e em duas horas tudo teria acabado. Mas todo o processo foi montado de forma horrorosamente disparatada ⁽³⁸⁾.

Parece que os nossos velhos amigos de Colónia agiram, além disso, de forma muito indolente, quando tinham decidido dar um grande golpe. O pequeno d'Ester, Daniels e Bürgers estiveram no local alguns momentos, mas partiram muito rapidamente, apesar da

⁽³⁷⁾ Cf. Engels a Marx, 9 de Março de 1848.

Quando a vaga revolucionária, que submergirá a Europa de 1848 a 1849, havia atingido já a Alemanha, o episódio relatado por Engels é um sinal anunciador do levantamento de 18 de Março de 1848 na Prússia. As críticas de Engels ao comportamento dos membros da Liga de Colónia na acção de 3 de Março de 1847 revelam a fraqueza notável da Liga comunista no momento em que rebenta a revolução e que surgem as tarefas práticas. É ainda a imaturidade geral das condições objectivas e subjectivas que explica essa fraqueza, ainda que a vontade revolucionária dos membros da Liga seja notória.

⁽³⁸⁾ Ressalta claramente da carta de Engels que a acção de Colónia foi levada a cabo por decisão local, sem ligação prévia com o Conselho central, nem um plano que se inserisse num quadro de acção e estratégia gerais.

presença do pequeno doutor (d'Ester) ter sido absolutamente necessária nos paços do concelho ⁽²⁹⁾.

Aparte isso, as notícias da Alemanha são excelentes. Em Nassau, êxito pleno da revolução; em Munique, estudantes, pintores e operários em plena insurreição; em Cassel, velada de armas revolucionária; em Berlim, medo e tergiversações sem fim; em toda a Vestefália, proclamação da liberdade de imprensa e criação da guarda nacional. Neste momento é suficiente.

Esperemos que Frederico-Guilherme IV dê provas de teimosia. Então a partida estará ganha e dentro de alguns meses será a revolução alemã. Esperemos que se agarre aos resquícios feudais! Mas, diabo, quem pode prever o que fará esse indivíduo extravagante de mente perturbada.

Em Colónia, toda a pequena burguesia quer a união à República francesa: as recordações de 1797 predominam ainda nesta altura.

⁽²⁹⁾ Antes da revolução alemã de Março de 1848, a Liga dos comunistas tinha uma comuna em Colónia. Era constituída por Karl d'Ester, Roland Daniels, Heinrich Bürgers, Fritz Anneke, Andreas Gottschalk, August Willich, etc. Uma grande parte deles pertencia à tendência do «socialismo verdadeiro». Só sob a influência de Marx-Engels durante os acontecimentos revolucionários de 1848-1849 é que a comuna passou para o seu lado, aliás não sem lutas e fricções.

Quando da grande manifestação de 3 de Março diante dos paços do concelho de Colónia, Andreas Gottschalk, August Willich e Fritz Anneke foram presos; serão amnistiados depois da revolução de 19 de Março e libertados.

**3. O partido na revolução
(1848-1850)**

Enquanto os democratas pequeno-burgueses querem terminar a revolução o mais depressa possível depois de terem obtido, no melhor dos casos, a realização das reivindicações [que tornam suportável a sociedade existente], é do nosso interesse e nosso dever tornar a revolução permanente, até que todas as classes tenham sido expulsas do poder, que o proletariado tenha conquistado o poder público e que, não apenas num país, mas em todos os principais países do mundo, a associação dos proletários tenha feito progressos bastantes para suprimir nesses países a concorrência entre proletários e concentrar nas mãos dos proletários pelo menos as forças produtivas decisivas.

MARX, Mensagem do Conselho central
à Liga, Março de 1850.

A todos os trabalhadores da Alemanha! Irmãos e Trabalhadores!

Se não quisermos ser enganados uma vez mais ⁽¹⁾, se não quisermos ser, durante uma longa série de anos, aqueles que um pequeno número explora e injúria, é preciso não deixar perder um só instante, nem deixar passar um só minuto na inactividade.

Isolados como estivemos até aqui, somos fracos, ainda que nos contemos por milhões. Unidos e organizados, constituiremos, pelo contrário, uma força irresistível. Razão para que, irmãos, formemos, em todas as cidades e todas as aldeias, uniões operárias

(1) Cf. Seeblätter, 13 de Abril de 1848.

Este panfleto, reproduzido em diversos jornais operários, é um apelo a todos os trabalhadores alemães, para a criação de uniões operárias e para a preparação de um congresso dos trabalhadores. Representa a primeira iniciativa do «partido Marx» para a revolução: o apelo à união geral do proletariado para a luta, condição prévia de qualquer sucesso ulterior, no interesse tanto da revolução como da própria classe operária.

Este apelo foi preparado em Paris pela Liga e transmitido a Mayence por Wallau, membro do Conselho central, e Cluss, membro da Liga. Quando do seu regresso à Alemanha, Marx-Engels deliberaram-se em 8 de Abril em Mayence, antes de atingirem Colónia, para aí discutirem o plano de acção posterior para a organização de uma ligação entre as associações existentes e a criação de novas uniões operárias, espécie de soviets.

em que discutiremos sobre as nossas condições, em que proporemos medidas para mudar a nossa situação actual, em que designaremos os representantes da classe trabalhadora no parlamento alemão e em que prepararemos todas as iniciativas necessárias para salvaguardar os nossos interesses. Além disso, todas as uniões operárias da Alemanha deverão, tão depressa quanto possível, entrar em comunicação entre si de forma continuada.

Propomo-vos escolher provisoriamente Mayence como centro de todas as uniões operárias, e encetar correspondência com o comité abaixo assinado, a fim de nos concertarmos num plano comum e tão depressa quanto possível fixar definitivamente, quando da reunião dos delegados, a sede do comité central, etc.

Recebemos as cartas sem franquia, da mesma forma que escrevemos às uniões sem franquia.

Mayence, 5 de Abril de 1848.

A Associação de formação operária

Em nome do comité director:

O relator :

WALLAU

O redactor :

CLUSS

Intervenções nas associações operárias

Protesto da Sociedade democrática de Colónia contra a incorporação da Posnânia na Confederação alemã

A Sociedade democrática de Colónia aprezentou o seguinte protesto junto da Assembleia nacional (2):

Considerando

1. que a Alemanha empenhada na luta pela liberdade não deve oprimir outras nacionalidades, mas apoiá-las nos seus esforços para obterem a sua liberdade e a sua independência;

2. que a emancipação da Polónia é uma questão vital para a Alemanha;

(2) Cf. A Nova Gazeta renana, 13 de Agosto de 1848. Texto elaborado por Marx.

Os textos conhecidos do período revolucionário estão cheios de lacunas. No plano da teoria, contudo, são acabados, ligando-se ao conjunto doutrinal coerente, preparado antes do assalto revolucionário.

3. que os três déspotas [russo, austríaco e prussiano] acabam mais uma vez de despojar os Polacos da sua liberdade e da sua independência nacional;

4. que desde 1792 todos os atentados contra a Polónia e todas as partilhas desta pela reacção foram sempre dirigidos contra a liberdade de toda a Europa, e por outro lado, que de cada vez que um povo se emancipou, reclamou a restauração da Polónia;

5. que o próprio Comité dos Cinquenta rejeitou com indignação qualquer participação no crime perpetrado contra a Polónia em nome do povo alemão e exprimiu claramente que era dever deste último agir para a restauração de uma Polónia independente;

6. que o próprio rei da Prússia, sob a pressão da opinião pública, havia prometido solenemente, depois da revolução de Março, reorganizar a Polónia;

7. que a despeito de tudo isto a Assembleia nacional de Francforte — de resto saída de eleições indirectas — decidiu, na sua sessão de 27 de Julho, incorporar três quartos do Grão-Ducado da Posnânia no Império alemão (que nem sequer existe ainda) e, ao fazê-lo, se tornou culpada do mesmo crime contra a liberdade cometido pelo Congresso de Viena e pela Dieta alemã;

8. que muito embora a parte sã do povo alemão não queira, nem possa, ter a menor participação no dismantelamento da nacionalidade polaca em proveito da reacção e no interesse de um certo número de burocratas, proprietários fundiários e traficantes prussianos, a Sociedade democrática de Colónia declara, na sua sessão de hoje: que protesta solenemente contra a decisão tomada pela Assembleia nacional alemã em 27 de Julho no que respeita ao Grão-Ducado da Posnânia e, perante a Alemanha, a Polónia e toda a Europa, lança uma advertência enérgica contra essa anexação efectuada em proveito do partido reacconário da Prússia, da Rússia e da Austria (2).

A Sociedade democrática
Em seu nome: O Comité

(2) Em geral, nunca se deve mudar ou adaptar o programa quando este é posto em cheque, a não ser para julgar a situação-fruto da derrota e analisar a nova relação de forças.

Sendo reflexo de um estado social, o programa é uma força física. Pode desaparecer da cena política, mesmo esfumar-se da consciência dos membros actuais do partido revolucionário, sem deixar de existir como tarefa nas relações sociais das classes, como o oxigénio se encontra tanto na água como no fogo, conforme a imagem de Marx.

Assembleia Popular em Wörringen

Colónia, 18 de Setembro de 1848 (4). Houve ontem perto de Wörringen um grande meeting popular. Cinco ou seis grandes lanchas fluviais haviam descido o Reno a partir de Colónia, cada uma carregada com algumas centenas de pessoas e levando na proa uma bandeira vermelha. Delegações mais ou menos numerosas tinham vindo de Neuss, Dusseldorf, Crefeld, Hitdorf, Frechdorf e Rheindorf. No meeting, realizado num prado na margem do Reno, estavam presentes pelo menos seis a oito mil pessoas.

Karl Schapper de Colónia foi nomeado presidente, Friedrich Engels de Colónia, secretário. Por proposta do presidente, a assembleia declarou-se, com apenas um voto contra, a favor da República e, mais precisamente, pela República Vermelha, democrático-social.

Por proposta de Ernest Dronke de Colónia, a assembleia de Wörringen adoptou por unanimidade a resolução que tinha sido já adoptada na quarta-feira na praça dos Francos de Colónia — a

(4) Relatório reproduzido por A Nova Gazeta renana, 19 de Setembro de 1848.

Marx e Engels enunciaram claramente, em teoria, a tática a seguir nas sucessivas fases da dupla revolução na Alemanha. Mas faltam tremendamente dados sobre as suas actividades correspondentes e nomeadamente em relação a nós, sobre as medidas de organização e o trabalho prático que acompanham a passagem da luta pela instauração de uma «República una e indivisível» (sob a direcção da burguesia ou do partido proletário tomando a seu cargo essa tarefa ainda progressiva) para a luta por uma «República vermelha» simplesmente reivindicada no último número de A Nova Gazeta renana.

Perante a traição rápida da burguesia e a fraqueza do partido democrático na Alemanha, o partido proletário — no estado em que se encontrava, com os meios de que dispunha e com a consciência geral que tinha disso na realidade — tentou tomar a direcção da luta política, pondo à cabeça a sua reivindicação da República vermelha, provida do rótulo «democrático-social». Com efeito, um acto de vontade não podia modificar nem as condições atrasadas da Alemanha com as suas inumeráveis classes pré-capitalistas e pequeno-burguesas, nem a necessidade de seguir as fases que precedem as condições da sua ditadura única e completa. Segundo a expressão de Engels, «a revolução de 1848 fez executar, em suma, as tarefas da burguesia por combatentes proletários sob a bandeira do proletariado» (prefácio polaco do Manifesto). Mais uma vez o proletariado foi batido.

Uma exposição sistemática da tática do partido na revolução europeia de 1848-1850 foi publicada em «A Questão militar. Fase da constituição do proletariado em classes, logo em partidos, na Alemanha», cap. IV, II Programma comunista, Milão (o primeiro capítulo foi publicado aí no n.º 23 de Dezembro de 1963). Esta série sairá completa em francês in Fil du Temps de 1973, n.º 11, consagrado à questão militar.

Notar-se-á que toda a assembleia de Wörringen é animada e dirigida por membros da comuna de Colónia da Liga dos comunistas: Schapper, Dronke, Moll, Engels, etc.

saber que a Assembleia nacional de Berlim era intimada a não ceder à força das baionetas em caso de dissolução.

Por proposta de Joseph Moll de Colónia, a assembleia popular reconheceu o Comité de segurança eleito pela assembleia pública de Colónia e, a pedido de um membro do meeting, deu-lhe um triplo viva.

Por proposta de Friedrich Engels de Colónia, foi adoptada a seguinte resolução:

A Assembleia nacional alemã de Francfort,

Os cidadãos do Império alemão aqui reunidos declaram pela presente que tomarão o partido da Alemanha com os seus bens e o seu sangue se, pelos actos ilegais do governo prussiano contra as decisões da Assembleia nacional e do poder central, um conflito tiver de surgir entre a Prússia e a Alemanha.

Worringen, 17 de Setembro de 1848.

Por proposta de Schulte de Hitdorf, foi decidido que **A Gazeta de Colónia** ⁽⁵⁾ não representava os interesses da Renânia.

Tomaram a palavra em seguida: M. Wolff de Colónia, F. Lassalle de Dusseldorf, Esser de Neuss, Weyll, Wachter, Becker e Reichhelm de Colónia, Wallraf e Frechen, Muller, membro da união operária de Worringen, Leven de Rheindorf, Imandt de Crefeld. Para encerrar a reunião foi dada a palavra a Henry Brisbane de Nova Iorque, o bem conhecido redactor do jornal democrata-social **New York Tribune**.

No decurso da reunião, soube-se de fonte segura que as autoridades tinham a intenção «de fazer vir, mais uma vez, a Colónia o 27.º batalhão na próxima terça-feira ao mesmo tempo que os outros batalhões do regimento, de incitar a tropa a criar conflitos com a população a fim de proclamar nessa altura o estado de sítio na cidade, de desarmar a guarda civil, em resumo de nos tratar pura e simplesmente como em Mayence».

No caso de esta notícia se confirmar e de se chegar a um conflito, os habitantes presentes dos arredores de Colónia garan-

(5) Este jornal, porta-voz da burguesia liberal, tinha-se distinguido mais pelos seus ataques contra a revolucionária **A Nova Gazeta renana** do que contra o governo absolutista da Prússia.

No que respeita à fraqueza do partido democrático durante os acontecimentos decisivos de Março, cf. **O Partido democrático**, 2/6/1848, trad. franc.: MARX-ENGELS, *La Nouvelle Gazette rhénane*, I, Ed. Sociales, p. 44-46; cf. igualmente *Programme du parti radical-démocrate et de la gauche à Francfort*, p. 65-70.

tiram que viriam em nossa ajuda. De facto, os habitantes de Worringen apenas esperam um sinal para aparecerem.

Isto em intenção do ex-comandante da guarda civil, sr. Wittgenstein.

Marx e «A Nova Gazeta renana» (1848-1849) (v)

Quando rebentou a revolução de Fevereiro, o «partido comunista» alemão — como lhe chamávamos — não era mais do que um pequeno núcleo: a Liga dos comunistas organizada em associação secreta de propaganda. Se a Liga era secreta, era unicamente porque não existia direito de associação e de reunião na Alemanha. Para além das sociedades operárias no estrangeiro — seu terreno de recrutamento essencial —, tinha no próprio país umas trinta comunas, ou secções, e alguns membros dispersos por numerosas localidades. Mas essas forças insignificantes tinham em Marx um chefe de primeira qualidade e, graças a ele, um programa de princípio e de táctica que mantém ainda hoje todo o seu valor: o Manifesto comunista.

Consideremos em primeiro lugar a parte táctica deste programa. Afirma em geral:

«Os comunistas não formam um partido distinto face aos outros partidos operários. Não têm interesses distintos dos do proletariado no seu conjunto. Não proclamam princípios particulares segundo os quais pretendem modelar o movimento proletário. Eis o que distingue os comunistas dos outros partidos proletários: por um lado, nas diversas lutas nacionais dos proletários, põem acima de tudo e fazem valer os interesses independentes da nacionalidade e comuns ao proletariado inteiro; por outro lado, nas diversas fases que

(v) Cf. ENGELS, *Der Sozialdemokrat*, 13 de Março de 1884.

Neste artigo, Engels analisa uma das faces da actividade, a da imprensa, do «partido Marx», durante a crise europeia de 1848-1849. Na sua obra de 1905, em que definiu a táctica a adoptar pelo partido russo na revolução que se prepara, Lenine analisa longamente a posição de Marx à cabeça de *A Nova Gazeta renana* no decurso de uma revolução burguesa que preludia a revolução proletária (tentativa que fracassou na Alemanha em 1849, mas que teve êxito na Rússia em Fevereiro e Outubro de 1917). Cf. LENINE, «Deux tactiques de la social-démocratie dans la révolution démocratique», *Oeuvres*, t. IX, p. 129-139: III. «La représentation bourgeoise vulgaire de la dictature et la conception de Marx».

Como o sublinha Engels, este programa mantém hoje ainda todo o seu valor: depois da Rússia, podia aplicar-se a todos os países que, no século XX, não tinham ainda feito a sua revolução nacional burguesa nos continentes de cor, entre os povos oprimidos pelo imperialismo branco.

a luta entre proletariado e burguesia atravessa, representam sempre o interesse do movimento no seu conjunto.

«Praticamente, os comunistas são portanto a fracção mais resoluta dos partidos operários de todos os países, aquela que empurra mais para a frente todas as outras. Teoricamente, têm sobre o resto da massa proletária a vantagem de compreender claramente as condições, o curso e os fins gerais do movimento proletário.»

E para o partido alemão em particular:

«Na Alemanha, o partido comunista luta conjuntamente [kämpft zusammen mit (?)] com a burguesia, sempre que esta age revolucionariamente contra a monarquia absoluta, a propriedade feudal e a pequena-burguesia. Mas em nenhum momento negligencia o despartar entre os trabalhadores de uma consciência tão clara quanto possível do antagonismo entre burguesia e proletariado, a fim de que, no momento azado, os operários alemães saibam transformar imediatamente em outras tantas armas contra a burguesia, as condições sociais e políticas que a burguesia tem de introduzir juntamente com a sua dominação: deste modo, após a queda das classes reaccionárias na Alemanha, a luta pode ser dirigida contra a própria burguesia. É para a Alemanha que os comunistas dirigem sobretudo a sua atenção. Este país está nas vésperas de uma revolução burguesa...» (Manifesto, II e IV.)

Nunca programa táctico algum provou tanto o seu valor. Estabelecido na véspera da revolução, resistiu ao fogo da revolução:

(?) A maior parte das traduções dão para esta fórmula «luta de acordo com a burguesia» ou, pior ainda, «faz frente comum com a burguesia», sugerindo a ideia de um pacto formal e estável, até de uma frente única política com a burguesia progressiva. Ora Marx-Engels foram formais a este propósito: enquanto a burguesia for revolucionária, o proletariado lutará a seu lado sem se aliar nem se fundir com ela no plano organizativo ou programático, em resumo «fará uma aliança que não é concluída no papel, mas nos campos de batalha» (ENGELS, A Nova Gazeta renana, 15/2/1848).

No que respeita à estratégia no período das lutas nacionais progressistas, cf. MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 433-446.

No Congresso de Bacu que definiu a estratégia a adoptar nos países coloniais em que a instauração do capitalismo era ainda progressiva, a Internacional comunista relomou escrupulosamente — mas sem a respeitar na prática ulterior! — a posição clássica de Marx-Engels: «A Internacional comunista deve estabelecer relações temporárias e formar também uniões (soviéticas) com os movimentos revolucionários nos colónias e nos países atrasados, sem todavia nunca se fundir com eles e conservando sempre o carácter independente de movimento proletário mesmo na sua forma embrionária.» (Cf. *Quatre premiers congrès mondiaux de l'Internationale communiste, 1919-1923*, reimpressão em fac-simile, Maspero, 1969, p. 56.) No que respeita à discussão deste ponto e à evolução ulterior da questão, cf. H. CARRERE D'ENCAUSSE e S. SCHRAM, *Le Marxisme et l'Asie, 1853-1964*, Armand Colin, p. 202-203, 314-360.

Cada vez que um partido operário se desviou da sua linha, foi punido pelo seu desvio, e hoje ainda constitui a linha directriz de todos os partidos operários decididos e conscientes da Europa, de Madrid a Petersburgo.

Os acontecimentos de Fevereiro em Paris precipitaram o curso da revolução alemã e, consequentemente, modificaram o seu carácter. Em lugar de vencer pelas suas próprias forças, a burguesia alemã venceu a rebóque da revolução operária francesa. Antes mesmo de ter triunfado definitivamente sobre os seus velhos adversários — a monarquia absolutista, a propriedade fundiária feudal, a burocracia e a cobarde pequena-burguesia —, teve de defrontar o seu novo inimigo, o proletariado. Mas foi então que se manifestaram os efeitos directos das condições económicas, muito atrasadas em relação às da França e da Inglaterra, assim como das relações de classe, por consequência também tão retrógradas da Alemanha.

A burguesia alemã, que tinha começado a edificar a sua grande indústria, não tinha nem a força, nem a coragem, nem a necessidade imperiosa de conquistar para ela um poder hegemónico no Estado; o proletariado, igualmente subdesenvolvido, formado na sujeição intelectual mais completa, desorganizado e ainda incapaz de se constituir em organização autónoma, tinha apenas um sentimento obscuro do seu profundo antagonismo de interesses em relação à burguesia. Nestas condições, ainda que tenha sido, pela sua própria natureza, o adversário ameaçador da burguesia, manteve-se de facto como o seu apêndice político. Assustada não por aquilo que era o proletariado alemão, mas pelo que ameaçava vir a ser e pelo que o proletariado francês era já, a burguesia só viu saída num compromisso — mesmo o mais cobarde — com a monarquia e a nobreza; ignorando ainda a sua própria missão histórica, o proletariado, na sua grande massa, devia antes de mais encarregar-se da missão de empurrar para a frente a burguesia, formando a sua ala extrema-esquerda. Antes de tudo, os operários alemães tinham de conquistar os direitos que lhes são indispensáveis para se organizarem de forma autónoma em partido de classe — liberdade de imprensa, de associação e de reunião —, direitos que a burguesia tinha tido de conquistar no interesse da sua própria dominação, mas que, no seu terror, contestava agora aos operários. A pequena centena de membros dispersos da Liga foi engolida pelas enormes massas subitamente projectadas para o movimento. Foi assim que o proletariado surgiu primeiro na cena política enquanto partido democrata em extremo.

Foi isto que nos deu muito naturalmente uma bandeira, a nós que acabávamos de criar um grande jornal na Alemanha. Esta não podia ser senão a da democracia, mas de uma democracia

que punha, por todo o lado e até ao detalhe, em evidência um carácter especificamente proletário que não podia ainda inscrever, de uma vez por todas, na sua bandeira (8). Se nos tivéssemos recusado a isso, se não tivéssemos agarrado o movimento no ponto em que exactamente se encontrava, na sua extremidade mais avançada, autenticamente proletária, nada mais nos restaria do que pregar o comunismo numa pequena folha de couve local e fundar uma pequena seita em lugar de um grande partido operário. Ora não nos podíamos limitar a pregar no deserto: tínhamos estudado demasiadamente os utopistas para isso. De resto, não tínhamos concebido o nosso programa com esse fim.

Quando chegámos a Colónia, os elementos democráticos e, em parte, comunistas tinham tomado todas as disposições para lançarem um grande jornal. Pretendiam-no estritamente local, autenticamente de Colónia e pretenderam exilar-nos para Berlim. Mas, em vinte e quatro horas, graças sobretudo a Marx, tínhamos conquistado o lugar, o jornal era nosso. A única contrapartida era aceitarmos na redacção Heinrich Bürgers. Este escreveu um artigo (no segundo número), mas não escreveu mais nenhum.

Devíamos ir precisamente a Colónia e não a Berlim. Antes de mais, Colónia estava no centro da província renana que tinha vivido a Revolução francesa, que se tinha regido pelo Código Napoleónico das concepções jurídicas modernas, que tinha desenvolvido uma grande indústria, de longe a mais importante, e que em todos os aspectos era então a parte mais avançada da Alemanha. Conhecemos muito bem, por experiência pessoal, a Berlim dessa época, com a sua burguesia a nascer, a sua pequena-burguesia forte na palavra, mas cobarde na acção e rastejante, com os seus operários perfeitamente subdesenvolvidos, os seus inumeráveis burocratas e a sua escória de nobres e de cortesãos, em resumo tudo o que dela fazia uma simples «residência».

De qualquer modo, o que pesou na decisão foi que em Berlim reinava o miserável direito da Dieta prussiana, e os processos políticos eram da competência de juizes profissionais; enquanto que, no Reno, havia o Código Napoleónico que ignora os processos de

(8) Como se sabe, A Nova Gazeta renana tinha como subtítulo «Órgão da democracia», mas não tinha apesar disso um programa puramente democrático. O seu papel foi mais o de criticar as actuações dos democratas: «Nunca ambicionámos a honra de ser o órgão de qualquer esquerda parlamentar. Dados os elementos díspares de que nasceu o partido democrático na Alemanha, considerámos sempre, pelo contrário, de toda a necessidade vigiar os próprios democratas mais que ninguém.» (MARX-ENGELS, *La Nouvelle Gazette rhénane*, I, Paris, Ed. Sociales, p. 422, artigo de Engels, «Le Débat sur la Pologne à Francfort», 25/8/1848.)

imprensa, porque implica uma censura e desde o momento em que não havia delitos políticos, mas somente crimes, era-se levado perante os jurados. Em Berlim, o jovem Schlöffel foi condenado a um ano de prisão depois da revolução; no Reno, tínhamos a liberdade incondicional da imprensa — e utilizámo-la até à última gota.

Assim, em 1 de Junho de 1848, começávamos com um capital por acções muito limitado e de que apenas tínhamos pago uma pequena parte: os próprios accionistas eram mais do que incertos. Logo a seguir ao primeiro número, metade abandonou-nos e no fim do mês já não os havia.

A redacção estava organizada sob a ditadura pura e simples de Marx. Um grande jornal diário, que tem de estar terminado a uma hora certa, não pode ter posições continuadas e consequentes sem uma tal organização. Mas além do mais, no nosso caso, a ditadura de Marx impunha-se por si mesma, incontestavelmente, e era reconhecida de boa vontade por todos. Havia, em primeiro lugar, a sua visão clara e a sua segurança política que fizeram do nosso jornal o periódico alemão mais reputado desses anos revolucionários.

O programa político de A Nova Gazeta renana assentava em dois pontos principais: República alemã, una, indivisível e democrática; guerra com a Rússia e restauração da Polónia.

A democracia pequeno-burguesa dividia-se nessa época em duas fracções: a da Alemanha do Norte que se satisfazia com um imperador democrático da Prússia, a da Alemanha do Sul, confinada praticamente à região de Bade, que pretendia transformar a Alemanha numa república federativa segundo o modelo suíço. O interesse do proletariado impedia tanto a prussianização da Alemanha como a perpetuação do sistema dos pequenos Estados. Exigia imperiosamente a unificação da Alemanha numa só nação que, só ela, podia limpar de todos os obstáculos herdados do passado o campo de batalha no qual o proletariado tinha de defrontar a burguesia. Este programa opunha-se outro tanto à hegemonia «numa ponta», da Prússia. O Estado prussiano, com todas as suas instituições, as suas tradições e a sua dinastia, era precisamente o único adversário interno sério que a revolução tinha de abater na Alemanha; além disso, a Prússia só podia unificar a Alemanha desmembrando a nação por exclusão da Áustria alemã. Dissolução do Estado prussiano e austríaco, verdadeira unificação da Alemanha como república — não podíamos ter outro programa revolucionário imediato. Isto tudo devia realizar-se através de uma guerra contra a Rússia, e unicamente por esse meio. Voltarei ainda a este último ponto.

Além disso, o tom do jornal nada tinha de cerimonioso, era sério ou entusiasta. Tínhamos apenas adversários desprezíveis e

a todos tratávamos sem excepção com o mais profundo desdém. A realza conspiradora, a camarilha, a nobreza, a Kreuzzeitung e toda a «reacção» que desencadeava a indignação moral tão viva dos filisteus — tratávamos toda esta gatinha como convinha. Mas não atacávamos menos os novos ídolos suscitados pela revolução: os ministros de Março, a Assembleia de Francfort e de Berlim, tanto a direita como a esquerda. Desde o primeiro número, um artigo troçava da inutilidade do parlamento de Francfort, os discursos vão e intermináveis, assim como as cobardes e inúteis decisões que aí se tomavam. Foi o que nos custou metade dos nossos accionistas. O parlamento de Francfort nem sequer era um clube de debates; não se discutia aí praticamente nada, mas frequentemente recitavam-se longas litanias, preparadas antecipadamente como dissertações académicas. Tomavam-se resoluções que deviam entusiasmar o filisteu alemão e com as quais ninguém mais se preocupava.

A Assembleia de Berlim tinha, é certo, mais importância, representando uma verdadeira força. Os seus debates e decisões efectuavam-se em terra bem firme e não nas nuvens como na maison de coucou de Francfort. Razão pela qual lhe consagramos uma atenção muito especial. Mas os ídolos berlinenses da esquerda, os Schultze-Delitzsch, Berends, Elsner, Stein e tutti quanti, tratávamo-los tão duramente como aos de Francfort, evidenciando impiedosamente as suas hesitações, os seus rodeios e os seus calculozinhos, a fim de lhes demonstrarmos como, de compromisso em compromisso, se tinham deixado cair na traição da revolução. Isto arrepiava naturalmente o pequeno-burguês democrata que acabava exactamente de fabricar estes ídolos para seu uso próprio. Mas era o sinal indubitável de que tínhamos acertado no alvo.

Do mesmo modo, desmacarávamos as mistificações divulgadas zelosamente pela pequena-burguesia, para quem a revolução se tinha acabado com os dias de Março, de forma que não havia mais do que lhe colher os frutos. Para nós, Fevereiro e Março só podiam ter o sentido de uma verdadeira revolução se, em lugar de representar um fim, se tornassem pelo contrário, no ponto de partida de um longo processo revolucionário no decurso do qual, como na grande revolução francesa, o povo evoluísse por si mesmo graças às suas próprias lutas, enquanto que os partidos se limitavam uns aos outros de forma cada vez mais antagónica até corresponderem totalmente às grandes classes — burguesia, pequena-burguesia, proletariado — e o proletariado haja conquistado as suas posições respectivas numa série de violentas jornadas de luta. Eis porque enfrentávamos também a pequena-burguesia democrática sempre que esta procurava dissimular a sua oposição de classe em relação ao proletariado com a sua forma preferida: não queremos

todos, em última análise, a mesma coisa? Todas as divergências entre nós assentam apenas em simples mal entendidos. No entanto, quanto menos permitíamos à pequena-burguesia que desvirtuasse a nossa democracia proletária, tanto mais ela se tornava dócil e submissa em relação a nós. Quanto mais se lhe faz frente de forma directa e enérgica, mais ela se dobra e se curva para nos servir. É deste modo que o partido operário obtém dela o máximo de concessões. Experimentámos e vivemos tudo isto.

Finalmente, desmascarávamos o cretinismo parlamentar — segundo a expressão de Marx — das diversas chamadas assembleias nacionais⁽⁹⁾. Estes senhores tinham deixado fugir das mãos todas as formas de poder, até as haviam transferido em parte livremente para os governos. Face aos governos reaccionários assim reforçados, havia, tanto em Berlim como em Francfort, assembleias impotentes que no entanto imaginavam que os seus decretos inoperantes fariam sair o mundo dos seus gonzos. Esta auto-mistificação de cretinos reinava até na extrema-esquerda. Proclamávamos a seu respeito: a vossa vitória parlamentar coincidirá com a vossa verdadeira derrota!

E foi o que aconteceu, tanto em Berlim como em Francfort. Quando a «esquerda» obteve a maioria, o governo dissolveu toda a Assembleia: podia-se permiti-lo, pois a Assembleia tinha delapidado o seu próprio crédito junto do povo.

Quando li, mais tarde o livro de A. Bougeart sobre Marat, o amigo do povo, descobri que, sem o sabermos, havíamos, em vários aspectos, imitado muito simplesmente o grande exemplo do amigo do povo autêntico (não falsificado pelos realistas). De facto, toda a raiva histórica e todas as falsificações históricas, graças às quais, durante quase um século, só se havia conhecido um Marat totalmente deformado, tinham uma só causa: Marat tinha arrancado impledosamente o véu a todos os ídolos da altura, Lafayette, Bally e quejandos, e tinha-os desmascarado como sendo já traidores acabados para a revolução. Ora, ele próprio — tal como nós — não considerava a revolução como acabada, mas tinha-a proclamado em permanência.

Afirmámos abertamente que a orientação que representamos só podia entrar na luta pela conquista dos seus verdadeiros objectivos de partido quando estivesse no poder o partido mais extremo daqueles que existiam oficialmente na Alemanha: seria então que constituiríamos a oposição em relação a ele.

Mas as circunstâncias agiram de forma que ao lado das

(9) Alusão aos artigos de A Nova Gazeta renana (trad. franc. Ed. Sociales, I, p. 65-70, 114-116, 137-140, 239-245, 246-255, etc.) sobre as assembleias de Francfort e de Berlim, escritos em grande parte por Marx, e que Engels retomou na sua obra *Révolution e contre-révolution en Allemagne*, Ed. sociales, p. 282.

zombarias para o adversário alemão houve também a fogueira da paixão. A insurreição dos trabalhadores parisienses em Junho de 1848 encontrou-nos no lugar. Desde o primeiro tiro que estávamos de corpo e alma do lado dos insurrectos. Após a sua derrota, Marx celebrou os vencidos num dos seus artigos mais brilhantes. (10)

Foi então que perdemos os últimos dos nossos accionistas. Mas tínhamos a satisfação de sermos o único jornal da Alemanha, e praticamente de toda a Europa, a brandir o estandarte do proletariado vencido, no momento em que os burgueses e pequeno-burgueses de todos os países afogavam os vencidos com a vaga das suas calúnias.

A política externa era simples: Intervir em favor de qualquer povo revolucionário, apelo à guerra geral da Europa revolucionária contra a grande fortaleza da reacção europeia, a Rússia. Após o 24 de Fevereiro, era claro para nós que a revolução só tinha um único inimigo verdadeiramente temível: a Rússia, e que esse inimigo seria obrigado progressivamente a intervir na luta à medida que o movimento fosse atingindo a Europa inteira. Os acontecimentos de Viena, de Milão, de Berlim deviam retardar o ataque russo, mas o seu desencadeamento final tornava-se cada vez mais certo à medida que a revolução se apoderava também da própria Rússia. Ora se se conseguisse arrastar a Alemanha para a guerra contra a Rússia, acabava-se o reino dos Habsburgo e dos Hohenzollern, e a revolução triunfava em toda a linha.

Esta política constitui a trama de cada número do jornal até ao momento em que os russos invadiram efectivamente a Hungria, confirmando em absoluto a nossa previsão, mas consolidando a derrota da revolução.

Em Fevereiro de 1849, quando se aproximou a batalha decisiva, o jornal fez-se dia a dia mais veemente e apaixonado. Em *Os Milhares de Milhão silesianos* (oito artigos), Wilhelm Wolff lembrou aos camponeses da Silésia que no momento da abolição dos impostos feudais tinham sido defraudados em grandes quantidades de dinheiro e de terras em benefício dos senhores, graças à cumplicidade do Estado, e impedidos de reclamar um milhar de milhão de táleres de indemnizações-juros.

Ao mesmo tempo, Marx publicou o seu estudo *Trabalho assalariado e capital* numa série de editoriais, a fim de sublinhar o objectivo social da nossa política. Cada número ordinário ou suplementar mostrava a grande batalha em preparação e a agudização dos antagonismos em França, Itália, Alemanha e Hungria. Os números

(10) Engels alude ao artigo de Marx intitulado «A Revolução de Junho», cf. MARX-ENGELS, *La Nouvelle Gazette rhénane*, I. p. 180-185.

suplementares de Abril e de Maio sobretudo eram outros tantos apelos ao povo, para que se mantivesse pronto para a batalha.

Há quem se espante «fora da Alemanha» que tivéssemos podido, sem mais entraves, fazer essa agitação no meio de uma fortaleza prussiana de primeira classe, face a uma guarnição de 8 000 homens e ao estado-maior. Mas, em virtude das 8 espingardas e baionetas e dos 250 cartuchos nas nossas salas de redacção, assim como dos bonés vermelhos de jacobinos dos tipógrafos, a nossa casa tinha, também, a reputação junto dos oficiais de ser uma fortaleza que não era possível tomar de assalto sem um tiro.

Finalmente, deu-se o grande golpe em 18 de Maio de 1849.

O levantamento era esmagado em Dresden e Elberfeld, a tropa cercava os insurrectos de Iserlohn, a Renânia e a Vestefália estavam cheias de balonetas, prontas a marchar contra o Palatinado e o Bade. Foi então que o governo ousou declarar-se contra nós. Metade dos redactores estavam sob a influência de perseguições judiciais e os outros, não sendo prussianos, estavam ameaçados de expulsão. Não tínhamos nada a dizer, dado que uma divisão inteira do exército se mantinha por trás do governo. Tivemos que ceder a nossa fortaleza, mas retirámo-nos com armas e bagagens, com todas as honras e de bandeira desfraldada, com o último número a vermelho, no qual havíamos prevenido os operários de Colónia contra as tentativas desesperadas de putsch, dirigindo-lhes a fórmula seguinte: -

«Os redactores de A Nova Gazeta renana agradecem-vos, no momento da partida, pela vossa participação posta à prova. A sua última palavra será por todo o lado e sempre: emancipação da classe operária!»

Foi assim que acabou A Nova Gazeta renana, poucas semanas antes do seu primeiro ano de existência. Praticamente sem meios financeiros — como dissémos, as poucas contribuições que lhe haviam sido garantidas desapareceram rapidamente —, conseguiu elevar a tiragem para cerca de 5 000 exemplares a partir do mês de Setembro. Foi suspensa na altura da proclamação do estado de sítio em Colónia, e teve de recomeçar a partir do zero a meio de Outubro. Mas em Maio de 1849, na altura em que foi amordaçada, estava muito próxima dos seus 6000 assinantes, quando o Jornal de Colónia segundo ele próprio confessava, não tinha mais de 9000. Nenhum jornal alemão, nem antes nem depois, teve tanta força e influência e soube electrizar tanto as massas proletárias como A Nova Gazeta renana.

E isso devia-o principalmente a Marx.

Dado que foi o golpe, a redacção dispersou-se. Marx foi para Paris, onde a decisão estava próxima e surgiu em 13 de Junho

de 1849. Wilhelm Wolff ocupou o seu posto no parlamento de Francofort — agora que a Assembleia tinha de escolher entre a dissolução pelo cima, ou a sua adesão à revolução. Quanto a mim, fui para o Palatinado, e tornei-me ajudante no corpo franco (*) de Willich. (11).

Fase da República Vermelha

Expulsão de Engels e Dronke da Bélgica

COLÓNIA, 13 DE OUTUBRO DE 1848 (12). Um amigo, bastante bem informado, escreve-nos de Bruxelas: «Engels e Dronke foram presos e conduzidos à fronteira em carro celular mal se tinham simplesmente identificado. Um operário de Colónia, Schmitz, que teria sido activo quando da libertação de Wachter, conheceu a mesma sorte. Com efeito, a polícia de Bruxelas possuía uma longa lista de homens que tinham fugido de Colónia, de forma que a polícia belga estava perfeitamente informada da pretensa participação de Schmitz na libertação de Wachter.»

Perguntamos ao comissário-chefe da Polícia, sr. Geiger, se está ao corrente dos expedientes utilizados para confeccionar essa lista negra e se conhece os seus autores?

Intervenções de Marx na Sociedade Democrática de Viena

Marx considera que é indiferente saber quem é ministro, a partir do momento em que aqui se trata agora — tal como em Paris — da luta entre burguesia e proletariado (13). O seu discurso era muito inteligente, radical e rico de ensinamentos...

(*) — Corpo franco — destacamento de soldados voluntários para missões perigosas a executar fora do âmbito das formações regulares. (N. do T.)

(11) Sobre a participação de Engels no levantamento em Bade e no Palatinado nos corpos-francos de Willich, cf. «La Campagne pour la constitution du Reich», *La Révolution démocratique-bourgeoise en Allemagne*, Ed. Sociales, 1951, p. 115-202.

(12) Cf. *A Nova Gazeta renana*, 14 de Outubro de 1848.

(13) Extraímos estes breves resumos das diversas intervenções de Marx na Sociedade democrática de Viena dos jornais *Der Radikale*, 31/8/1848, *Die Constitution*, 1/9/1848 e *Der Volksfreund*, 5/9/1848 (cf. *Werke*, 5 p. 490-491).

Em 2 de Setembro de 1848, Marx fez uma exposição sobre «Trabalho assalariado e capital», aquando da reunião da Primeira Sociedade operária

O doutor Marx fala dos operários, sobretudo alemães do estrangeiro, das oficinas nacionais e da recente revolução operária de Paris. Considera que os operários alemães devem estar orgulhosos por um grande número de compatriotas seus figurar entre os deportados. Fala em seguida dos cartistas em Inglaterra, e da sua última agitação. Com a Inglaterra é possível realizar a emancipação completa dos operários da Europa. Evoca em seguida a Bélgica...

O doutor Marx, redactor de A Nova Gazeta renana, saúda a Sociedade e afirma ser para ele uma honra falar perante uma assembleia de operários em Viena, como o fez anteriormente em Paris, Londres e Bruxelas.

Processo Contra «A Nova Gazeta renana»

COLÓNIA, 5 DE DEZEMBRO DE 1848 ⁽¹⁴⁾. Há alguns dias, o redactor-chefe de A Nova Gazeta renana, Karl Marx, era de novo convocado perante o juiz de instrução. Quatro artigos obrigaram o poder central a uma queixa por difamação. 1. Schnapphanski; 2. um artigo de Breslau sobre Lichnowski; 3. um artigo que trata de um relatório «deformante» de um certo «estranho cidadão»; 4. a reprodução da declaração de traição contra o povo aprovada na sala Chez Eiser contra a maioria de Francfort no conflito de Schleswig-Holstein ⁽¹⁵⁾.

A Nova Gazeta renana aguarda agora com nostalgia novas queixas por difamação provenientes de Berlim, Petersburgo, Viena, Bruxelas e Nápoles.

de Viena, pondo em evidência que as relações sociais entre o salaríado e o capital estavam na origem da revolução social de 1848.

Após o falhanço da revolução de Outubro em Viena, Marx falou perante a Sociedade operária de Colónia: «Marx fez uma exposição sobre os acontecimentos ocorridos em Viena e explicou que se Windischgrätz conseguiu conquistar Viena foi em virtude das múltiplas traições da burguesia dessa cidade.»

⁽¹⁴⁾ Cf. A Nova Gazeta renana, 6 de Dezembro de 1848.

Cf., além disso, os artigos do volume I das Editions Sociales sobre os diferentes processos de Marx ou dos membros da comuna da Liga comunista de Colónia: «Arrestations», p. 216, 217-220, «Information judiciaire contre la Nouvelle Gazette rhénane», p. 228-231, 255-259; «Le Conflit entre Marx et la qualité de citoyen prussien», p. 461-464; volume II: «Le Procureur général Hecker et La Nouvelle Gazette rhénane», p. 75-80; «Le Parquet et La Nouvelle Gazette rhénane», p. 173-174; «Procès contre Gottschalk et ses compagnons», p. 255-267; «La contre-révolution prussienne et la magistrature», p. 268-276, e o último artigo, magnífico, sobre a «Interdiction de La Nouvelle Gazette rhénane par la loi martiale» de 19/5/1849. (trad. franc.: MARX-ENGELS, Ecrits militaires, p. 262-264).

⁽¹⁵⁾ Cf. tradução francesa do artigo de Engels sobre a «Parodie de guerre au Schleswig-Holstein», 5/6/1848 (ibid., p. 195-197).

Em 20 de Dezembro terá lugar o primeiro processo de **A Nova Gazeta renana** contra o Ministério Público e a Polícia.

Não tivemos notícia até aqui de que um qualquer Ministério Público renano tenha encontrado um artigo qualquer do Código Penal que sancionasse os grosseiros e manifestos actos de ilegalidade cometidos por todas as autoridades renanas. «É necessário distinguir» é, evidentemente, a divisa favorita do Ministério Público da Renânia.

Legalidade e Revolução

Nunca o dissimulámos: o terreno em que agimos, não é o terreno legal, é o terreno revolucionário. Por seu lado, o governo acaba de renunciar à hipocrisia do terreno legal. Colocou-se assim no terreno revolucionário, pois o terreno contra-revolucionário é, ele também, revolucionário (16).

Aos olhos da Coroa, a revolução de Março foi um facto brutal (17). Um facto violento não pode ser apagado senão por uma outra violência. Ao anular as recentes eleições em virtude da lei de Abril de 1848, o ministro negava a sua própria responsabilidade e anulava o tribunal perante o qual era responsável. Da faculdade de apelar para a Assembleia nacional do povo, fazia, de repente, uma ilusão, uma ficção, um logro. Ao inventar uma primeira câmara baseada no censo e fazendo parte integrante da Assembleia legislativa, o ministério rasgava as suas próprias leis orgânicas, abandonava o terreno legal, falseava as eleições populares,

(16) Cf. MARX, «La Bourgeoisie et la contre-révolution», *La Nouvelle Gazette rhénane*, 10/12/1848.

Na sua defesa perante o tribunal criminal de Colónia, Marx desenvolve o postulado fundamental do socialismo científico: «A revolução não é uma questão de forma de organização, mas uma questão de força», que resume toda a superioridade do socialismo científico sobre os primeiros balbuzeios do utopismo (e todas as suas formas ulteriores, mais ou menos confessadas). Com efeito é uma utopia julgar que é necessário realizar antes de mais um modelo de organização, por exemplo, da produção (cooperativas, células de empresa, conselhos de fábrica) ou de relações humanas (no partido ou na sociedade), a fim de o estender progressivamente ao resto da sociedade: esta concepção filia-se no reformismo e abandona o terreno da violência revolucionária de classe.

Esta fórmula de Marx implica toda uma visão materialista do desenvolvimento económico e político da sociedade na base de grandezas ou massas físicas que evoluem sem leis abstractas a priori, de inspiração no fundo divinizada (justiça, igualdade, democracia, soberania do espírito ou da razão no povo, no rei ou no chefe), mas segundo as necessidades da sua vida e do seu desenvolvimento.

(17) MARX, «Le Procès du comité de district rhénan des démocrates, plaidoirie de Marx», *La Nouvelle Gazette rhénane*, 25/2/1849.

recusava ao povo qualquer juízo sobre a «acção salvadora» da Coroa.

Deste modo, portanto, meus Senhores, não será possível negar o facto, e nenhum historiador futuro o negará alguma vez: a Coroa fez uma revolução, destruiu a legalidade existente, não pode apelar para as leis que ela mesma aboliu sem pejo.

Se se consegue levar até ao fim uma revolução, pode-se enforcar o adversário, mas não condená-lo. A título de inimigos vencidos podem ser eliminados do caminho, mas não podem ser julgados como criminosos⁽²⁸⁾. Com efeito, uma vez realizada a revolução ou a contra-revolução, não podem ser aplicadas aos defensores as leis que se aboliu. É a cobarde hipocrisia da legalidade que vós, Senhores, não sancionareis através do vosso veredicto...

Nesta ocasião, Senhores, encaremos de frente o que na realidade é o terreno legal, como lhe chamam. Sou tanto mais obrigado a insistir neste ponto quanto passamos — e está certo — por inimigos do terreno legal e quanto as leis de 6 a 8 de Abril só devem a sua existência ao reconhecimento formal do terreno legal.

A Dieta representava essencialmente a grande propriedade fundiária. Ora a grande propriedade fundiária constituía efectivamente a base da sociedade da Idade Média, da sociedade feudal.

(28) Os processos contra os bolcheviques durante a contra-revolução estaliniana resultam da mesma ideologia hipócrita, aplicada aos revolucionários por um adversário que pretende reivindicar a herança da revolução bolchevique. Donde todas as mentiras e mistificações que fazem surgir hoje o partido como um meio de coerção dirigido contra os próprios militantes, em resumo, um aparelho monstruoso e diabólico que se volta contra os seus próprios autores (de facto, a contra-revolução liquidou, por meios insidiosos, a grande revolução de 1917 e a sua experiência).

Aos olhos do marxismo revolucionário, a vida da III Internacional comporta uma outra lição, a saber, que o «terror ideológico» no seio do partido é não só nocivo, como ainda inútil do ponto de vista da revolução. Quando a doutrina comunista se difunde pelo facto de corresponder às candentes realidades sociais, esse método infeliz consistia na pretensão de substituir esse processo natural e orgânico por uma catequização forçada: foi assim que elementos recalcitrantes e extraviados, quer por razões mais fortes que os homens e o partido, quer pelas próprias imperfeições do partido, foram publicamente humilhados e mortificados em congresso, sob os olhos do inimigo de classe, mesmo quando haviam representado o partido e dirigido a acção revolucionária em episódios políticos de dimensão histórica. Imitando o método cristão da penitência e do mea culpa, a Internacional adquiriu o hábito de obrigar esses elementos a uma confissão pública dos seus erros, frequentemente prometendo-lhes mais ou menos recuperar por esse meio importantes posições na engrenagem da organização. Um meio tão filisteu e perfeitamente conforme com a moral religiosa nunca corrigiu nenhum membro do partido, nem ainda menos protegeu este último das ameaças de degenerescência. Pelo contrário. Quando o partido se encaminha para a vitória, a obediência dos militantes

A sociedade burguesa moderna, a nossa sociedade, assenta, pelo contrário, na indústria e no comércio. Quanto à propriedade fundiária perdeu todas as suas antigas condições de existência e depende actualmente do comércio e da indústria. Eis porque a agricultura é, nos nossos dias, gerida industrialmente e os antigos senhores feudais desceram para o nível dos produtores de gado, de lã, de trigo, de beterraba, de aguardente, etc., de gente que, como qualquer outro comerciante, trafica com estes produtos industriais!

Por muito agarrados que continuem aos seus preconceitos, na prática transformam-se em burgueses que produzem o mais possível com o mínimo de custo, que compram o mais barato possível para venderem o mais caro possível. O modo de vida, de produção e de comércio destas gentes representa portanto por si só um desmentido às suas pretensões ultrapassadas cheias de soberba. Para ser o elemento social predominante, a propriedade fundiária tem de apoiar-se no modo de produção e de troca feudal.

A Dieta nacional representava este modo de produção e de troca feudal que, há já muito tempo, tinha deixado de existir e cujos representantes, por mais agarrados que estejam aos seus antigos privilégios, gozam da mesma forma das vantagens da sociedade nova e exploram-nas. Ora a nova sociedade burguesa, assentando em bases totalmente diferentes, mudado que estava o modo de produção, tinha de se apoderar igualmente do poder político, tinha necessariamente de o arrancar das mãos daqueles que representavam os interesses da sociedade em vias de desaparecimento, um poder político cuja organização era toda fruto de condições sociais materiais absolutamente diferentes. Donde, a revolução.

é espontânea e total, mas não cega e forçada: a disciplina central corresponde à coerência entre as funções da base e do centro com a sua acção e o seu programa, e nenhuma condução burocrática, nenhum voluntarismo anti-marxista se lhe pode substituir se aquela faltar.

Nas terríveis confissões a que foram reduzidos os grandes chefes revolucionários antes de desaparecerem nas purgas de Staline, como em todas as retrocessões que acompanham as inflexões ulteriores do comunismo degenerado russo, chinês, etc., as autocríticas são um método contra-revolucionário, de ignóbeis absurdos inúteis e hipócritas que o método (beato e burguês) da reabilitação não apaga evidentemente em nada. Foi pelo abuso crescente de tais métodos que a última vaga da contra-revolução conseguiu confundir, mesmo aos olhos muitas vezes dos revolucionários, a visão da luta e dos métodos comunistas. Com efeito, foi agitando o vazio e vazio recurso democrático à consulta das vontades da base do partido que certos opositores pensaram salvar o processo revolucionário, ditado pelas relações de força, como se o adversário triunfante se deixasse impressionar e deter por boletins de voto no seu caminho para que ele próprio é empurrado por forças sociais e económicas perfeitamente materiais.

Por conseguinte, a revolução era dirigida contra a monarquia absoluta, síntese política suprema da velha sociedade, assim como contra a representação pelo sistema dos estados correspondendo a uma ordem social feita em pedaços há muito tempo pela indústria moderna, ou quando muito aos vestígios pretensiosos dos estados decompostos, ultrapassados todos os dias um pouco mais pela sociedade burguesa, e atirados para segundo plano. Em nome de que princípio dita a Dieta nacional, representando a velha sociedade, leis à nova sociedade que conquistou os seus direitos na revolução? Graças à pretensão que mostra de defender o terreno legal. Ora, Senhores, que entendeis então pela conservação do terreno legal? A conservação de leis que fazem parte de uma época passada da sociedade e foram feitas pelos representantes de interesses sociais desaparecidos ou em vias de desaparecimento, por outras palavras, de leis erguidas por esses interesses contra as necessidades gerais actuais.

Ora, a sociedade não assenta na lei: isso é uma ilusão jurídica. Tem de ser antes a expressão, oposta ao arbítrio individual, dos interesses e necessidades comuns da sociedade, tais como decorrem do modo material da produção existente em cada momento. Deste modo, o Código Napoleónico que tenho na mão não engendrou a sociedade burguesa. A sociedade burguesa, nascida no século XVIII e desenvolvida no século XIX, encontra, muito pelo contrário, simplesmente uma expressão legal neste Código. A partir do momento em que este não corresponda já às condições sociais, não passa então de um bocado de papel. Não podeis fazer de velhas leis o fundamento de uma evolução social nova, tal como essas velhas leis não criaram as antigas condições sociais. Fruto dessas velhas condições, têm de desaparecer com elas. Mudarão necessariamente com as condições de existência mudadas. Pretender manter as antigas leis perante e contra as exigências e necessidades novas da evolução social resulta, no fundo, em manter hipocritamente interesses particulares desactualizados contra o interesse geral actual.

Defender o terreno legal, é tentar fazer passar os seus interesses particulares por interesses dominantes, quando já não predominam; é procurar impor à sociedade leis condenadas pelas suas condições de existência, pelo seu modo de trabalho e de distribuição, pela sua própria produção material; é tentar manter em funções legisladores que já não perseguem mais do que interesses particulares, abusando do poder político de Estado para colocarem, pela força, os interesses da minoria acima dos interesses da maioria. Põe-se portanto, em cada instante, em contradição com as necessidades existentes, trava o comércio e a indústria e prepara as crises sociais que rebentam em revoluções políticas.

O cidadão Anneke propõe que as próximas eleições sejam objecto de discussão nas sessões seguintes (19).

O cidadão Schapper diz que se isto tivesse acontecido há cerca de um mês, teríamos podido arrecadar sem dúvida bons resultados para o nosso partido, mas que era, pobres de nós!, hoje demasiado tarde para isso, dado que ainda não estávamos organizados. Não será portanto possível à União operária fazer eleger os seus próprios candidatos.

O cidadão Marx é também de opinião que a União operária, enquanto tal, não conseguiria hoje fazer aceitar os seus candidatos. De qualquer modo, não se trata neste momento de realizar seja o que for no plano dos princípios, mas de fazer oposição ao governo, ao absolutismo, ao poder feudal. Ora, para isso, bastam simples democratas, pretensos liberais, que também eles não estão de acordo, longe disso, com o actual governo. Importa bastante ver a situação tal qual ela é. Mas como agora é necessário sobretudo fazer uma

(19) Cf. Freiheit, Arbeit, 21 de Janeiro de 1849.

Depois da exposição da política geral do partido na crise revolucionária, esta série de textos aborda as lutas entre organizações e no próprio seio do partido operário, que têm lugar paralelamente com a passagem à reivindicação da República Vermelha democrático-social, ou seja, à direcção pelo partido operário do conjunto das forças revolucionárias, tanto proletárias como pequeno-burguesas e burguesas.

Nestas condições a luta no seio das organizações operárias girou em torno da questão de saber se era necessário utilizar os meios políticos.

Marx opôs-se essencialmente a Gottschalk, fundador da União operária, afastado em seguida por Marx e seus partidários. Gottschalk defendia as reivindicações económicas específicas dos operários e comportava-se passivamente no plano político, contentando-se com remeter petições em nome dos trabalhadores às autoridades em funções no quadro político estabelecido. Marx-Engels, pelo contrário, propunham uma larga acção política tendente, por todos os meios políticos possíveis no quadro dado da fase histórica e do programa comunista, a destronar as forças estabelecidas. Desta forma, Marx teve um papel dirigente no Comité democrático da província renana que reunia as forças revolucionárias dispersas da burguesia, pequena-burguesia, campesinato e artesanato. A União operária caminhava ao lado a lado com a Sociedade democrática assim como com a Associação para os operários e patrões, enquanto toda esta gente fosse revolucionária.

O presente texto ilustra de forma nítida a concepção da actividade, e portanto da organização, totalmente política de Marx-Engels, visto que se trata da questão das eleições durante a revolução burguesa ou, por outras palavras — mais significativas —, da revolução anti-feudal e anti-absolutista na qual, por definição, um dos actos revolucionários essenciais é precisamente a transferência da soberania política do príncipe para o povo, transferência que é acompanhada de transformações materiais gigantescas na economia e na sociedade: o parlamentarismo é então revolucionário.

oposição o mais forte possível ao actual sistema absolutista, o simples bom senso exige já que se admita que não é possível realizar as concepções e princípios próprios aquando das eleições e que se se alie com um outro partido que faz igualmente oposição a fim de que não seja o nosso inimigo comum, a realza absoluta, que triunfe.

Em consequência, decidiu-se participar no comité eleitoral geral que se deveria formar em Colónia após ter sido feita a definição das circunscrições eleitorais, a fim de aí defender o princípio democrático geral.

Para realizar uma ligação mais estreita entre os operários e os democratas ⁽²⁰⁾, foram nomeados os cidadãos Schapper e Röser que participavam nas reuniões do comité da Sociedade democrática e deviam dar conta em seguida dos resultados da sua acção.

Decisões da assembleia geral da União Operária, em 16/4/1849

A assembleia decide por unanimidade:

1. abandonar a Federação das sociedades democráticas da Alemanha e filiar-se, pelo contrário, na Federação das Uniões operárias alemãs, cujo comité central se encontra em Leipzig ⁽²¹⁾;
2. encarregar o seu comité de convocar um congresso operário geral em Leipzig assim como um congresso provincial de todas as uniões operárias da Renânia e da Vestefália, com o objectivo de uma ligação mais estreita do partido social puro;

⁽²⁰⁾ O facto da democracia ter falhado não invalida em nada a justeza da tática adoptada na situação dada, e não prova também que a abstenção política teria sido mais conforme com o programa comunista ou mais eficaz. Primeiro que tudo, esta tática era a única possível e a única desejável na fase anti-absolutista da revolução (permanente, como a definirá Marx na sua Mensagem de 1850, para a Alemanha). Ela não travava nem delinha então a actividade revolucionária das massas, contrariamente ao que se passa na crise que precede o assalto revolucionário do proletariado num país já capitalista (cf., por exemplo, as eleições de 26 de Março de 1871 no que diz respeito à Comuna de Paris, MARX-ENGELS, *La Commune de 1871*, 10/18, p. 105 e nota 105, p. 300).

⁽²¹⁾ Cf. *Freiheit, Brüderlichkeit, Arbeit*, 22 de Abril de 1849.

Duas condições se põem a uma acção comum com as forças democráticas das outras classes sociais: que se trate de realizar tarefas progressivas burguesas; que estas forças lutem no terreno revolucionário. Foi a segunda condição que, faltando na Alemanha durante esse período determinado, justificou o abandono desta organização esvaziada de qualquer significado. Mas a fase histórica «democrática» não foi só por isso ultrapassada. Pelo contrário. As débeis forças do proletariado ficaram cada vez mais sós no terreno revolucionário, ainda não proletário.

3. enviar uma delegação ao congresso das uniões operárias da Alemanha que terá lugar proximamente em Leipzig.

Reunião do Comité, 17/4/1849

5. No seguimento da decisão da assembleia geral de ontem, convocar para o primeiro domingo de Maio um congresso dos representantes de todas as uniões operárias da Renânia e da Vestefália (22).

A fim de pôr em execução esta resolução, o comité nomeia um comité de província provisório de seis membros, composto pelos cidadãos K. Marx, W. Wolff, K. Schapper, Anneke, Esser e Otto e encarrega este de enviar um convite justificado às uniões interessadas...

Decisão da primeira filial da União Operária de Colónia (23)

Proposta

Considerando

1. que o doutor Gottschalk, no jornal *Freiheit, Arbeit*, apresenta o doutor Karl Marx como um amigo e um partidário do deputado de Francfort, Franz Raveaux, enquanto que, na reunião do comité de 8 de Fevereiro, o cidadão Marx explicou claramente que se, na altura, apoiava a candidatura de Raveaux e de Schneider II, estava longe de partilhar as suas ideias, no plano dos princípios, que pelo contrário o primeiro tinha sido atacado sem rodeios por A Nova

(22) Cf. *Freiheit, Brüderlichkeit, Arbeit*, 22 de Abril de 1849.

Manifesta-se um interesse novo na Alemanha, há já alguns anos, pelo passado revolucionário deste país. É testemunho disso, por exemplo, a reimpressão da imprensa militante publicada por volta de 1848. A editora Detlev Auvermann K. G. de Glashütten im Taunus acaba, recentemente, de publicar em fac-símile o órgão da União operária de Colónia *Freiheit, Arbeit* (14/1/1849 - 24/6/1849), precedido de um texto introdutório de H. von Stein, *Der Kölner Arbeiterverein* (1846-1849), que foi publicado pela primeira vez em 1921, e acompanhado das notas de E. Czobel, extraídas de *Grünberg Archiv*, vol. 11, p. 299-335, Leipzig, 1925, assim como das páginas 429-432 extraídas do primeiro volume de *Marx-Engels, Archiv*, Francfort, 1928.

De assinalar, por fim, do mesmo editor, a reimpressão da revista do Banni: *Der Geächete, Zeitschrift in Verbindung mit mehreren deutschen Volksfreunden herausgegeben von J. Venedey, Paris, 1834—Dez.-Jan. de 1846.*

(23) Cf. *Freiheit, Brüderlichkeit, Arbeit*, 29 de Abril de 1849.

Estes relatórios de actividade de partido dão testemunho da luta que Marx-Engels tiveram de levar a cabo no seio da organização para defender e explicar a sua concepção do curso da revolução.

Em geral, as reuniões em que as discussões são frequentemente longas, aparentemente tortuosas, mesmo sibilinas, e às vezes rudes, são precisamente

Gazeta renana durante o período da sua maior glória, mas que neste momento não se podia tratar de democratas vermelhos ou cor-de-rosa, dado que actualmente se trata essencialmente de fazer oposição à monarquia absoluta e, neste sentido, de unir os democratas vermelhos e cor-de-rosa face aos vociferadores (24);

2. que, além disso, na altura do Congresso democrático de Francfort o doutor Gottschalk tomou a palavra para declarar que podia utilizar os operários de Colónia tanto para uma monarquia vermelha como para uma república vermelha, apresentando portanto os operários como simples máquinas que lhe obedecem fielmente;

3. que, no jornal Freiheit, Arbeit, os ataques lançados contra Raveaux têm um carácter perfeitamente grosseiro e mesquinho, censurando-lhe uma doença orgânica apresentada como mania;

4. que os outros ataques deste jornal não se fundamentam a maior parte das vezes em nenhum elemento real e, a não ser pela sua ingenuidade, nem merecem ser refutados, mas não deixam de denunciar o ódio e o rancor vulgares assim como o carácter vil e manhoso dos seus autores;

5. que após a sua libertação da prisão, o doutor Gottschalk engendrou um plano dirigido contra vários membros da União operária com vista a reorganizar a União operária e, neste sentido, se outorgou a si próprio o posto de presidente após se ter posto à cabeça de um comité de cinco membros, o que denuncia uma mentalidade despótica que esbarra contra os princípios democráticos mais elementares;

6. que esta nova organização virava as costas ao partido dos proletários propriamente ditos para se lançar nos braços dos pequeno-burgueses, dado que estava previsto aumentar a quotização de 5 soldos de prata mensal de cada membro;

7. que o doutor Gottschalk tentou simultaneamente operar mudanças no jornal da União, na sequência do que este jornal deixou de aparecer durante quinze dias, e que não tinha recebido da União o menor poder, nem mesmo havia informado disso, de qualquer forma, esta ou o seu comité. Tudo isto constitui manifes-

aquelas em que os militantes se formam, explicitando para si próprios as palavras de ordem do partido e seus princípios com as preocupações e os problemas concretos que se põem aos indivíduos nas diversas localidades e condições particulares (cuja natureza é frequentemente reflectida pelos argumentos confrontados na discussão). É portanto nestas reuniões que se elabora a consciência da acção histórica do proletariado. Graças a essa actividade, «a teoria torna-se uma força, ao atingir as massas».

(24) Em 1848-1849, os democratas republicanos foram denominados «os subversivos» pelos constitucionais burgueses que os primeiros baptizaram de «os vociferadores».

tamente uma intervenção abusiva nas regras da União, intervenção que nada pode justificar e que não poderia ser desculpada pela necessidade ou por razões urgentes, nem mesmo pela partida consecutiva do doutor Gottschalk;

8. que depois da sua libertação o doutor Gottschalk, em lugar de satisfazer a expectativa dos operários de Colónia continuando como antes a sua actividade no sentido do progresso, partiu, perante o espanto geral, sem mesmo lhes dirigir uma palavra de despedida ou de agradecimento pela sua perseverança e fidelidade;

9. que o doutor Gottschalk, por atenções exageradas para com a sua própria pessoa, se exilou e difundiu uma proclamação de Bruxelas que não podia ser outra coisa senão uma declaração tentando justificar a sua atitude: ele, o republicano, referindo-se à sua pessoa, fala af «do juiz sempre supremo do país» ou «da voz do povo», por outras palavras considera que o juiz supremo não é a voz popular universal, a menos que a sua expressão de juiz supremo vise o rei, o que o colocaria directamente no campo dos legitimistas e monárquicos; que além disso, na sua declaração, exprime o seu desprezo pelo povo, ao supor que este enquanto juiz supremo, voz do povo, possa alienar os seus poderes a quem quer que possa ter o papel mesquinho de pavão galonado (*) quando ele próprio tenta encontrar uma saída, tanto junto do rei como do povo;

10. que o doutor Gottschalk, pressionado pela União operária para explicar ou comentar o que entendia por «o juiz sempre supremo» na sua pretensa declaração, achou por bem não lhe dar qualquer resposta;

11. que, sem haver sido para isso chamado por quem quer que fosse, o doutor Gottschalk regressou em seguida à Alemanha pelo que todo o assunto da sua expatriação rebentou como uma simples bola de sabão e pode ser considerado como simples manobra eleitoral falhada (os irmãos e amigos desenvolveram grande actividade para o fazer eleger em Berlim), a primeira filial da União operária de Colónia declara: que não aprova de nenhuma forma o comportamento do doutor Gottschalk após a sua absolvição pelo tribunal dos jurados de Colónia; além disso, rejeita com firmeza e indignação a pretensão apresentada por Gottschalk de iludir a União operária no interesse da monarquia vermelha ou de se deixar desencaminhar por manhosos ataques pessoais contra alguns, ou de se deixar outorgar um presidente com um comité de homens de palha, ou de procurar salvação num exílio voluntário que invoca o perdão do rei

(*) Porteur d'épaulettes. (N. do T.)

ao mesmo tempo que o do povo, ou de se deixar tratar como uma criança por um indivíduo qualquer que ele seja.

Decisões da assembleia geral de 23/4/1849

1. A assembleia geral reunir-se-á de hoje em diante todas as quartas-feiras.

2. O conselho provisório eleito pelo comité com vista à realização de um congresso das uniões operárias da Renânia e da Vestefália em Colónia, e composto por Karl Marx, K. Schapper, W. Wolff, F. Anneke, Esser e Otto, está confirmado.

Convocação do congresso das uniões operárias

Um certo número de aderentes abandonaram ultimamente o comité de bairro das sociedades democráticas da Renânia e, ao mesmo tempo, a União operária de Colónia declarou que abandonava a Federação das sociedades democráticas renanas⁽²⁵⁾. Esta atitude foi tomada na convicção de que dada a disparidade dos elementos dessas sociedades, não se podia esperar delas grande coisa no interesse das classes trabalhadoras ou da grande massa do povo.

Razão porque uma firme organização de elementos semelhantes, uma forte colaboração de todas as uniões operárias, surge como perfeitamente urgente.

Neste sentido, a União operária local considerou necessária, como primeira medida, a formação de um comité provisório de todas as uniões operárias da Renânia e da Vestefália, e nomeou para seus membros os signatários da presente declaração com a missão de tomarem todas as medidas apropriadas para atingirem o fim indicado.

O comité provisório convida todas as uniões operárias e outras que, sem até agora terem usado essa denominação, se reclamam no entanto com firmeza dos princípios da democracia social, para que enviem um delegado ao congresso provincial, no primeiro domingo do próximo mês (6 de Maio).

Os assuntos da ordem do dia são:

1. Organização das uniões operárias da Renânia e da Vestefália;

2. Eleições dos delegados ao congresso geral de todas as uniões operárias alemãs, que se realizará no mês de Junho em Leipzig;

⁽²⁵⁾ Cf. Freiheit, Brüderlichkeit, Arbeit, 29 de Abril de 1849.

3. Discussão e fixação das propostas que os delegados apresentarão no Congresso de Leipzig.

Os delegados eleitos pelo pré-congresso de Colónia são convidados a apresentarem-se, providos de plenos poderes, o mais tardar em 6 de Maio, pelas 10 horas da manhã em casa de Simon, Café Kranz, no Velho Mercado.

Colónia, 24 de Abril de 1849.

K. MARX (ausente), W. WOLFF, K. SCHAPPER,
F. ANNEKE, C. J. ESSER, OTTO

P. S. — Pedese que enviem às informações por carta para o endereço de Karl Schapper, presidente da União operária, Unter Hutmacher n.º 17.

Os jornalistas de «A Nova Gazeta renana»

Colónia, 19 de Maio (26). Eis o que aconteceu aos diversos jornalistas de A Nova Gazeta renana: F. Engels está ameaçado de incriminação pela sua intervenção em Elberfeld; não sendo prussianos, Marx, Dronke e Weerth têm de deixar os Estados deste lado [do Reno]; não havendo cumprido as suas obrigações militares, F. Wolff está ameaçado de perseguições judiciais, tal como W. Wolff, pelos delitos políticos que teriam tido lugar outrora nas antigas províncias (27). O Tribunal de justiça rejeitou hoje o pedido de libertação sob caução de Korff.

(26) Cf. A Nova Gazeta renana, 26 de Abril de 1849, suplemento.

(27) Cf. Deutsche Zeitung, 22 de Maio de 1849.

Encontrar-se-ão notas ou documentos interessantes sobre a actividade de Marx-Engels no período que vai de Abril de 1848 a Junho de 1849 em anexo ao volume III de MARX-ENGELS, *La Nouvelle Gazette rhénane*, Paris, Ed. Sociales, p. 463-517. Da mesma forma, as «*Datas principais da sua vida e da sua actividade em 1848 e 1849*» permitirão melhor situar a obra de Marx-Engels durante esse período revolucionário.

**4. O partido em contracorrente
(1850-1863)**

Quando após a derrota da revolução de 1848-1849 surgiu o momento em que se tornou cada vez mais impossível agir em direcção à Alemanha a partir do estrangeiro, o nosso partido abandonou à democracia vulgar o terreno das querelas de emigração, que se mantinham como a única acção possível. Enquanto esta se lançava às cegas numa agitação frenética, batendo-se hoje, confraternizando amanhã, e expondo de novo, depois de amanhã, a roupa suja diante de toda a gente; enquanto ia mendigar alguns tostões na América, a fim de preparar novos escândalos mal os gastasse — o nosso partido tinha-se por feliz ao reencontrar um pouco de calma para os seus estudos. Tinha a grande vantagem de dispor, como base teórica, de uma concepção científica nova e a sua elaboração dava-lhe suficientemente que fazer. Quanto mais não fosse por esta razão, nunca pôde cair tão baixo como os «grandes homens» da emigração.

O primeiro fruto destes trabalhos é a presente obra [sobre a crítica da economia política].

ENGELS, Das Volk, 6 de Agosto de 1859

CISÃO NO SEIO DA LIGA DOS COMUNISTAS

Reunião do Conselho Central, 15/9/1850

Dos papéis encontrados nos acusados, assim como pelas suas confissões, resultava que havia existido uma sociedade comunista alemã cujo Conselho central tinha a sua sede primitivamente em Londres (1). Em 18 de Setembro de 1850, este Conselho sofreu uma cisão. A maioria — o auto de acusação chama-lhe o partido Marx — transferiu a sede do Conselho central para Colónia. A minoria — excluída mais tarde da Liga pelo Conselho de Colónia — estabeleceu-se em Londres como Conselho central independente e criou, nessa cidade

(1) Cf. MARX, Revelações sobre o processo dos comunistas, 1852.

Os textos da revolução de 1848-1849 terminam com as actas das reuniões do partido. O fracasso da tentativa revolucionária repercutiu-se na organização, que se desagrega e se extingue por um período bastante longo.

Os debates das raras actas que chegaram até nós têm o maior interesse: todas as teses que passaram pela prova do fogo revolucionário vêm esbar-

e no continente, uma Liga separatista. A acusação chama a esta minoria e seus aderentes o partido Willich-Schapper.

Saedt e Seckendorf pretendem que a cisão do Conselho de Londres era devida apenas a antipatias puramente pessoais. Muito tempo antes de Saedt e Seckendorf, o «cavalheiresco Willich» tinha já dito mal da cisão e espalhado, entre os emigrados de Londres, os rumores mais infames: tinha encontrado em Arnold Ruge, essa peça desnecessária do carro de Estado da democracia europeia (2), assim como entre as gentes da mesma índole, canais todos dispostos a verter os seus boatos na imprensa alemã e americana. A democracia compreendeu com que facilidade alcançaria a vitória sobre os comunistas se improvisasse, na circunstância, o «cavalheiresco Willich» como representante do comunismo. O «cavalheiresco Willich» compreendeu por seu lado que o «partido Marx» não podia revelar as razões da cisão sem trair a organização secreta na Alemanha e muito especialmente sem entregar o Conselho central de Colónia à solicitude paternal da polícia prussiana. Estas condições já não existem, e é por isso que citamos algumas passagens da última acta do Conselho central de Londres, sessão de 15 de Setembro de 1850 (3).

Na exposição dos motivos da sua proposta de cisão, Marx, entre outras coisas, diz textualmente:

«No lugar da concepção crítica, a minoria põe uma concepção dogmática, e no lugar da concepção materialista, uma concepção idealistas. Em lugar das condições reais, é a simples vontade que se torna a força motriz da revolução. Nós dizemos aos operários: 'Tendes de atravessar quinze, vinte, cinquenta anos de guerras civis e de lutas entre os povos, não somente para mudardes as condições

rar-se aqui e são submetidas a uma crítica impiedosa. A organização formal do partido não resistirá a isso, a despeito dos esforços de Marx. No entanto, a próxima organização que irá nascer aproveitar-se-á da luta e da experiência destas batalhas de partido, e por isso será mais forte.

Estes combates revolucionários de rectaguarda no próprio seio da organização constituem os pontos altos da actividade do partido: é aí que se efectua a síntese vibrante da experiência de uma classe que acaba de viver os seus momentos mais dramáticos e cruciais.

(2) Marx alude ao comité central da democracia europeia, fundada em Londres em Junho de 1850 por iniciativa de Mazzini e reunindo os emigrados políticos da burguesia e da pequena burguesia dos diversos países do continente.

(3) Em virtude de não termos encontrado essa acta no texto original reproduzimo-la pela pena de Marx. Notemos que certas passagens são semelhantes às da acta da reunião de 17 de Setembro, diferindo em certos detalhes que não deixam de ter interesse, o que salta aos olhos se se completar um texto com o outro.

existentes, mas para vos mudardes a vós próprios e vos tornardes aptos à direcção política'. Vós, pelo contrário, dizeis: 'Temos de chegar imediatamente ao poder, ou então não temos nada a fazer senão irmo-nos deitar (4)'. Nós chamamos muito especialmente a atenção dos operários alemães para o fraco desenvolvimento do proletariado alemão. Vós acarinhais da forma mais grosseira o sentimento nacional e os preconceitos corporativos dos artesãos alemães, o que é evidentemente mais popular. Da mesma forma que os demo-

(4) Esta fórmula define o oportunismo, de que um dos aspectos fundamentais é preferir a via mais curta, mais cómoda e menos árdua à via mais longa, mais difícil e mais erizada de obstáculos, mas mais directa. A via directa é aquela em que a acção prática imediata, na situação dada do momento, responde melhor aos princípios e ao programa comunistas, ou seja, ao objectivo histórico do proletariado.

O oportunismo não é uma tara moral, mas sim a expressão da predominância política entre as fileiras operárias de camadas próximas da pequena burguesia (como Marx e Engels o demonstram aqui: a predominância de artesãos de tipo pequeno-burguês, e mais tarde em Inglaterra: a aristocracia operária), cujas posições são mais ou menos conscientemente inspiradas pelas ideias mestras da classe dominante e portanto pelos seus interesses sociais.

Da experiência amarga de todos os oportunismos sucessivos à escala histórica, é necessário tirar hoje este ensinamento: o partido deve evitar qualquer decisão e qualquer escolha que possam ser ditadas pelo desejo de obter bons resultados com um trabalho e um sacrifício menores. Um tal desejo pode parecer inocente, mas traduz a tendência dos pequeno-burgueses para a preguiça, e obedece ao princípio fundamental do capitalismo que é o de obter o máximo de lucro com o mínimo de custo. Marx e Engels fizeram da regra contrária a sua máxima de vida, tomando sobre eles as tarefas ingratas de «sapa», e fugindo da facilidade e da popularidade. Poderia parecer que esta posição não se encontraria tal qual na tática de Lenine; mas ela não é mais do que uma generalização alargada da experiência histórica e Lenine estava na escola da história.

Na Crítica do projecto de programa social-democrata de 1891, Engels define o oportunismo ou immediatismo de uma forma clássica: «Este esquecimento das grandes considerações essenciais perante os interesses passageiros do dia, esta corrida aos êxitos efémeros e a luta que se trava em torno deles, sem cuidar das consequências ulteriores [para o programa e o objectivo comunistas], este abandono do futuro do movimento que se sacrifica ao presente, tudo isto terá talvez móveis honestos. Mas isto é e continuará a ser oportunismo. Ora, o oportunismo 'honesto' é sem dúvida o mais perigoso de todos.»

Em cada fase sucessiva do movimento operário, as tarefas tornam-se não mais fáceis, mas, pelo contrário, mais vastas e mais difíceis. O oportunismo está então sempre atrasado de uma fase.

A fase da insurreição armada e da transformação económica da sociedade arrancada pela violência ao controle do capital é, claro, mais difícil que a da preparação revolucionária, da constituição do proletariado em classe. O oportunismo que se apresenta sempre como partido de acção, de construção e de realismo apenas actua então nas reformas possíveis, recuando perante as tarefas revolucionárias difíceis. Em período de preparação revolucionária, evita, qual peste, o trabalho ilegal e ingrato para se pavonear na cena política

cratas fizeram da palavra povo uma fórmula sagrada, vós, fazeis uma fórmula sagrada da palavra proletariado (5). Tal como os democratas, substituíis ao desenvolvimento revolucionário a fraseologia revolucionária, etc.»

Na sua resposta, Schapper diz textualmente:

«Exprimi o ponto de vista criticado aqui, porque em geral sou entusiasta pela causa. Trata-se de saber se, à partida, cortamos a cabeça ou no-la cortarão (Schapper prediz mesmo que será guilhotinado dentro de um ano, portanto em 15 de Setembro de 1851). Em França, os operários alcançarão o poder, e na sequência deles alcançá-lo-emos na Alemanha. Se não fosse assim, iria pura e simplesmente deitar-me a dormir e consagrar-me-la de uma forma totalmente diferente ao meu ganha-pão. Se é a nossa vez, podemos tomar medidas tais que asseguremos o reinado do proletariado. Estou fanaticamente agarrado a esta opinião. Ora, o Conselho central pretendeu o contrário, etc.»

Está-se a ver: não foram razões pessoais que criaram a cisão do Conselho central. Mas seria falso falar de divergências de princípios: o partido Willich-Schapper não reivindicou nunca a honra de ter ideias próprias. O que lhe pertence como coisa sua é a sua forma muito particular de deformar as ideias dos outros, de as fixar como artigos de fé e de se apropriar deles como fraseologia. Seria igualmente falso aplicar ao partido Willich-Schapper o epíteto de «partido da acção», a menos que se entenda, por acção uma ociosidade escondida sob os clamores de café, as considerações inventadas de alto a baixo e as aparências de conjuras escusadas.

do parlamento onde pontifica, encontrando no método democrático a forma cómoda de uma acção legal e ritual.

Os bons artesãos como Schapper, que exprimiam com uma certa lógica a sua impaciência e a sua preguiça, eram menos perigosos e só causavam danos em período revolucionário. Daí que a sua influência ideológica sobre as massas fosse bastante menos vasta, como notará Marx na sequência da sua exposição. A social-democracia, que dará infinitamente mais que fazer a Marx-Engels, só surgirá muito mais tarde, durante o período de desenvolvimento idílico do capitalismo e — Deus meu — não fará mais do que crescer durante a fase imperialista e senil do capital.

(5) Se a leitura de Marx-Engels tem sentido mais de um século após terem escrito a sua teoria no fogo da batalha, nas suas fases mais diversas, a sua crítica dos fetichistas do povo aplica-se hoje a todos os comunistas degenerados, quer dependam de Moscovo, quer de Pequim, mas que se reúnem todos para virar as costas ao proletariado vivo e actual para adorarem a massa confusa e híbrida do povo caro aos democratas burgueses clássicos, mas ultrapassados.

Reunião do Conselho central, 17/9/1850

Presentes: Marx, Engels, Schramm, Pfänder, Bauer, Eccarius, Schapper, Willich, Lehmann. Justificou a falta Fränkel (6).

Sendo esta reunião extraordinária, não dispomos ainda da acta da última reunião; não pode portanto ser lida.

MARX: A reunião de sexta-feira não se pôde realizar em virtude do conflito com a comissão da Associação (7). Tendo Willich convocado uma reunião de distrito, para o que não vejo qualquer validade, a reunião tem de ter lugar hoje.

Apresento então a proposta seguinte que se subdivide em três pontos:

1. O Conselho central é transferido de Londres para Colónia e passa para o conselho de distrito dessa localidade, mal a reunião hoje do Conselho central haja terminado. Esta decisão será comunicada aos membros da Liga em Paris, na Bélgica e na Suíça. O novo Conselho central comunicá-la-á ele próprio aos membros da Alemanha.

Motivos: a fim de não perturbar a unidade do poder central, opus-me ao projecto de Schapper que pretende instalar em Colónia um conselho de distrito para o conjunto da Alemanha (8). No nosso projecto, esta questão não se põe. Mas põem-se uma nova série de questões. A minoria do Conselho central está em revolta aberta contra a maioria, como se manifestou tanto aquando do voto de censura da última reunião como quando da reunião geral convocada hoje pelo distrito, tanto na Associação como no Comité dos refugiados. Eis porque a presença do Conselho central se tornou impossível em Londres. A unidade do Conselho central já não pode ser salvaguardada, deveria cindir-se e formar duas Ligas; como o interesse do partido prevalece, proponho esta saída para o conflito.

2. Os estatutos da Liga, em vigor até aqui, são abolidos. Incumbirá ao novo Conselho central elaborar novos estatutos.

Motivos: os estatutos do Congresso de 1847 foram modificados pelo Conselho central de 1848. Presentemente, as condições da época mudaram de novo. Os últimos estatutos de Londres diminuíram

(6) Cf. MARX-ENGELS, Werke, 8, texto transcrito do manuscrito.

(7) Trata-se da Associação alemã para a formação dos operários que Marx-Engels abandonarão nesse mesmo dia, porque aquela se tinha posto ao lado da minoria Willich-Schapper da Liga dos comunistas.

(8) De facto, o projecto de Schapper, ao pôr à cabeça de todas as comunas da Alemanha uma direcção em Colónia, quebrava a unidade e o princípio da centralização da Liga dos comunistas. Ao transferir o centro para os diferentes países para Colónia, o projecto de Marx mantinha, pelo contrário, a sua unidade, a sua centralização e o seu internacionalismo.

o alcance dos artigos dos estatutos que formulam os princípios. Aqui e acolá aplicam-se os dois estatutos; em certos sítios não é aplicado nenhum e age-se conforme os meios próprios; em resumo, é a anarquia na Liga. Além do mais, os últimos estatutos estão publicados e dessa forma já não podem servir. Proponho portanto, em substância, que a ausência de estatutos seja substituída por verdadeiros estatutos (9).

3. Formar-se-ão dois distritos em Londres que não terão qualquer relação entre si, para além da de estarem ambos na Liga e se corresponderem com o mesmo Conselho central.

Motivos: precisamente para salvaguardar a unidade da Liga, é necessário formar aqui dois distritos. Aos antagonismos entre pessoas acabaram por se acrescentar antagonismos de princípios no seio da Associação. Precisamente, aquando do último debate sobre a questão «da posição do proletariado alemão na próxima revolução», alguns membros da minoria do Conselho central exprimiram pontos de vista que estão em contradição directa com a penúltima circular (10), mesmo até com o Manifesto. Substituíram a concepção internacional do Manifesto por uma concepção nacional e alemã, ao acicatarem o sentimento nacional do artesão alemão. Em lugar da concepção materialista do Manifesto, têm uma concepção idealista: em lugar da situação real, é a vontade que se torna a força motriz da revolução (11). Enquanto nós dizemos aos operários: precisais de atra-

(9) Em Dezembro de 1850, o Conselho central de Colónia redigirá novos estatutos segundo as indicações de Marx. Cf. *Werke*, 7, p. 565-567.

(10) Marx alude à «Mensagem do Conselho central à Liga» (Março de 1850) que não reproduzimos aqui, assim como àquela bastante importante de Junho de 1850, cf. em tradução francesa em anexo ao volume editado por Costes, *Karl Marx devant les jurés de Cologne*.

(11) Marx define a acção política como o domínio da vontade por exce-lência. Na concepção idealista burguesa, o Estado decorre do acto das innum-eráveis vontades soberanas dos cidadãos livres de um país. Qualquer decisão política decorre igualmente de uma vontade e de uma consciência: qualquer desvio ou deformação da visão revolucionária marxista tende para essa concepção voluntarista do desenvolvimento social. Aliás, todas as relações da sociedade burguesa sugerem irresistivelmente a ideia de uma escolha política, bem ou mal feita, pela ou pelas vontades. Deste modo, qualquer oportunismo assenta na ideia de que existe uma outra via — mais curta e mais rápida — que a vontade deve impor, ou que se pode modificar a sua influência — aumentá-la — junto da grande massa através de manobras, de manipulações de programa, na condição de regressar à via inicial, como se tudo isso não acarretasse as suas conse-quências (que são demasiado materiais para serem apagadas por um acto de vontade).

É certo que, como diz Marx, os homens fazem a sua história, mas não como a pensam nem como a querem. A questão toda está, com efeito, no modo como os homens intervêm na sua história. A luz do marxismo, são as classes que são as grandes forças da história e a sua luta constitui o motor do desenvol-

vessar quinze, vinte, cinquenta anos de guerras civis para mudardes as condições existentes e vos tornardes aptos para a dominação social, eles dizem, pelo contrário: temos de chegar imediatamente ao poder, ou então bem nos podemos ir deitar a dormir! Da mesma maneira que os democratas utilizam o termo «povo», eles utilizam o termo «proletariado», como uma simples palavra. Para realizar esta palavra, era necessário proclamar proletários todos os pequeno-burgueses, ou seja, representar a pequena burguesia e não o proletariado. No lugar do desenvolvimento histórico real deveria colocar-se a palavra «revolução».

Estes debates provaram enfim quais eram as divergências de princípios que constituíam o pano de fundo das disputas pessoais e chegou agora o momento de intervir. Estes antagonismos tornaram-se precisamente as palavras de ordem de luta das duas facções, e os defensores do Manifesto são tratados de reaccionários por certos membros da Liga; tentou-se desta forma torná-los impopulares, mas isso é-lhes perfeitamente indiferente, dado que não procuram qualquer popularidade. Por conseguinte, a maioria teria o direito de dissolver o distrito de Londres e de excluir a minoria como estando em contradição com os princípios da Liga. No entanto, não faço tal proposta, porque ela suscitaria disputas inúteis e porque essas pessoas são ainda comunistas segundo a sua convicção, ainda que as concepções que neste momento exprimem sejam anti-comunistas e possam, em rigor, ser classificadas de social-democratas.

Compreender-se-á no entanto que seria pura perda de tempo continuarmos juntos. Schapper falou frequentemente em separarmos-nos, bem — levo a sério o seu propósito de separação. Creio ter encontrado a via graças à qual nos separamos sem destruir o partido.

vimento. Na classe, a uniformidade e o paralelismo das condições criam uma força e constituem uma causa do desenvolvimento histórico. Mas ainda aí a acção precede a vontade e, por maioria de razão, a consciência de classe.

A classe torna-se assunto de consciência (isto é, de objectivos programáticos) quando se formou o partido, quando se formou a doutrina, através de duras lutas. É na colectividade mais restrita constituído pelo partido que se começa, enquanto órgão unitário, a encontrar um motivo de interpretação da história, das suas possibilidades e das suas vias. A intervenção revolucionária não pode efectuar-se a todo o momento, mas unicamente em situações raras devidas à completa maturação das contradições da base produtiva. É então que o partido é não só assunto de consciência, mas de vontade — ligada a determinantes materiais e à acção passada — e essa vontade é política, ao apoiar-se sobre forças ou superestruturas da organização de partido ou de Estado. A classe encontra na história um guia na medida em que os factores materiais que a movem se cristalizam no partido e em que este possui uma teoria completa e contínua, uma organização também ela universal e contínua, que não se faz nem se desfaz em cada esquina por agregações e cisões.

Declaro que na minha opinião desejo que passem para o nosso distrito, quando muito, doze pessoas, o menor número possível, e abandono de boa vontade todo o grupo à maioria. Se esta proposta for aceite, é manifesto que não poderemos continuar na Associação; a maioria e eu próprio, abandonaremos a Associação da Great Windmill Street (12). Finalmente, não se trata de estabelecer relações de hostilidade entre as duas facções, mas, pelo contrário, de desfazer as tensões, logo as relações. Continuamos juntos na Liga e no partido, mas não em relação unicamente prejudiciais.

SCHAPPER: Do mesmo modo que o proletariado se separa em França da Montanha e de A Imprensa (13), as pessoas que representam os princípios do partido separam-se aqui daqueles que organizam o proletariado. Sou pela transferência do Conselho central, assim como pela mudança dos estatutos. Os camaradas de Colónia conhecem a situação na Alemanha. Mas creio que a nova revolução instigará pessoas que se dirigirão por si mesmas melhor que toda a gente que teve um nome em 1848.

No que respeita às questões de princípios, Eccarius pôs a questão que suscitou esta discussão. Exprimi o ponto de vista criticado aqui, porque em geral sou entusiasta pela causa. Trata-se de saber se, à partida, cortamos as cabeças ou no-las cortarão. Em França, os operários alcançarão o poder, e na sequência deles nós alcançá-lo-emos na Alemanha. Se não fosse assim, iria pura e simplesmente deitar-me a dormir e consagrar-me-ia ao meu ganha-pão de uma forma totalmente diferente. Se é a nossa vez, podemos tomar medidas tais que asseguremos o reinado do proletariado. Estou fanaticamente agarrado a esta opinião. Ora, o Conselho central pretendeu o contrário. Mas se não querem mais nada conosco, muito bem — separemo-nos então. Serei certamente guilhotinado na próxima revolução, mas irei para a Alemanha.

Mas se pretendem formar dois distritos, muito bem — mas então a Liga acabou, encontrar-nos-emos na Alemanha e talvez possamos de novo caminhar lado-a-lado. Sou um amigo pessoal de Marx, mas se querem que nos separemos, muito bem — então iremos sozinhos e vocês irão sozinhos. Teremos então criado duas Ligas. Uma para aqueles que agem com a pena, outra para aqueles que agem doutra maneira. Não sou de opinião que os burgueses alcançarão o

(12) Marx faz alusão à Associação alemã para a formação dos operários.

(13) De 1848 a 1851, o partido radical-democrático perqueno-burguês de Ledru-Rollin tomou o nome de Montanha, em memória da ala radical dos Jacobinos com assento na Assembleia nacional da Revolução francesa.

A Imprensa, órgão dos republicanos burgueses de 1848-1849; depois, dos bonapartistas.

poder na Alemanha ⁽¹⁴⁾, e neste ponto sou fanaticamente entusiasta; se não o fosse, não daria um só cêntimo pela história toda. Mas a dois distritos aqui em Londres, duas associações, dois comités de refugiados, preferimos duas Ligas e uma separação completa.

MARX: Schapper compreendeu mal a minha proposta. Mal seja adoptada, separar-nos-emos, os dois distritos separar-se-ão e as pessoas não estarão em ligação umas com as outras. Mas continuarão na mesma Liga e sob o mesmo Conselho central. Podem mesmo ficar com a grande massa dos membros da Liga. No que diz respeito a sacrifícios pessoais não fiz menos do que qualquer outra pessoa, mas pela classe, não por pessoas.

No que diz respeito ao entusiasmo, não é preciso muito para aderir a um partido que se pensa que irá alcançar o poder. Fiz sempre frente à opinião momentânea do proletariado. Dedicamo-nos a um partido que, para seu grande benefício, não pode alcançar ainda o poder. Se alcançasse o poder, o proletariado não tomaria medidas directamente proletárias, mas pequeno-burguesas. O nosso partido só poderá chegar ao poder quando as condições lhe permitirem aplicar as suas ideias. Louis Blanc fornece o melhor exemplo do que se chega a fazer, quando se atinge o poder demasiado cedo ⁽¹⁵⁾. De resto, em França, não será o proletariado só, mas com ele o campesinato e a pequena-burguesia que chegarão ao poder, e o proletariado

⁽¹⁴⁾ As posições do partido revolucionário — ou melhor, de classe — não devem apenas sintetizar a experiência e as tarefas da revolução, mas ainda as da contra-revolução. Schapper fornece aqui um exemplo disso, que culmina nas divergências que separam as duas tendências da Liga.

As posições expressas por Marx sobre a natureza da revolução na Alemanha, a saber o desenvolvimento segundo fases económicas, políticas e sociais necessárias (primeiro, fase burguesa, depois proletária), são ditadas não pelos desejos ou pela vontade, mas pelo curso material da história viva. A teoria revolucionária deve englobar as fases da contra-revolução: as posições de Marx-Engels na tormenta revolucionária implicavam efectivamente que em caso de fracasso da tentativa proletária a história poria na ordem do dia a luta pela revolução burguesa nacional, efectuada finalmente por Bismarck e acabada com a formação do Império unitário alemão. A posição de Schapper, pelo contrário, contraria qualquer evolução posterior, logo todas as suas achegas positivas e negativas, que foram a base do assalto futuro.

⁽¹⁵⁾ Ainda em 26 de Janeiro de 1894 Engels escrevia a este propósito a Turati: «Depois da vitória comum, poder-nos-iam oferecer alguns lugares no governo, mas sempre em minoria. Esse é o maior perigo. Depois de Fevereiro de 1848, os demócratas socialistas franceses (A Reforma, Ledru-Rollin, L. Blanc, Flocon, etc.) cometeram a asneira de aceitar lugares semelhantes. Minoria no governo dos republicanos puros (Nacional, Marrast, Bastide, Marie), partilharam voluntariamente de todas as infamias votadas e cometidas pela maioria, todas as traições da classe operária no interior. E enquanto tudo isto se passava, a classe operária era paralisada pela presença no governo desses senhores que a pretendiam aí representar.»

terá de aplicar as medidas deles e não as suas. A Comuna de Paris ⁽¹⁶⁾ demonstra que não é preciso estar no governo para se fazer alguma coisa.

Todavia, porque é que nenhum outro dos membros da minoria que ratificaram por unanimidade a circular — nomeadamente Willich — não toma a palavra? Não podemos cindir a Liga e não o desejámos: basta dividir o distrito de Londres em dois.

ECCARIUS: Pus efectivamente a questão com a intenção clara de submeter as coisas à discussão. No que respeita à concepção de Schapper, expus na Associação porque é que a considero uma ilusão e porque é que não penso que o nosso partido irá para o poder após a próxima revolução. O nosso partido será então mais importante nos clubes do que no governo.

O cidadão Lehmann abandona a sala, sem dizer palavra, tal como o cidadão Willich.

Art. 1. adoptado por todos. Schapper não participa na votação.

Art. 1: adoptado por todos. Schapper não participa na votação.

Art. 2: adoptado por todos. Schapper idem.

Art. 3: adoptado por todos. Schapper idem.

Schapper faz um protesto contra todos. Estamos neste momento totalmente separados. Tenho amigos e conhecidos em Colónia que me seguirão mais do que vós.

MARX: Resolvemos este assunto em conformidade com os estatutos, e as decisões do Conselho central são válidas.

Após leitura da acta, Marx e Schapper declaram que não escreveram para Colónia a propósito deste assunto.

É perguntado a Schapper se tem alguma objecção a levantar à acta. Declara nada ter a objectar, dado que considera qualquer objecção inútil.

Eccarius solicita que a acta seja assinada por todos. Adoptado. Schapper declara que não a assinará.

Assim feito em Londres, 15 de Setembro de 1850.

Lido, ratificado e assinado.

K. MARX, presidente do Conselho central

F. ENGELS, secretário

Henry BAUER

K. SCHRAMM

J. G. ECCARIUS

K. PFAENDER

(16) De 1792 a 1794, a Comuna dirigiu de facto a luta das massas para a aplicação de diversas medidas revolucionárias através «de uma pressão do exterior». Teve um papel importante no derrube da monarquia, na instauração da lei dos suspeitos dirigida contra os elementos contra-revolucionários, etc. A organização da Comuna foi despedaçada aquando do golpe de Estado contra-revolucionário do 9 Thermidor (27/7/1794).

Contribuição para a história da Liga dos comunistas

Caiu o pano sobre o primeiro período do movimento autónomo dos operários alemães em 1852, quando foram condenados os comunistas de Colónia (17). Este período caiu hoje praticamente no esquecimento. E todavia este movimento manteve-se de 1836 a 1856 e, em virtude da dispersão dos operários alemães pelo estrangeiro, repercutiu-se em todos os países do mundo civilizado. Mas não é tudo. A actual Internacional está, no fundo, na continuação directa do movimento alemão de então, que foi em suma a primeira organização operária internacional, donde saíram numerosos militantes que tiveram um papel de vanguarda na Associação internacional dos trabalhadores. Do mesmo modo, os princípios teóricos que, no Manifesto do partido comunista de 1848, a Liga dos comunistas inscreveu sobre a sua bandeira formam hoje, para todo o movimento proletário da Europa e da América, o meio de ligação internacional mais poderoso.

Não existia até aqui senão uma única fonte importante para a história homogénea deste movimento: o livro negro, de Wermuth e Stieber, intitulado *As Conjuras comunistas do século XIX*, Berlim, dois volumes, 1853 e 1854 (18). Este memorial, elaborado por dois dos mais miseráveis canalhas policiais do nosso século, não é mais do que um amontoado de mentiras e onde os erros voluntários abundam. É por isso que ainda hoje serve de referência suprema para todos os escritos não comunistas sobre esse período.

O único contributo que posso dar, é um esboço que, a bem dizer, apenas se refere à Liga e representa o estritamente necessário para o entendimento das Revelações (19). Espero poder um dia orga-

(17) Cf. Engels, introdução à terceira edição alemã da obra de Marx, *Revelações sobre o processo dos comunistas de Colónia*, Londres, 8 de Outubro de 1885.

Este texto e o de Marx de *A Nova Gazeta* foram escritos por Engels muito depois do acontecimento como contribuição para a história do movimento operário alemão a fim de que a experiência dos anos heróicos não se perca para as gerações futuras. Não tendo sido escritos no fogo da acção, formam uma espécie de síntese e de conclusão das lutas revolucionárias da primeira vanguarda comunista do movimento operário moderno.

(18) O primeiro tomo inclui a «história» do movimento operário dirigida aos polícias; os anexos reproduzem os documentos da Liga dos comunistas que caíram nas mãos da polícia. O segundo tomo reproduz uma «lista negra» com as indicações biográficas sobre as pessoas que estavam em ligação com o movimento operário e o movimento democrático.

(19) Cf. tradução francesa: *Karl Marx devant les jurés de Cologne* (9 de Fevereiro de 1849) seguido de *Révélations sur le procès des communistes* (4 de Outubro de 1852), por J. Molitor, Paris, Ed. Costes, 1939. Este volume contém em anexo as duas «Mensagens do Conselho central à Liga» (Março e Junho de 1850), sendo tudo precedido pelo prefácio de Engels de 1885.

nizar a rica documentação que, Marx e eu, reunimos para servir para a história desse glorioso período de juventude do movimento operário Internacional.

Refugiados alemães fundaram em 1834, em Paris, a associação democrática e republicana dos «Banidos», cujos elementos mais extremistas, na maior parte proletários, cindiram em 1836 para criarem uma organização nova, secreta: a Liga dos Justos. A associação-mãe, onde se mantiveram os enfadonhos como Jacques Venedey, em breve adormeceu completamente: quando em 1840 a polícia descobriu algumas das suas secções na Alemanha, já não era mais do que uma sombra. A nova Liga, pelo contrário, teve um desenvolvimento relativamente rápido. Foi, para começar, um produto alemão do comunismo operário francês, inspirado em reminiscências babovistas, que floresciam nessa mesma época em Paris: a comunidade dos bens era exigida como consequência necessária da igualdade. Os seus fins eram os das sociedades parisienses secretas da época, a meio caminho entre a associação de propaganda e a sociedade conspirativa, mantendo-se sempre Paris no entanto como o centro da actividade revolucionária, ainda que nunca se excluísse, na altura própria, a preparação de um putsch na Alemanha. Seja como for, como Paris continuava a ser o campo de batalha decisivo, a Liga era apenas então, de facto, uma secção alemã das sociedades secretas francesas, nomeadamente da Sociedade das estações dirigida por Barbès e Blanqui, com a qual tinha relações estreitas. Os Franceses lançaram uma grande acção em 12 de Maio de 1839: as secções da Liga participaram nela e foram portanto arrastadas na derrota comum.

Entre os Alemães, haviam sido presos nomeadamente Karl Schapper e Heinrich Bauer; após uma detenção bastante longa, o governo de Luis-Filipe contentou-se em expulsá-los. Dirigiram-se ambos para Londres.

Karl Schapper, originário de Weilburg (Nassau), participou em 1832, quando estudava silvicultura, na conspiração urdida por Georges Büchner. Tomou parte, em 3 de Abril de 1833, no assalto da Guarda do Condestável de Francfort⁽²⁰⁾, conseguiu passar para o

(20) Engels faz alusão a um episódio característico da luta dos democratas alemães contra a reacção que tinha levantado a cabeça após o Congresso de Viena. Em 3 de Abril de 1833, um grupo de elementos radicais, essencialmente estudantes, tentou, ao assaltar a Guarda do Condestável e a Grande Guarda de Francfort, dar o sinal para um assalto contra a sede da Dieta e, alavés disso, para um levantamento revolucionário em toda a Alemanha. A empresa, insuficientemente preparada, até mesmo traída previamente, não deu qualquer resultado revolucionário.

estrangeiro e participou, em Fevereiro de 1839, na expedição de Mazzini à Sabóia ⁽²¹⁾. Com a envergadura de um gigante, decidido e enérgico, sempre pronto a pôr em jogo a existência e a sacrificar os seus interesses materiais, era o modelo do revolucionário profissional tal como surge nos anos trinta. Apesar de uma certa lentidão de pensamento, era aberto a uma visão teórica mais justa como o demonstra a evolução que sofreu entre a época em que era um «demagogo» ⁽²²⁾ e aquela em que se tornou comunista: uma vez uma lição assimilada, agarrava-se a ela com quanta obstinação havia. Tudo isto explica que a sua paixão revolucionária se sobrepujasse por vezes à razão, mas acabou sempre por compreender o seu erro, e não hesitava em reconhecê-lo. Era um homem em toda a extensão do termo, e a sua contribuição para a criação do movimento operário alemão permanecerá inesquecível.

Heinrich Bauer, de Francónia, era sapateiro. Tinha um espírito vivo, travesso, e era cheio de malícia. Muita finura e decisão se escondiam nesse homem de baixa estatura.

Refugiado em Londres, encontrou Schapper, que havia sido tipógrafo em Paris e tentava agora ganhar a vida como professor de línguas. Juntos, restabeleceram os fios quebrados da organização e fizeram de Londres o centro da Liga. O relojoeiro Joseph Moll, natural de Colónia, reuniu-se a eles em Londres, se é que já não o havia feito em Paris. Era um hércules de estatura mediana — quantas vezes não defenderam vitoriosamente, ele e Schapper, a porta de uma sala de reuniões da arremetida de cem adversários! — e se igualava os dois companheiros em energia e decisão, ultrapassava-os a ambos em inteligência teórica. Era não só um diplomata nato, como o prova o êxito obtido em numerosas missões de que havia sido encarregado, como ainda, mais do que todos os outros, aberto às ideias teóricas. Em Londres, em 1843, conheci-os aos três: eram os primeiros proletários revolucionários que encontrava. É certo que as nossas concepções divergiam então em alguns pormenores, mas

⁽²¹⁾ Em Fevereiro de 1834, o democrata burguês Mazzini, em ligação com os membros da liga secreta Jovem Itália (que havia fundado em 1831) e um grupo de emigrados revolucionários, refugiados na Suíça, tentou penetrar na Sabóia que fazia então parte do reino da Sardenha (Piemonte). Pretendia organizar aí um levantamento popular a fim de unificar a Itália e de aí instaurar uma república democrática burguesa. As tropas piemontesas destruíram o grupo revolucionário.

⁽²²⁾ Nome dado pelas autoridades prussianas, após a derrota de Napoleão I e a vitória da monarquia constitucional da Prússia, aos patriotas alemães que pretendiam prosseguir a luta pela independência e unidade da Alemanha. Em 1819, as autoridades criaram uma comissão especial a fim de fazer um inquérito sobre os «delitos dos demagogos» em todos os Estados alemães. A repressão foi extremamente dura contra os elementos liberais e democráticos.

eu opunha ao seu comunismo igualitário tacanho (23) uma boa parte de orgulho filosófico não menos tacanho. De qualquer modo, nunca esquecerei a enorme impressão que aqueles três homens verdadeiros causaram em mim quando eu apenas estava em vias de me tornar um homem.

Em Londres — tal como na Suíça, mas em menor dimensão —, aproveitaram-se da liberdade de associação e de reunião. Logo em 7 de Fevereiro de 1840, fundaram a Associação alemã para a formação dos operários (24) que existe ainda hoje. Esta associação serviu à Liga de terreno de recrutamento e sendo, como sempre, os comunistas militantes mais activos e mais inteligentes, a sua direcção acabou muito naturalmente por cair nas mãos da Liga, que teve rapidamente em Londres várias comunas ou, como se dizia então, «oficinas». Esta tática que se impunha por si própria, foi seguida igualmente na Suíça e noutros lados. Em todo o lado em que era possível fundar associações operárias, foram utilizadas deste modo. Nos países em que a lei o proíbe, eram contactadas as sociedades de ginástica, de canto, etc.

A ligação era mantida essencialmente pelos companheiros que iam de cidade em cidade no seu officio e que, em caso de necessidade, tinham o papel de emissários. Sob todos os pontos de vista, a Liga foi grandemente ajudada pelos sábios governos que, ao expulsarem qualquer operário indesejável — e nove vezes em dez um era membro da Liga —, faziam dele um emissário.

A Liga assim reconstituída adquiriu uma dimensão considerável. Na Suíça nomeadamente, Weitling, August Becker — cérebro pouco vulgar, mas que, tal como muitos Alemães, foi vítima da sua inconsistência interior — e outros tinham criado uma organização mais ou menos filiada na rede comunista de Weitling. Não é aqui ocasião de criticar a concepção comunista de Weitling. Mas, no que respeita à sua importância enquanto primeira manifestação teórica independente do proletariado alemão, subscrevo hoje ainda a apreciação de Marx no *Vorwärts* de Paris, em 1844: «Nunca a burguesia

(23) Como já disse, entendo por comunismo igualitário aquele que se apoia exclusiva ou essencialmente na reivindicação da igualdade. (Nota de Engels).

(24) Esta associação foi fundada em Londres em 7 de Fevereiro de 1840 por Karl Schapper, Joseph Moll, Heinrich Bauer e por outros membros da Liga dos justos. Marx e Engels tomaram parte activa no trabalho desta associação em 1847 e 1849-1850. Em 17 de Setembro, Marx, Engels e alguns dos seus amigos abandonaram a Associação, porque a maioria tinha tomado partido pela facção Willich-Schapper, que se opunha ao Conselho central de Marx-Engels na Liga dos comunistas. Marx-Engels retomaram a sua actividade na Associação por volta de 1860. O governo inglês proibiu a Associação em 1918; numerosos refugiados russos animavam então as actividades dessa associação.

alemã — os seus filósofos e sábios incluídos — escreveu sobre a emancipação da burguesia, mesmo a emancipação política, uma obra comparável com a de Weitling sobre as **Garantias da harmonia e da liberdade**. Se se comparar a mediocridade fria e chã da literatura política alemã com a gigantesca e brilhante estreia literária dos operários alemães, se se compararem essas botas de gigante da criança proletária com o já cambado calçado de anão da burguesia alemã, só se pode prever uma figura atlética para a gata borralheira alemã (25).»

O proletariado alemão possui hoje essa estatura de gigante, e não cessou de crescer.

Existiam igualmente na Alemanha numerosas secções que, pelas forças das coisas, tinham um carácter mais efémero. Mas as que nasciam faziam mais do que compensar as que desapareciam. Foi só ao fim de sete anos, em fins de 1846, que a polícia de Berlim (Mentel) e de Magdeburgo (Beck) encontrou a pista da Liga, mas foi incapaz de a seguir até muito longe.

Em Paris, onde vivia em 1840 antes da sua estadia na Suíça, Weitling reagrupou os elementos dispersos.

O núcleo da Liga era formado pelos alfaiates alemães que trabalhavam por todo o lado, tanto na Suíça, como em Londres e em Paris. Nesta última cidade, a língua alemã era tão corrente neste ramo de ofício que um alfaiate norueguês que, em 1846, tinha passado directamente, por mar, de Drontheim para França, aprendeu, em dezoito meses, bastante bem o alemão, mas não soube nunca uma palavra de francês. Em 1847, duas das comunas de Paris eram compostas essencialmente por alfaiates, e uma outra por operários marceneiros.

Desde que o centro de gravidade havia passado de Paris para Londres, um outro fenómeno surgia cada vez mais claramente: de alemã que era a Liga tornava-se progressivamente **internacional**. A Associação operária era o local de encontro não só dos Alemães e dos Suíços, como ainda dos aderentes de todas as nacionalidades que se serviam da língua alemã nas suas relações com os estrangeiros, nomeadamente Escandinavos, Holandeses, Checos, Es-

(25) Engels cita um extracto das «Notas críticas relativas ao artigo O rei da Prússia e a Reforma social. Por um Prussiano», escritas por Marx e publicadas em 7 de Agosto de 1844 no *Vorwärts* (trad. franc.: *Écrits militaires*, p. 156-176).

Vorwärts, jornal alemão bissemanal que apareceu em Paris de Janeiro a Dezembro de 1844 e no qual Marx-Engels colaboraram. Sob a influência de Marx que fez parte da redacção a partir do Verão de 1844, o jornal tomou uma feição comunista. A pedido do governo prussiano, o ministro Guizot decretou a expulsão de Marx e de alguns outros colaboradores do *Vorwärts* em Janeiro de 1845, data em que o jornal deixou de aparecer.

vos do Sul, assim como Russos e Alsacianos. Em 1847, havia, entre outros, um granadeiro da Guarda Inglesa que assistia regularmente às reuniões de uniforme. A organização em breve se chamava Associação comunista dos operários alemães, e os cartões de aderentes traziam a menção: «Todos os homens são irmãos», numa boa vintena de línguas escritas não sem alguns erros aqui e ali. A exemplo da Associação pública, a Liga secreta tomou um cunho mais Internacional, primeiramente num sentido ainda limitado — dado o facto das diversas nacionalidades dos seus membros e da consciência de que qualquer revolução tinha de ser europeia para triunfar. Não se foi mais longe, mas ficaram lançadas as bases.

Estabeleceram-se laços estreitos com os revolucionários franceses, por intermédio dos militantes que haviam participado na jornada de 12 de Maio de 1839 e haviam tido que se refugiar em Londres após o seu fracasso. Depois, contactos com os Polacos da ala mais radical. Como é normal, a emigração polaca oficial, assim como Mazzini, eram mais adversários do que aliados da Liga. Em virtude do carácter especificamente inglês da sua agitação, os cartistas ingleses eram então menosprezados, porque eram considerados como não revolucionários. Só mais tarde, por meu intermédio, os dirigentes londrinos da Liga entraram em ligação com eles.

Também noutros aspectos a Liga foi mudando de carácter à medida dos acontecimentos. Ainda que se tivesse considerado sempre — com razão, nessa época — Paris como a cidade-mãe da revolução, tinha-se libertado da tutela dos conspiradores parisienses. À medida que a Liga ganhava terreno, a consciência política dos seus membros aumentava. Sentia-se que se mergulhavam raízes cada vez mais profundas na classe operária alemã e que estes operários eram chamados historicamente a tornarem-se o porta-estandarte da geração seguinte dos operários do norte e do leste da Europa. Tinha-se em Weitling um teórico comunista comparável em todos os aspectos aos seus homólogos franceses da época. Finalmente, tinha-se aprendido, graças à experiência de 12 de Maio, que era preciso renunciar por enquanto às tentativas de putsch. Mesmo continuando a ver em cada acontecimento indícios de uma tempestade iminente e mantendo em geral os antigos estatutos de carácter semi-conspirativo, o erro estava sobretudo no antigo espírito de contestação revolucionária que começava contudo a dar lugar a uma compreensão nova mais vasta e mais profunda.

Ao contrário, a doutrina social da Liga, por mais imprecisa que fosse, continha uma gravíssima lacuna, devida às condições próprias da época. Os seus aderentes, pelo menos aqueles que eram trabalhadores, eram quase exclusivamente artesãos propriamente ditos. Mesmo nas maiores cidades da época, o patrão que os explorava não

passava a maior parte das vezes de um pequeno mestre-artesão. Era então que começava a nascer em Londres a exploração da costura em grande, aquilo que se chama a confecção, com a transformação do offício em indústria domiciliária por conta de um grande capitalista. Em resumo, por um lado, o explorador desses artesãos era um pequeno patrão, por outro, cada um podia esperar transformar-se a si mesmo, um dia, em pequeno patrão. Razão porque os artesãos alemães dessa época estavam ainda infestados por uma multidão de ideias herdadas das antigas corporações. O que constitui a sua maior honra, é que, eles, que não eram ainda proletários em toda a acepção do termo, mas sim um prolongamento da pequena burguesia em vias de evoluir para o proletariado moderno sem estar ainda em oposição directa com a burguesia, ou seja o grande capital, é que esses artesãos tenham sido capazes de antecipar instintivamente o seu desenvolvimento futuro e de se constituírem em partido do proletariado, ainda que não tenha sido com uma consciência plena.

Era portanto inevitável que os seus velhos preconceitos de artesãos lhes viessem a todo o momento passar uma rasteira, nomeadamente quando se tratava de criticar os diversos aspectos da sociedade existente, isto é de abarcar os factos económicos. Não creio que nessa data a Liga contasse com um único membro que alguma vez tivesse lido um tratado de economia política. Mas isso não provocou nenhum desastre: na altura, a «igualdade», a «fraternidade» e a «justiça» eram uma grande ajuda para ultrapassar os obstáculos no plano teórico.

No intervalo, tinha-se desenvolvido, paredes meias com o comunismo da Liga e de Weitling, um outro comunismo, perfeitamente diferente. Em Manchester, encontrei-me cara-a-cara com as realidades económicas a que os historiadores nunca até aqui haviam atribuído senão um papel menor, quando lhes atribuíam algum. De facto, constituem, pelo menos no mundo moderno, uma força histórica decisiva, visto que representam o fundamento sobre o qual crescem os actuais antagonismos de classe que, nos países em que a grande indústria suscitou a sua plena realização, como na Inglaterra nomeadamente, representam por sua vez a base de formação dos partidos políticos, das lutas de partido e, por conseguinte, de toda a vida política.

Marx havia chegado não só à mesma concepção, como desde 1844 a tinha sistematizado nos Anais franco-alemães (26). Em geral,

(26) Os Anais franco-alemães, publicados em alemão em Paris sob a direcção de Marx e de Ruge. O primeiro número saiu em volume duplo em Fevereiro de 1844, e continha «A Questão Judaica» e a «Contribuição para a crítica da filosofia do direito de Hegel, introdução» de Marx, assim como o estudo de

não é o Estado que condiciona e regula a sociedade burguesa, mas a sociedade burguesa que condiciona e regula o Estado, de forma que é necessário explicar a política e a história pelas condições económicas e seu desenvolvimento, e não o inverso. Quando no Verão de 1844 me encontrei com Marx em Paris, constatámos que estávamos de inteiro acordo sobre todos os problemas teóricos e é daí que data a nossa colaboração. Quando nos encontramos em Bruxelas na Primavera de 1845, Marx tinha já construído toda a sua teoria materialista da história sobre os princípios enunciados acima e não nos restava mais do que estar prontos a explicitar a nova concepção nos mais diversos pormenores e direcções.

Ora, acontece que essa descoberta revolucionária para a ciência histórica, devida no essencial a Marx e numa pequeníssima parte a mim, tinha uma importância directa para o movimento operário da época. O comunismo entre os Franceses e os Alemães, e o cartismo entre os Ingleses, já não apareciam desde então como simples resultado do acaso, como qualquer coisa que podia muito bem não ter acontecido. Pelo contrário, esses movimentos apresentaram-se como o movimento da classe oprimida dos tempos modernos, do proletariado, como as formas mais ou menos desenvolvidas da sua luta historicamente inevitável contra a burguesia, como as formas da luta de classes que desde agora se distinguem de todas as antigas lutas de classes neste ponto preciso: a actual classe oprimida não pode realizar a sua emancipação sem emancipar ao mesmo tempo toda a sociedade da divisão em classes, logo pôr fim à luta das classes. Comunismo já não significa a partir de agora elucubração, por um esforço de imaginação, de um ideal de sociedade tão perfeita quanto possível, mas compreensão da natureza, das condições da luta proletária e dos objectivos gerais que daí decorrem.

No entanto, não tínhamos nenhuma intenção de segredar, através de pesados volumes, estes novos resultados científicos aos ouvidos do mundo sábio. Pelo contrário. Ambos estávamos já profundamente empenhados no movimento político, tínhamos certos contactos com intelectuais, no ocidente da Alemanha nomeadamente, e uma sólida ligação com o proletariado organizado. A nossa tarefa era dar uma base científica à nossa concepção. Mas não nos interessava menos ganhar para a nossa convicção o proletariado europeu, e para começar o da Alemanha. Após termos clarificado ideias para nós próprios, pusemo-nos ao trabalho. Em Bruxelas, fundámos uma

Engels, «Esquema de uma crítica da economia política» e «A Situação da Inglaterra. Passado e Presente por Thomas Carlyle», Londres, 1843. A revista deixou de aparecer na sequência das divergências teóricas surgidas entre Marx e o radical burguês Ruge.

associação operária alemã e apoderámo-nos da *Deutsche Brüsseler Zeitung* (27), de que fizemos nosso porta-voz até à revolução de Fevereiro. Criámos ligações com a fracção revolucionária dos cartistas ingleses por intermédio de Julian Harney, redactor do órgão central do movimento cartista, *The Northern Star* (28), no qual colaborei. Do mesmo modo, tínhamos formado uma espécie de cartel com os democratas bruxelenses (Marx era vice-presidente da Sociedade democrática) e os social-democratas franceses de *A Reforma* (29) na qual eu publicava informações sobre os movimentos ingleses e alemães. Em suma, as nossas ligações com as organizações e a imprensa radicais e proletárias satisfaziam os nossos desejos.

No que respeita à Liga dos justos, a nossa posição era a seguinte. Sabíamos, bem entendido, da existência da Liga: em 1843, Schapper tinha-me proposto que a ela aderisse, mas eu tinha nessa altura, é evidente, declinado a sua oferta. Entretanto, mantivemos não só correspondência regular com o grupo de Londres, como continuávamos ainda em relações estreitas com o doutor Ewerbeck, que dirigia então as comunas parisienses. Mesmo não nos preocupando com os assuntos particulares da Liga, estávamos ao corrente de tudo o que aí se passava de importante. Além disso, influenciávamos, através da palavra, da correspondência e da imprensa, as concepções teóricas dos membros mais importantes da Liga. Quando se tratava dos assuntos internos do partido comunista em formação, utilizávamos o sistema das circulares por processo litográfico, a fim de informarmos os nossos amigos e correspondentes pelo mundo. Acontecia-nos por vezes nessas circulares pôr em causa a

(27) Tratava-se de um jornal bissemanal, fundado por refugiados políticos alemães em Bruxelas. Publicou-se de 3 de Janeiro de 1847 a Fevereiro de 1848. A sua orientação era no princípio determinada pelo democrata pequeno-burguês Adalbert von Bornstedt que se esforçava por conciliar entre si as diversas tendências do campo radical e democrático. No entanto, sob a influência de Marx-Engels, a partir do Verão de 1847, este jornal tornou-se cada vez mais o porta-voz dos elementos democráticos-revolucionários e comunistas. Em Setembro de 1847, Marx-Engels colaboraram permanentemente e tiveram uma influência determinante na sua orientação. Tomaram praticamente a direcção do jornal durante os últimos meses de 1847. Sob a sua influência, o jornal torna-se o órgão do partido revolucionário em formação: a Liga dos comunistas.

(28) Semanário inglês, órgão central dos cartistas, de 1837 a 1852, surgindo primeiro em Leeds, depois em Londres a partir de Novembro de 1844. O seu fundador e director foi Feargus O'Connor; durante os anos quarenta, foi George Julian Harney que se encarregou da redacção. Engels colaborou neste jornal de Setembro de 1845 a Março de 1848.

(29) Quotidiano francês, porta-voz dos democratas pequeno-burgueses, dos republicanos assim como dos socialistas pequeno-burgueses. Surgiu de 1843 a 1850 em Paris; de Outubro de 1847 a Janeiro de 1848, Engels publicou aí vários artigos.

própria Liga. Por exemplo, um jovem intelectual da Vestefália — Hermann Kriege — que foi para a América e aí se apresentou como emissário da Liga. Tendo-se associado a um velho doido de nome Harro Haring para revolucionar a América por intermédio da Liga, fundou um jornal⁽²⁰⁾ e pregou, em nome da Liga, um comunismo repassado de amor, transbordante mesmo e recheado de fantasia amorosa. Era assunto para a nossa circular que não deixou de produzir os seus efeitos: desembaraçou-se a Liga de Kriege⁽²¹⁾.

Mais tarde, Weitling veio para Bruxelas. Mas já não era o jovem e ingénuo companheiro alfaiate, muito espantado com o seu próprio talento, que tentava fazer uma ideia clara do que poderia ser a sociedade comunista. Era o grande homem perseguido pelos invejosos em virtude da sua superioridade. Pressentia rivais, inimigos escondidos e armadilhas por todo o lado. Era o profeta, perseguido de país em país, que tinha no bolso uma receita prontinha para realizar o paraíso na terra e que pensava que ninguém descansaria enquanto não lhe roubasse a sua panacela. Em Londres, já se tinha indisposto com os membros da Liga. Da mesma forma, em Bruxelas, onde nomeadamente Marx e sua mulher lhe testemunharam uma amizade misturada com uma paciência sobre-humana. Mas ele não se podia entender com ninguém. Assim acabou por ir para a América para aí pôr à prova as suas ideias de profeta.

Todas estas circunstâncias contribuíram para operar sem ruído uma revolução no seio da Liga, e nomeadamente entre os dirigentes de Londres. Estes davam-se conta cada vez mais das insuficiências das antigas concepções do comunismo simplesmente igualitário dos Franceses tal como do comunismo preconizado por Weitling. A tentativa de Weitling de levar o comunismo ao cristianismo primitivo, a despeito de certos rasgos de génio que encontramos no seu Evangelho do pobre pecador, apenas acabara, na Suíça, por pôr o movimento nas mãos de iluminados como Albrecht, assim como de outros profetas e charlatães que exploraram mais ou menos abertamente os seus adeptos. Os velhos revolucionários da Liga não podiam deixar de ficar profundamente desgostosos com toda a frouxidão e adulação desse «verdadeiro socialismo» debitado por alguns homens de letras que transcreviam num mau alemão hegeliano as fantasias sentimentais misturadas com as fórmulas socia-

(20) Trata-se do semanário *Der Volks-Tribun*, fundado pelos «verdadeiros socialistas» em Nova Iorque e publicado de 5 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1846.

(21) Cf. a circular redigida por Marx-Engels explicando a resolução de exclusão de Hermann Kriege, Bruxelas 11/5/1846. Tradução francesa: *Cahiers de l'I.S.E.A.*, série S, *Etudes de marxologie*, n.º 4.

listas francesas (cf. o capítulo sobre o socialismo alemão ou «verdadeiro socialismo» no Manifesto comunista) que Kriege e a leitura dessa literatura introduziam na Liga. Perante a inconsistência das antigas doutrinas teóricas que desembocavam na prática em tais aberrações, deu-se conta cada vez mais em Londres que se não aguentavam de pé e que, Marx e eu, tínhamos razão com a nossa nova teoria. Essa tomada de consciência foi indubitavelmente acelerada pela acção, entre os dirigentes de Londres, de dois homens que ultrapassavam todos aqueles que citámos até aqui em capacidade de assimilação teórica: o pintor minaturista Karl Pfänder de Heilbronn e o alfaiate Georges Eccarius de Thuringe⁽³²⁾.

Resumindo, na Primavera de 1847, Moll foi encontrar-se com Marx em Bruxelas, veio depois ver-me a Paris, a fim de me convidar, uma vez mais, em nome dos seus camaradas para entrarmos para a Liga. Estavam, dizia ele, convencidos em geral da exactidão da nossa concepção tal como da necessidade de subtrair a Liga aos antigos usos e processos conspirativos. Se quiséssemos aderir, ser-nos-ia dada oportunidade de desenvolver, num congresso da Liga, o nosso comunismo crítico numa proclamação que seria em seguida publicada como manifesto da Liga; dessa forma, poderíamos contribuir com as nossas forças para substituir a organização ultrapassada da Liga por uma organização nova, tanto em conformidade com as exigências da época como com o objectivo do comunismo.

Não havia a menor dúvida de que era necessária uma organização no seio da classe operária alemã, quanto mais não fosse para a propaganda. No entanto, na medida em que não era puramente local, não podia ser senão uma associação secreta, mesmo que existisse fora da Alemanha. Ora, a Liga constituía precisamente uma organização deste tipo. O que havíamos criticado até então na Liga, os representantes da Liga consideravam-no também como errado e diziam-se prontos a sacrificá-lo. E convidavam-nos a contribuir para essa organização. Poderíamos recusar? Evidentemente que não. Entrámos então para a Liga. Em Bruxelas, Marx criou uma comuna com os nossos simpatizantes, enquanto eu fazia uma visita às três comunas de Paris.

No Verão de 1847, a Liga realiza o seu primeiro congresso em Londres. G. Wolff representava a comuna de Bruxelas e eu a

⁽³²⁾ Pfänder morreu em 1876 em Londres. Era um homem de profunda agudeza de espírito, pleno de humor e de ironia, de dialéctica subtil. Como se sabe, Eccarius foi mais tarde secretário geral da Associação internacional dos trabalhadores, cujo Conselho geral compreendia, entre outros, os seguintes membros da antiga Liga: Eccarius, Pfänder, Lessner, Lochner, Marx e eu próprio. Posteriormente, Eccarius consagrou-se exclusivamente ao movimento sindical inglês. (Nota de Engels.)

Paris. Antes de mais levou-se a bom termo a reorganização da Liga. Foram eliminadas todas as velhas fórmulas místicas que datavam do tempo da conspiração; a Liga organizou-se em comunas, círculos, círculos dirigentes, Conselho central e Congresso, e tomou a designação de Liga dos comunistas. O primeiro artigo dos estatutos proclamava (33): «O objectivo da Liga é o derrube da burguesia, a dominação do proletariado, a abolição da velha sociedade burguesa, fundada sobre os antagonismos de classes, e a instauração de uma sociedade nova, sem classes e sem propriedade privada.»

A organização era perfeitamente democrática, os seus dirigentes eram eleitos e em qualquer altura revogáveis; este simples facto barrava o caminho a todas as veleidades de conspiração que implicassem uma ditadura e transformava a Liga — pelo menos durante os tempos de paz ordinários — numa simples associação de propaganda. Procedeu-se então tão democraticamente que estes novos estatutos foram submetidos à discussão das comunas, em seguida aos debates do segundo congresso que os adoptou definitivamente em 8 de Dezembro de 1847. Wermuth e Stieber reproduziram-nos na sua obra, I, p. 239, anexo VIII.

O segundo congresso realizou-se de fins de Novembro a princípios de Dezembro do mesmo ano. Marx assistiu também e defendeu a nova teoria ao longo dos debates que duraram uma boa dezena de dias. Todas as objecções e dúvidas foram levantadas e encarregaram-nos, a Marx e a mim, de elaborar o **Manifesto**. Foi o que foi feito rapidamente. Algumas semanas antes da revolução de Fevereiro, foi enviado para Londres para ser impresso. Deu, desde então, a volta ao Mundo; traduzido em quase todas as línguas, serve ainda hoje, nos países mais diversos, de guia ao movimento proletário. A antiga divisa da Liga: «Todos os homens são irmãos», era aí substituída pelo novo grito de guerra: «Proletários de todos os países, uni-vos!», que proclama abertamente o carácter internacional da luta. Dezassete anos mais tarde, este grito de guerra ressoava no mundo como palavra de ordem de reunião para a luta da Associação Internacional dos trabalhadores, e hoje o proletariado militante de todos os países inscreveu-o na sua bandeira.

Rebenta então a revolução de Fevereiro. Imediatamente o Conselho central de Londres delegou os seus poderes no círculo director

(33) O antigo artigo 1 exprimia uma vaga aspiração ao comunismo, sem qualquer ligação com a realidade económica e social, em resumo, de forma perfeitamente utópica e sentimental, sem qualquer carácter de classe: «A Liga tem por objectivo a supressão da escravatura dos homens através da difusão da teoria da comunidade dos bens e, desde que possível, pela sua introdução na prática.»

de Bruxelas. Mas esta decisão surgiu num momento em que Bruxelas estava submetida a um verdadeiro estado de sítio e em que os Alemães em particular já não se podiam reunir em nenhum sítio. De qualquer modo estávamos todos quase a partir para Paris. O novo Conselho central resolveu então dissolver-se, a fim de entregar todos os seus poderes a Marx, habilitando-o a constituir imediatamente em Paris um novo Conselho central. Os cinco camaradas que tinham tomado esta resolução (3 de Março de 1848) tinham acabado de se separar quando a polícia invadiu a residência de Marx para o prender e o intimar a partir no dia seguinte para França, para onde tinha precisamente a intenção de ir.

Encontrámo-nos portanto logo a seguir em Paris. E foi lá que foi redigido o documento seguinte, assinado pelos membros do novo Conselho central e difundido por toda a Alemanha. Ainda hoje está pleno de ensinamentos segundo mais do que um ponto de vista:

Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha ⁽³⁴⁾

«Proletários de todos os países, uni-vos!»

1. A Alemanha inteira será proclamada República una e indivisível.

[2. Todo o Alemão de vinte e um anos será eleitor e elegível, sob condição de não ter sido sujeito a uma pena criminal.]

3. Os representantes do povo serão remunerados, a fim de que o operário possa também ter assento no parlamento do povo alemão.

4. Todo o povo estará em armas. [No futuro, os exércitos serão ao mesmo tempo exércitos de operários. Deste modo, o exército não consumirá apenas como no passado, mas produzirá ainda mais do que aquilo de que necessita para a sua manutenção. É, além disso, um meio de organizar o trabalho da sociedade.]

[5. A administração da justiça será gratuita.

6. Todos os impostos feudais, com todas as contribuições, impostos braçais, dízimas, etc., que até aqui pesaram sobre a população rural, serão suprimidos sem que haja lugar para a menor indemnização.]

⁽³⁴⁾ Marx e Engels elaboraram o texto destas reivindicações entre 21 e 29 de Março de 1848. Foi o programa político da Liga dos comunistas na fase burguesa da revolução na Alemanha. Podem comparar-se estas reivindicações com as estabelecidas em Abril de 1917 por Lenine, cf. «Les Tâches du prolétariat dans notre révolution», Oeuvres, t. XXIV, p. 47-84.

Colocamos entre parêntesis rectos as passagens omitidas por Engels no seu texto de 1885.

7. Os domínios dos príncipes e outros senhores feudais, todas as minas, pedreiras, etc., serão transformados em propriedade do Estado. Nestes domínios, a exploração agrícola efectuar-se-á em grande com os processos mais modernos da ciência em proveito da colectividade inteira.

8. As hipotecas que pesem sobre os bens dos camponeses serão declaradas propriedade do Estado. Os camponeses pagarão ao Estado os juros dessas hipotecas.

9. Nas regiões em que o regime de arrendamento rural está desenvolvido, a renda fundiária ou a renda da herdade será paga ao Estado sob a forma de um imposto.

[Todas as medidas indicadas nos números 6, 7, 8 e 9 serão tomadas com vista a diminuir os encargos públicos assim como os dos agricultores e dos pequenos rendeiros, sem diminuir os recursos necessários ao Estado para cobrir as suas despesas, nem comprometer a produção. O proprietário fundiário propriamente dito, a saber, aquele que não é nem agricultor nem rendeiro, não contribui de nenhuma forma para a produção, de forma que o seu consumo é um simples abuso.

10. Um banco do Estado, cuja moeda terá circulação exclusiva, ocupará o lugar de todos os bancos privados.

Esta medida permitirá orientar no interesse de todo o povo o sistema de crédito e minará a dominação dos grandes financeiros. Ao substituir progressivamente o ouro e a prata por papel-moeda, faz baixar o custo do instrumento indispensável ao modo de distribuição burguesa, do padrão de troca, e permite utilizar o ouro e a prata nas trocas com o estrangeiro. Esta medida é finalmente necessária para ligar os interesses da burguesia conservadora à revolução.]

11. Todos os meios de transporte — caminhos de ferro, canais, barcos a vapor, estradas, correios, etc. — serão chamados a si pelo Estado. Serão transformados em propriedade do Estado e as classes mais desprotegidas poderão utilizá-los gratuitamente.

[12. A única diferença a introduzir no sistema de remunerações dos funcionários, é que aqueles que têm família, ou seja, mais necessidades, terão direito a uma remuneração superior aos outros.

13. Separação total entre a Igreja e o Estado. Os ministros de todas as confissões serão remunerados unicamente com a generosidade dos seus correligionários.]

14. Restrição do direito de sucessão.

15. Introdução de impostos fortemente progressivos e supressão dos impostos sobre o consumo.

16. Criação de oficinas nacionais. O Estado garante a exis-

tência a todos os trabalhadores e assegura o sustento daqueles que estão incapacitados de trabalhar.

17. Instrução geral e gratuita.

É do interesse do proletariado, dos pequenos-burgueses e pequenos agricultores alemães agirem com toda a energia no sentido da realização das medidas acima enunciadas. Só realizando-as milhões de Alemães até aqui explorados por um pequeno número de indivíduos desejosos de perpetuar a opressão, poderão obter justiça e conquistar o poder que lhes pertence, pois que produzem toda a riqueza da sociedade.

O Comité:

Karl MARX, Karl SCHAPPER, Heinrich BAUER,
Friedrich ENGELS, Joseph MOLL, Wilhelm WOLFF

Em Paris grassava então a mania das legiões revolucionárias. Espanhóis, Italianos, Belgas, Holandeses, Polacos, Alemães formavam tropas para libertar as suas respectivas pátrias. A legião alemã era dirigida por Herwegh, Bronstedt, Börnstein. Dado que todos os trabalhadores estrangeiros se encontraram no dia seguinte à revolução, não só sem trabalho, como ainda expostos à troça do público, o afluxo para essas legiões era considerável. O novo governo via nisso uma forma de se desembaraçar dos trabalhadores estrangeiros, de modo que lhes concedeu a *étape du soldat* (*), ou seja, uma indemnização de 50 cêntimos por dia de marcha até à fronteira onde o ministro dos Negócios Estrangeiros, o bem-falante Lamartine que tinha sempre a lágrima ao canto do olho, encontraria sempre uma oportunidade para os trair e os entregar aos governos respectivos.

Tomámos partido da forma mais clara contra essa infantilidade revolucionária. Empreender uma invasão no meio da efervescência alemã do momento a fim de importar para aí do estrangeiro a revolução à viva força, era passar uma rasteira à revolução na própria Alemanha, consolidar os governos no poder e finalmente — Lamartine era o seu mais seguro garante — entregar sem defesa os legiionários aos golpes do exército alemão. De facto, quando a revolução venceu de seguida em Berlim e em Viena, a legião foi mais inútil do que nunca. Tal como se havia começado, assim se continuou a actuar (25).

(*) Em francês no texto. (N. do T.)

(25) Uma vez tomada uma orientação política, a praxis consecutivo dá peso à escolha realizada e faz seguir aos protagonistas uma dialéctica própria que os arrasta na corrente em que se empenharam. É também desta forma

Fundámos um clube comunista alemão⁽³⁶⁾, a fim de dar aos operários o conselho para regressarem isoladamente à Alemanha e fazerem aí propaganda pelo movimento, em vez de se integrarem na legião. O nosso velho amigo Flocon, que fazia parte do governo provisório, conseguiu obter para os operários repatriados graças a nós as mesmas vantagens de viagem que para os legionários. Fizemos assim regressar trezentos a quatrocentos operários, na sua grande maioria membros da Liga.

Como era facilmente previsível, a Liga demonstrou ser uma alavanca praticamente irrisória face às massas populares atiradas para o turbilhão revolucionário. Três quartos dos membros da Liga tinham mudado de domicílio em virtude do seu regresso à Alemanha, e a maior parte das comunas a que tinham aderido até aí encontraram-se automaticamente dissolvidas, de forma que perderam qualquer ligação com a Liga. Os mais ambiciosos nem sequer procuraram restabelecer essa ligação, antes se puseram a criar, por sua própria conta, pequenos movimentos separados na sua localidade. Finalmente, em cada um dos inumeráveis Estados em que a Alemanha se encontrava então dividida, em cada província, em cada cidade, a situação era por seu lado tão particular que a Liga teria ficado, de qualquer modo, na impossibilidade de dar outra coisa do que recomendações gerais que, em suma, era mais fácil difundir através da imprensa. No fim de contas, a partir do instante em que deixavam de existir as causas que tinham tornado necessária a clandestinidade, a Liga já não tinha necessidade de ser uma organização secreta. Quem menos se deveria espantar com isso, seriam aqueles que acabavam precisamente de retirar à Liga os seus últimos aspectos conspirativos.

Demonstrou-se de imediato que a Liga tinha sido uma excelente escola de acção revolucionária. No Reno, onde *A Nova Gazeta renana* constituía um ponto de união sólido⁽³⁷⁾, em Nassau, na

que a teoria, tanto num sentido como noutro, se torna uma força material, com as suas leis próprias que se impõem em seguida aos homens. Em função dessa experiência, julga previamente — desde o primeiro princípio enunciado — a sorte ulterior deste ou daquele organismo político ou económico. Donde a importância da crítica de todas as posições erradas, por pouco que o sejam, na actividade do partido. Esta visão materialista do futuro dos princípios integra-se na previsão geral do curso histórico material das diversas forças em presença.

⁽³⁶⁾ Engels alude ao Clube dos operários alemães, fundado em princípios de Março de 1848 por representantes da Liga dos comunistas. Marx, que dirigia esse clube, esforçou-se por agrupar aí os operários alemães emigrados em Paris, e expôs-lhes a tática a seguir pelo proletariado na revolução burguesa democrática que rebentava na Alemanha.

⁽³⁷⁾ O artigo de Engels sobre o papel de Marx à cabeça de *A Nova Gazeta renana* completa muito naturalmente o presente texto.

Hesse renana, etc., membros da Liga haviam tomado o comando por todo o lado do movimento democrático extremista. Da mesma forma em Hamburgo. Na Alemanha meridional, a pequena burguesia democrática preponderante barrava-nos o caminho. Em Breslau, Wilhelm Wolff desenvolveu uma actividade muito frutuosa até ao Verão de 1848 e obteve um mandato para representar a Silésia no parlamento de Francfort. Finalmente em Berlim, Stephan Born, antigo membro muito activo da Liga em Bruxelas e em Paris, fundou uma Associação fraternal operária que alcançou uma grande expansão e subsistiu até 1850. Oh, mas Born, ainda jovem e cheio de talento, teve muita pressa de se tornar uma sumidade política e confraternizou com meio mundo simplesmente para juntar muita gente. Não era homem para fazer a unidade entre as tendências opostas, nem luz no caos. Deste modo, nas publicações oficiais desta associação, misturam-se, numa trapalhada inextricável, ideias expostas no Manifesto comunista, reminiscências e reivindicações que datavam das velhas corporações, restos das construções de Louis Blanc e de Proudhon, ideias proteccionistas, etc.; em resumo, queria ser de todos os movimentos e não passava de um metediço. Lançaram-se greves, cooperativas operárias, associações de produção, esquecendo que antes de tudo havia que começar por conquistar, graças a vitórias políticas, um terreno no qual tudo isso pudesse ser realizado a longo prazo. Ora, quando as vitórias da reacção fizeram compreender aos dirigentes desta Associação fraternal dos operários que era necessário intervir directamente na luta revolucionária, foram naturalmente abandonados pela massa confusa que tinham reunido em volta deles. Born participou na insurreição de Dresden em Maio de 1849⁽³⁸⁾, e conseguiu safar-se são e salvo. Mas a Associação fraternal operária tinha ficado afastada do grande movimento político do proletariado, como uma organização particular, que apenas existia no papel. O seu papel foi tão apagado que a reacção não julgou necessário combatê-la senão em 1850 e liquidar o que dela restava somente alguns anos mais tarde. Born — Buttermilch de seu verdadeiro nome — não se tornou um grande homem político, mas um pequeno professor suço que em lugar de traduzir Marx para a

(38) O levantamento armado de Dresden teve lugar de 3 a 8 de Maio de 1849. O motivo era a recusa do rei de Saxe de reconhecer a Constituição imperial e a nomeação do arqui-reaccionário Zschinsky como primeiro-ministro. A burguesia e a pequena burguesia não tiveram praticamente qualquer participação na luta, de forma que os operários e artesãos lutaram sós nas barricadas. Este levantamento foi o início das lutas armadas pela defesa da Constituição imperial que tiveram lugar de Maio a Julho de 1849 na Alemanha meridional e ocidental, e acabaram com a derrota das forças democráticas.

língua dos artesãos, traduziu o delicado Renan para o seu próprio alemão delicado.

O 13 de Junho de 1849 em Paris ⁽³⁹⁾, a derrota dos levantamentos alemães de Maio ⁽⁴⁰⁾, o esmagamento da revolução húngara pelos Russos ⁽⁴¹⁾ marcaram o fim de um grande período da revolução de 1848. No entanto a vitória da reacção não era por esse facto definitiva, longe disso. Impunha-se uma reorganização das forças revolucionárias, dispersas por uma primeira derrota, e por conseguinte também da Liga. Mas, tal como antes de 1848, as condições do momento impediam o proletariado de se organizar à luz do dia: foi necessário portanto recorrer de novo à organização secreta.

Durante o Outono de 1849, a maior parte dos membros dos antigos conselhos centrais e dos congressos reuniu-se em Londres. Faltava apenas Schapper (que estava preso em Wiesbaden, mas que se reuniu a nós na Primavera de 1850, após a sua absolvição), assim como Mollé que, após ter cumprido uma série de missões e viagens de agitação muito perigosas — por fim, recrutava artilheiros armados para a artilharia do Palatinado ⁽⁴²⁾ no próprio seio do exército prussiano —, alistou-se na companhia operária do destacamento de Willich e foi morto com uma bala na cabeça durante o recontro da Murg, perto da ponte de Rotenfels.

⁽³⁹⁾ Em 13 de Junho de 1849, o partido pequeno-burguês da Montanha convocou uma demonstração pacífica em Paris para protestar contra o envio de tropas francesas para Itália para abafar a revolução. O artigo 4 da Constituição francesa impedia, com efeito, o envio de tropas para um país estrangeiro para aí reprimir a liberdade. Tendo sido pura e simplesmente dispersa pela tropa, essa manifestação tornou patente o fracasso da democracia pequeno-burguesa. Depois de 13 de Junho numerosos dirigentes do partido da Montanha, assim como democratas pequeno-burgueses estrangeiros, foram presos ou expulsos.

⁽⁴⁰⁾ Cf. a obra de Engels sobre «La Campagne pour la constitution du Reich», *La Révolution démocratique-bourgeoise en Allemagne*, Ed. Sociales, Paris, 1952, p. 115-200, assim como, no mesmo volume, «Révolution et contre-révolution en Allemagne», p. 203-307.

⁽⁴¹⁾ Cf. MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 221-268.

⁽⁴²⁾ Na época de Engels, a cavalaria era uma arma na qual a tropa era essencialmente reaccionária, logo pouco favorável ao trabalho de subversão revolucionária interna. Em contrapartida, a engenharia ou a artilharia eram armas modernas nas quais o trabalho se aliava aos conhecimentos técnicos e ao espírito de iniciativa. A tropa tinha aí portanto um espírito mais aberto às coisas e ideias novas, não conformistas. O que é ainda mais importante e justifica os esforços dos revolucionários da Liga para conquistarem a simpatia dos artilheiros e a sua neutralidade, era que não se pode empregar utilmente a cavalaria nos combates de barricadas: ora, é a luta nas barricadas das grandes cidades, e sobretudo a atitude que aí adoptarem a infantaria e a artilharia que, nos nossos dias, decidem a sorte de todos os golpes de Estado» (ENGELS, «La Question militaire prussienne et le parti ouvrier allemand», in MARX-ENGELS, *Écrits militaires*, p. 462-463).

Willich contrasta neste ponto. Era um desses comunistas de sentimento tão numerosos depois de 1845 na Alemanha ocidental. Quanto mais não fosse por isso, estava em oposição instintiva e secreta com a nossa tendência crítica. Para mais, era literalmente um profeta, convencido da sua missão pessoal de libertador predestinado do proletariado alemão e, enquanto tal, pretendente directo à ditadura tanto militar como política. Ao lado do comunismo tipo cristianismo primitivo de Weitling, viu-se pois instituir uma espécie de islão comunista. No entanto, a propaganda em favor da nova religião limitou-se primeiro que tudo ao quartel de refugiados comandado por Willich.

Ora então, a Liga foi reorganizada, aquando da publicação da Mensagem de Março de 1850 ⁽⁴³⁾ e do envio à Alemanha do nosso emissário H. Bauer. Essa mensagem, elaborada por Marx e por mim, apresenta ainda hoje um certo interesse pelo facto da democracia pequeno-burguesa continuar a formar o partido que deve alcançar o poder para salvar a sociedade da dominação dos operários comunistas, quando da próxima sacudidela cujo aparecimento já não deverá tardar (visto que a duração das revoluções europeias varia entre quinze a dezoito anos durante este século, por exemplo 1815-1830, 1848-1852, 1870). Essa mensagem é ainda válida hoje em dia segundo mais do que um ponto de vista. A imagem de Heinrich Bauer foi um êxito completo. O alegre sapateirito era um diplomata nato. Fez regressar para a organização activa os antigos membros da Liga, uns que se haviam cansado, outros que agiam por conta própria, nomeadamente os chefes actuais da Associação fraternal dos trabalhadores. A Liga teve um papel preponderante nas sociedades operárias, de camponeses ou de ginástica (e isto com maior sucesso do que antes de 1848. Deste modo a Mensagem trimestral seguinte às comunas (Junho de 1850) ⁽⁴⁴⁾ pôde constatar que o estudanteco Schurz, de Bona (mais tarde ministro nos Estados Unidos), que percorria a Alemanha em serviço da democracia pequeno-burguesa, teria encontrado já todas as forças utilizáveis nas mãos da Liga. Esta, como se vê, era indubitavelmente a única organização revolucionária com importância na Alemanha.

A sorte dessa organização estava directamente ligada às perspectivas de uma nova fase revolucionária. Ora, estas tornavam-se cada vez mais incertas, até contrárias, durante o ano de 1850.

⁽⁴³⁾ Não reproduzimos as duas «Mensagens do Conselho central à Liga», redigidas por Marx em Março e Junho de 1850, a despeito da sua importância. O leitor poderá encontrá-las, em tradução francesa, em MARX-ENGELS, Karl Marx devant les jurés de Cologne, Ed. Costes, em anexo, p. 237-261.

⁽⁴⁴⁾ Id., p. 253.

A crise industrial de 1847 que havia preparado a revolução de 1848 estava superada e abria-se um novo período de prosperidade industrial sem igual até então. Quem quer que tivesse olhos para ver, e deles se servisse, aperceber-se-ia claramente que a tempestade revolucionária de 1848 se acalmava progressivamente. Na revista de Maio a Outubro de 1850 (45), Marx e eu escrevíamos: «Em virtude da prosperidade geral, no decurso da qual as forças produtivas da sociedade burguesa se desenvolvem com toda a opulência possível no seio das relações burguesas, não pode existir uma verdadeira revolução. Esta só é possível nos períodos de conflito aberto entre os seguintes dois factores: as forças produtivas modernas e as formas de produção burguesas. As diferentes disputas a que se entregam actualmente os representantes das diversas facções do partido da ordem no continente, e nas quais se desacreditam mutuamente, em vez de fornecerem novas ocasiões de revolução, só são pelo contrário possíveis porque a base das relações sociais é neste momento muito segura e — o que a reacção ignora — solidamente burguesa. As múltiplas tentativas empreendidas pela reacção para reter o desenvolvimento social da burguesia virão encalhar nesta base, e isto tal qual seguramente como toda a indignação moral e as proclamações entusíastas da democracia.

Esta fria apreciação da situação foi considerada como uma heresia, numa época em que os Ledru-Rollin, Louis Blanc, Mazzini, Kossuth e, entre as cabeças alemãs de segunda ordem, Ruge, Kinkel, Gögg e tutti quanti constituíam em série em Londres futuros governos provisórios, não só para as suas respectivas pátrias, como ainda para a Europa inteira: só lhes restava reunir, graças a um empréstimo revolucionário, realizado na América, o dinheiro necessário para fazer num abrir e fechar de olhos a revolução europeia assim como

(45) De Dezembro de 1849 a Novembro de 1850, Marx e Engels publicaram *A Nova Gazeta renana* — Revista política e económica. Foi o órgão político e económico da Liga dos comunistas, a continuação, sob a forma de revista, do grande jornal dirigido por Marx-Engels durante a revolução de 1848/1849, *A Nova Gazeta renana*. Tiraram aí as lições da grande revolução europeia, analisaram a nova relação de forças e definiram a táctica a seguir durante a nova fase histórica (1850 a 1871), donde a importância dos estudos publicados nos seis cadernos da revista, por exemplo «As Lutas de classes em França», «A Guerra dos camponeses», «Revolução e contra-revolução na Alemanha». Na sequência das questões políticas na Alemanha e de problemas financeiros, a revista deixou de aparecer ao mesmo tempo que se apagava a última vaga revolucionária desse período agitado.

A parte política da revista de Maio a Outubro de 1850 foi inserida por Engels na edição das *Lutas de classes em França*, cap. 4 (1895), com excepção de algumas passagens. A parte económica foi traduzida em francês e publicada em *études de marxologie*, 7, p. 135-158.

as diferentes repúblicas que daí decorriam muito naturalmente. Quem se poderia admirar que um homem como Willich tenha caído na esparrela, que o próprio Schapper, em virtude dos seus antigos entusiasmos revolucionários, se tenha deixado embriagar e que a maior parte dos operários de Londres, na sua maioria refugiados, os tenha seguido no caminho dos fazedores de revolução da democracia burguesa? Numa palavra, a circunspecção que preconizávamos não era do agrado dessa gente: era preciso porem-se a fazer revoluções. Recusámo-nos a isso categoricamente. Seguiu-se uma cisão, e a continuação pode ler-se nas **Revelações** (46).

Depois foi a prisão, primeiro de Nothjung, depois de Haupt em Hamburgo. Este último traiu, ao dar os nomes do Comité central de Colónia e ao servir de testemunha principal no processo. No entanto, os membros da sua família não quiseram suportar semelhante vergonha e mandaram-no para o Rio de Janeiro, onde encontrou forma de se estabelecer como comerciante e acabou por ser nomeado cônsul geral da Prússia, mais tarde da Alemanha, em recompensa pelos seu feitos. Actualmente está de regresso à Europa.

Para facilitar o entendimento do que vai seguir-se, eis a lista dos acusados de Colónia: 1. P. G. Röser, operário cigarreiro; 2. Heinrich Bürgers, morto em 1878 como deputado progressista no Landtag; 3. Peter Nothjung, alfaiate, falecido há alguns anos em Breslau, como fotógrafo; 4. W. J. Reiff; 5. Dr. Hermann Becker, hoje Maior (*) de Colónia e membro da Câmara alta; 6. Dr. Roland Daniels, médico, morto, alguns anos após o processo, de tuberculose contraída na prisão; 7. Karl Otto, químico; 8. Dr. Abraham Jacoby, actualmente médico em Nova Iorque; 9. Dr. J. J. Klein, actualmente médico e almotacel (**) em Colónia; 10. Ferdinand Freillgrath, que residia já então em Londres; 11. J. L. Ehrhard, empregado comercial; 12. Friedrich Lessner, alfaiate, actualmente em Londres.

Os debates públicos perante os jurados prolongaram-se de 4 de Outubro a 12 de Novembro de 1852 e terminaram com as seguintes condenações por tentativa de alta traição: Röser, Bürgers e Nothjung

(46) Schapper morreu em Londres por volta de 1870. Willich distinguiu-se durante a guerra civil americana. Participou na batalha de Murfresboro (Tennessee) com a patente de brigadeiro, e foi aí ferido por uma bala em pleno peito. Escapou no entanto e morreu há uns dez anos na América. Quanto aos outros que citei acima, é de notar que Heinrich Bauer desapareceu na Austrália e que Weilling e Ewerbeck morreram na América. (Nota de Engels.)

No que respeita à participação na guerra da Secessão dos antigos amigos de Marx e de Engels ou dos militantes alemães em geral, cf. MARX-ENGELS, *La Guerre civile aux États-Unis*, 1861-1865, 10/18, nota 58, p. 267-268.

(*) Mayeur. (N. do T.)

(**) Antigo inspector camarário de pesos e medidas que fixava o preço dos géneros (N. do T.)

a 6 anos de forte, Reiff, Otto, Becker a 5 anos, e Lessner a 3 anos da mesma pena. Daniels, Klein, Jacoby e Ehrhard foram absolvidos.

O processo de Colónia encerra esse primeiro período do movimento operário comunista alemão. Mal foram pronunciadas as condenações decidimos dissolver a nossa Liga; alguns meses mais tarde, a Liga separatista (47) de Willich-Schapper mergulhou no repouso eterno.

Entre este primeiro período e o actual decorreu uma geração. No intervalo, de um país de artesanato e de indústria doméstica à base de trabalho manual, a Alemanha tornou-se num grande país industrial em transformação económica e técnica ininterrupta. Nessa época, era necessário recrutar um por um os operários susceptíveis de compreender a sua condição de operários e o antagonismo histórico e económico que os opôs ao capital, porque esse mesmo antagonismo estava apenas em vias de formação. Hoje, é necessário submeter todo o proletariado alemão às leis de excepção para retardar um pouco o processo pelo qual tomará uma consciência completa da sua condição de classe oprimida.

Nesse tempo, os raros homens que, à força de tenacidade, tinham ascendido ao entendimento do papel histórico do proletariado tinham de organizar-se em segredo em pequenas comunas de três a vinte homens e reunir-se às escondidas. Hoje, o proletariado alemão não tem necessidade de organização constituída, nem pública, nem secreta (48): a simples associação, natural, de membros da mesma classe professando as mesmas ideias basta para abalar todo o Império alemão, mesmo sem estatutos, nem comité director, nem resoluções, nem outras formalidades. Bismarck tornou-se o árbitro da Europa, fora das fronteiras da Alemanha; no interior, em troca, vê-se todos os dias mais ameaçado pela figura atlética do proletariado alemão, de que Marx havia previsto as proporções gigantescas desde 1844. De agora em diante, vê-se apertado no quadro do Império traçado à medida do filisteu burguês. Num futuro próximo, quando a sua estatura poderosa e os seus ombros se desenvolverem ainda mais, não terá mais do que levan-

(47) Engels qualifica de «Liga separatista» a fracção de Willich-Schapper de carácter sectário que se constituiu como organização particular após a cisão ocorrida na Liga dos comunistas em 15 de Setembro de 1859. A expressão faz alusão à analogia da sua forma de organização com a das confederações separatistas dos cantões católicos reaccionários da Suíça da década de 1840.

(48) Como ressalta de toda a sua actividade e de toda a sua concepção, Engels não entende de modo algum aqui que a organização de partido é supérflua neste estágio histórico. Ironiza, muito pelo contrário, a respeito da política anti-operária de Bismarck que, como se verá no período da lei anti-socialista, contribuiu para tornar aguerrida a vanguarda da classe operária, em vez de o enfraquecer.

tar-se do seu assento para fazer saltar todo o edifício constitucional do Império.

Ainda por cima, o movimento internacional do proletariado europeu e americano tornou-se actualmente tão forte que não só a sua forma primeira, forma acanhada — a Liga secreta —, como ainda a sua segunda forma, infinitamente mais lata — a Associação Internacional dos trabalhadores de carácter público —, seria para ele um entrave. De facto, o simples sentimento de solidariedade, fundado no reconhecimento da identidade da condição de classe entre os operários de todos os países e de todas as línguas, basta para criar e unir um único e mesmo grande partido do proletariado (49).

As lições que a Liga reteve e defendeu de 1847 a 1852, e que os filisteus, na sua sabedoria, podiam, com um encolher de ombros, desprezar como químeras nascidas em tolas cabeças extremistas, ou como a doutrina esotérica de alguns sectários disseminados pelos quatro cantos do país, essas teorias têm hoje inúmeros adeptos em todos os países civilizados do mundo, desde os párias das minas da Sibéria aos pesquisadores de ouro da Califórnia (50). E o fundador dessa doutrina, o homem mais odiado e calunhado do seu tempo — Karl Marx —, era, no fim da vida, o conselheiro sempre procurado e sempre disponível do proletariado dos dois mundos.

Balanço da derrota de 1848-1849

É difícil imaginar derrota mais esmagadora do que aquela que acaba de sofrer no continente o partido revolucionário — ou mais exactamente os diferentes partidos revolucionários —, e isto em todas as frentes de batalha (51). Mas que quer isto dizer? A luta da burguesia britânica pela supremacia política e social não se

(49) Engels alude à solidariedade perfeitamente material da classe operária de todos os países, pelo simples facto da sua existência objectiva, viva. É sobre esta realidade gigantesca que se deve apoiar o partido, ou melhor a Internacional, se não quiser ser uma seita, mas sim um movimento real.

(50) A Liga dos comunistas emigrou até aos Estados Unidos, e o contributo dos antigos membros emigrados para a América para a formação do partido operário americano foi considerável. Não podemos reproduzir nesta colectânea os textos de Marx-Engels relativos à formação do movimento operário dos Estados Unidos. Só por si fariam um volume inteiro.

No que respeita à contribuição dos antigos da Liga dos comunistas para a formação de organizações operárias americanas, cf. Karl Obermann, «The Communist League: A Forerunner of the American Labor Movement», in *Science & Society*, vol. XXX, n.º 4, p. 433-446.

(51) ENGELS, *Revolução e contra-revolução na Alemanha*, primeiro artigo de 25/10/1851, in *New York Tribune*.

estendeu por um período longo de quarenta e oito anos, e a da burguesia francesa por um período de quarenta anos de lutas sem igual? E não esteve a sua vitória mais próxima do que nunca no próprio momento em que a monarquia restaurada se julgava mais solidamente implantada no poder que nunca?

Vão longe os tempos em que a superstição atribua as revoluções à malignidade de um bando de agitadores. Toda a gente sabe, hoje em dia, que por trás de qualquer convulsão revolucionária existe forçosamente uma necessidade social, cuja satisfação não pode ser assegurada por instituições ultrapassadas. Pode acontecer que esta necessidade não seja actualmente tão urgente e geral para que procure impor-se imediatamente⁽⁵²⁾. Todavia, qualquer tentativa para a reprimir pela violência só a fará ressurgir com mais força, até rebentar com todos os obstáculos.

(52) A questão de uma mudança radical de tática põe-se para o partido na altura da derrota do movimento revolucionário, quer no terreno escaldante da luta física, quer naquele, mais degradante, da degenerescência do partido ou das organizações operárias (este último tipo de derrota é o mais grave que pode acontecer, dado que o proletariado perde aí até o seu programa e a visão clara da sua própria natureza e do seu objectivo histórico, ao mesmo tempo que meios e vias para atingir a sua emancipação). A tarefa primeira do partido, nesses momentos, não deixa de estar ligada às suas tarefas militares do período de luta revolucionária directa: salvar da derrocada aquilo que puder ser salvo, e organizar, na medida do possível, as forças que restem, com vista ao próximo assalto que não deixará de surgir ao fim de um lapso de tempo mais ou menos longo.

A ideia dos períodos de fluxo e de refluxo da vaga revolucionária implica a visão de ciclos históricos de crise revolucionária geral da sociedade e de triunfo da contra-revolução. Esta visão vai de encontro evidentemente à concepção de ciclos determinados da economia.

O estalinismo riscou pura e simplesmente do marxismo o método que consiste em analisar a economia e a sociedade com objectivos revolucionários, para fins políticos. Já não fala de período de fluxo e de refluxo, nem de previsão, portanto de direcção consciente do movimento revolucionário. O trotskismo herdou certas posições da fase inicial de degenerescência da Internacional comunista, nomeadamente a ideia segundo a qual «a situação política mundial no seu conjunto se caracteriza antes de mais pela crise histórica da direcção do proletariado», estando as condições económicas ultra-maduras, a ponto de o capitalismo estar já em declínio. Para o marxismo, o capitalismo caracteriza-se pela produção de mais-valia, pela sobreprodução portanto, o que quer dizer que não pode estagnar muito tempo. De resto, o capitalismo não pode mudar num ponto tão fundamental a sua característica principal.

O único movimento que continuou a tarefa revolucionária na via traçada por Marx-Engels é a esquerda comunista italiana (que, aliás, defendeu com vigor o grande Trotsky face ao próprio Staline, nas sessões do executivo alargado, por exemplo). Esta, tendo-se dado conta, perfeitamente, da dimensão da degenerescência política da Internacional comunista depois de Lenine, não recebeu confrontar o recuo do movimento operário com a subida extraordinária do capitalismo, e nomeadamente da produção que — no Leste como no Ocidente — bateu todos os seus recordes após a Segunda Guerra Mundial que confirmou a derrota

Se fomos batidos, tudo o que temos a fazer é recomeçar desde o início. E, por sorte, o intervalo de tréguas — de muito curta duração sem dúvida ⁽⁵³⁾ — que nos é concedido entre o fim do primeiro e o começo do segundo acto do movimento, dá-nos tempo para fazermos um trabalho dos mais úteis: a análise das causas que tornaram inelutáveis tanto o recente levantamento como a sua derrota, causas que se não devem procurar nos esforços, talentos, erros ou traições acidentais de alguns dos chefes, mas nas condições sociais gerais da vida de cada uma das nações agitadas pela crise.

Em geral está-se de acordo em reconhecer que os movimentos inesperados de Fevereiro e de Março de 1848 não foram obra de indivíduos isolados, mas manifestações espontâneas, irreprimíveis, de necessidades e anseios nacionais mais ou menos claramente compreendidos, mas sentidos distintamente por toda uma série de classes em todos os países. Todavia, quando inquirimos sobre as causas dos êxitos da contra-revolução, obtemos de todos os lados a resposta cómoda de que foi o Senhor Fulano ou o cidadão Cicrano que «traiu» o povo (o que aliás pode ser ou não verdade, conforme os casos). Mas, nunca, essa resposta explica o que quer que seja, e o que é mais, nem sequer permite compreender como sucedeu que o «povo» se tenha deixado trair dessa maneira. Mas quão mesquinhas são as perspectivas futuras de um partido político cujo

completa do proletariado. Essa esquerda fez um trabalho teórico imenso, não somente ao nível da luta dos princípios, como ainda da análise das condições reais e das perspectivas políticas que daí decorrem para o movimento mundial. Cf., por exemplo, a série de artigos relativos à evolução económica da produção mundial, por países mais importantes, a longo e a curto prazo, em *Programma comunista*.

⁽⁵³⁾ Estando particularmente bem colocados no coração da luta, e nunca havendo deixado de aplicar ao curso revolucionário o método de análise científico para dele tirar as palavras de ordem de acção, Marx e Engels aperceberam-se rapidamente da intensidade da crise e da amplitude do recuo geral do movimento operário.

É certo que não viram, num primeiro relance, que o reino da contra-revolução duraria tanto tempo. Mas não é tão grave que um revolucionário seja demasiado optimista à chegada da crise seguinte. O que seria grave, com efeito, era desesperar de algum dia a viver.

Entretanto o que importa é que Marx e Engels, apesar do seu relativo optimismo, não cederam aos impulsos ocasionais para lançar palavras de ordem «aventureiristas». A sua correcta visão de conjunto do movimento — ligação dialéctica entre economia e política — incitou-os a debruçarem-se «em última instância» sobre as causas fundamentais, a evolução da base económica. Eles esperavam, é certo, em 1858, na véspera da crise geral de sobreprodução económica, que uma revolução política a isso se ligaria. No entanto, a análise dos factos ensinou-lhes que crise económica e crise política não coincidem forçosamente, o que aliás se explica pela natureza contraditória da actividade social, dividida em base económica e superestruturas políticas.

único inventário político se resume ao facto de o cidadão Tal ou Tal não ser digno de confiança (54)

Declaração de ruptura organizacional

Aos Senhores Adam, Barthélémy e Vidil,

Temos a honra de vos informar que consideramos a associação de que falais como estando há muito tempo dissolvida de facto (55). Tudo o que resta fazer é destruir o contrato de base. Os Srs. Adam ou Vidil poderiam talvez fazer o obséquio de se virem encontrar com o Sr. Engels — Macclefield Street n.º 6, Soho — no próximo domingo, de tarde, 13 de Outubro, para esse fim.

Com os nossos mais respeitosos cumprimentos.

Londres, 9-10-1850

ENGELS, MARX, HARNEY

(54) O homem julga sempre que a história depende do homem, e sobretudo da sua vontade, porque ele crê agir pela sua cabeça. É a razão porque o homem resiste dificilmente ao desejo de mudar pelo pensamento o que no entanto se tinha de dar inevitavelmente; de facto, ninguém escapa a isso, e só após reflexões repetidas se consegue tirar esta conclusão materialista: o que aconteceu tinha que acontecer.

Não tem grande sentido perguntar como «se deveria ter feito» para impedir este resultado. É mais razoável pesquisar quais as causas que empurraram, na torrente revolucionária da história, o movimento para uma dada via, e tirar daí os ensinamentos para o momento em que as forças revolucionárias entrarem de novo em acção, a fim de não repetir os erros (que se explicavam então talvez pela imaturidade das condições económicas e sociais, logo pela inexperiência política dos órgãos dirigentes e das massas).

«A liberdade não está numa independência sonhada em relação às leis da natureza, mas no conhecimento dessas leis e na possibilidade, disso mesmo decorrente, de as fazer actuar metodicamente para fins determinados [o que não é possível à escala individual demasiado atomizada, mas à escala da classe do proletariado pela sua constituição em partido consciente e actuante]. Isto é verdade tanto para as leis da natureza exterior como para as que regem a existência física e psíquica do próprio homem [não do homem alienado da sociedade capitalista, mas do homem universal da sociedade comunista] — duas categorias de leis que podemos separar quando muito na representação, mas não na realidade. A liberdade da vontade não significa portanto outra coisa que a faculdade de decidir com conhecimento de causa. Logo, quanto mais livre é o juízo de um homem sobre uma questão determinada, maior é a necessidade que determina o teor desse juízo; enquanto que a incerteza assentando na ignorância, que escolhe na aparência arbitrariamente entre numerosas possibilidades de decisão diversas e contraditórias, apenas manifesta assim a sua não-liberdade, a sua submissão ao objecto que deveria justamente submeter. A liberdade consiste por conseguinte na soberania sobre nós próprios e sobre a natureza exterior, fundada no conhecimento das necessidades naturais; ela é pois necessariamente um produto do desenvolvimento histórico.» (ENGELS, Anti-Dühring, Ed. Sociales, p. 146-147.)

(55) Alusão à Sociedade universal dos comunistas revolucionários, fundada

Ao presidente da assembleia de terça-feira da Associação alemã de formação dos operários de Londres, Great Windmill Street.

Os signatários vêm anunciar-vos pela presente que abandonam a Sociedade.

Londres, 17-9-1850

H. BAUER, K. PFAENDER, J. G. ECCARIUS, K. MARX,
S. SEILER, K. SCHRAMM, F. ENGELS, F. WOLFF, W. LIEBKNECHT,
H. HAUPT, G. KLOSE

Parece que a marcha de setecentos mendigos sobre Paris, anunciada com impaciência pela imprensa, não passará de uma balela. O pequeno Louis Blanc, ele próprio, a julgar pelas novas lamúrias que publica no Daily News de hoje, está, senão em Londres, pelo menos em segurança. As suas primeiras lamentações eram ainda sublimes ao lado das de hoje (56).

Povo francês — nobre firmeza — coragem indomável — eterno amor pela liberdade — honra à coragem infeliz — e, dizendo isto, o nosso homenzito executa uma meia-volta à direita e prega a confiança e a união do povo com a burguesia. Tal como Proudhon, cf. «Apelo à burguesia (57)», p. 2. E que dizer desta forma de raciocinar: se os insurrectos foram batidos, isso deve-se a não serem o verdadeiro povo, pois o verdadeiro povo não pode ser derrotado. Ora se o verdadeiro povo não se bateu, foi porque não queria lutar pela Assembleia nacional. (A isto pode-se muito bem objectar que, se tivesse triunfado, o verdadeiro povo teria ele próprio exercido uma ditadura, mas se nem sequer teve tempo para pensar nisso, foi porque foi surpreendido pelo desenrolar dos acontecimentos, e além disso foi muitas vezes enganado!)

É sempre a velha e mesquinha argumentação dos democratas que surge todas as vezes que o partido revolucionário sofre uma derrota. O facto é que, parece-me, se não se bateu em massa desta vez, foi porque o proletariado estava perfeitamente consciente da sua própria fraqueza e da sua impotência (58), de tal modo que

em Abril de 1850 pelos blanquistas, Harney e pelos dirigentes da Liga dos comunistas, entre os quais Marx-Engels.

No que respeita à relação entre Marx-Engels, por um lado, e os blanquistas, por outro, cf. a colectânea sobre O Movimento operário francês, Petite Collection Maspero.

(56) Cf. Engels a Marx, 11 de Dezembro de 1851.

(57) Engels alude à introdução: «A burguesia», escrita por Proudhon para o seu livro *Idela geral da revolução no século XIX*.

(58) Engels debruçou-se longamente sobre as razões porque o proletariado francês, já exangue depois da terrível batalha de Junho de 1848, não lançou as suas forças na balança para evitar a instauração progressiva e sorrateira

se resignou com fatalismo ao ciclo renovado República, Império, Restauração, depois nova revolução, até que após um certo número de anos de miséria em que reina o máximo de ordem possível, tenha recobrado novo alento. Não digo que as coisas se passarão deste modo, mas creio que foi o que, no fundo, prevaleceu de instinto no povo de Paris terça e quarta-feira, e após o restabelecimento do escrutínio secreto, e o recuo da burguesia que se lhe seguiu, sexta-feira. Mas seria absurdo pretender que não existia nesse momento uma ocasião para o povo.

Se o proletariado quer esperar que seja o governo a pôr o seu próprio problema, e se espera em seguida que se dê um afrontamento que empreste ao conflito uma forma mais aguda e mais clara do que em Junho de 1848 — vai ter que esperar muito tempo. A última ocasião em que o problema se pôs com alguma clareza entre o proletariado e a burguesia, foi aquando da lei eleitoral de 1850⁽⁵⁹⁾. Ora o povo preferiu não se bater nesse momento. Esta renúncia para além do facto de deixar tudo para 1852 era já em si uma prova de passividade que, à parte o caso de uma crise económica, deveria bastar-nos para diagnosticar perspectivas bastante negras mesmo para 1852. Depois da abolição do sufrágio universal e da eliminação do proletariado da cena oficial, é pedir realmente muito aos partidos oficiais que contem com eles para pôrem o problema em termos que convenham ao proletariado!

Como se punha o problema em Fevereiro de 1848? Nessa data, o povo estava tão fora de causa como hoje. Ora, é impossível negar que, se o partido revolucionário começa a deixar passar, numa situação revolucionária, momentos decisivos sem fazer ouvir a sua voz, ou se intervém sem arrancar a vitória, se pode considerar com relativa certeza que está arrumado por um certo tempo⁽⁶⁰⁾. Basta-me

do bonapartismo, com o golpe de Estado final de 10 de Dezembro. Cf. ENGELS, «As Verdadeiras Razões da inactividade relativa do proletariado francês no mês de Dezembro último», em *Notes to the People*, Fevereiro de 1852, cf. MARX-ENGELS, *O Movimento operário francês*, Maspero.

⁽⁵⁹⁾ No seu artigo do *Notes to the People* de 21 de Fevereiro de 1852, escreve Engels a propósito: «A lei eleitoral? Mas ela já lhes tinha sido retirada pela lei de Maio de 1850. A liberdade de reunião? As classes mais «seguras» e «melhor intencionadas» da sociedade eram as únicas a ter essa possibilidade há já muito tempo. A liberdade de imprensa? Ora bem, a imprensa verdadeiramente proletária tinha sido afogada no sangue dos insurrectos durante a grande batalha de Junho.»

⁽⁶⁰⁾ A análise de Engels das causas da apatia do proletariado francês aquando das crises sociais de 1850 a 1852, que aparentemente apresentaram ocasiões revolucionárias que os trabalhadores parisienses não aproveitaram, permite destacar vários factores que intervêm numa acção revolucionária: antes de mais o elemento fundamental da crise social, económica ou política que então existia indubitavelmente; em seguida, a vontade do proletariado (que se pode mani-

a prova das insurreições após o Termidor e os levantamentos de 1830. Sendo assim, estes senhores que proclamam tão ruidosamente que o verdadeiro povo espera a sua ocasião arriscam-se fortemente a descerem ao nível dos Jacobinos impotentes de 1795 e 1799 e dos Republicanos de 1831 e 1839, e a cobrirem-se de ridículo.

De igual modo, é indesmentível que o restabelecimento do escrutínio secreto produziu o seu efeito sobre a burguesia, a pequena burguesia e, no fim de contas também, sobre bom número de proletários (como ressalta de todos os relatórios), o que lança uma luz estranha sobre o que se diz acerca do estado de espírito dos Parisienses, a sua coragem e a sua perspicácia. Salta aos olhos que muitos não se deram conta da estupidez da questão posta por Louis-Napoleão e não se interrogaram sobre o que garantia a exactidão da contagem dos votos. De facto, a maior parte descobriu certamente o bluff: unicamente fizeram-se crer a si mesmos que tudo ia bem, com o único fim de terem um pretexto para não se baterem ⁽⁶¹⁾.

Finalmente, temos novamente oportunidade, pela primeira vez desde há longo tempo, de mostrar que não temos necessidade nem

festar nas suas organizações económicas e políticas de classe) de intervir na crise para lhe dar um sentido revolucionário. Esta vontade está sem dúvida ligada à força e à saúde do proletariado. Ora é precisamente este último elemento que tão duramente havia sido abalado pela derrota do proletariado em Junho de 1848 que explica todo o período consecutivo do bonapartismo, «forma necessária do Estado num país em que a classe operária, muito desenvolvida nas cidades, mas numericamente inferior aos pequenos agricultores no campo, foi vencida num grande combate revolucionário pela classe dos capitalistas, a pequena burguesia e o exército. Quando em França os operários de Paris foram esmagados na luta gigantesca de Junho de 1848, a burguesia encontrou-se, também ela, completamente esgotada pela sua vitória... A característica do bonapartismo tanto em relação aos operários como aos capitalistas, é de que os impede de se baterem entre si... Tudo o que um tal regime pode trazer aos operários tal como à burguesia é repousarem da luta e que a indústria se desenvolva poderosamente [se as condições a isso se prestarem], de modo que se formem os elementos de uma nova luta, mais violenta ainda; em resumo, que tal luta rebente a partir do momento em que a necessidade de tal tempo de repouso desapareça.» (ENGELS, A Questão militar prussiana e o partido operário alemão, trad. franc.: *Écrits militaires*, p. 482-484.)

⁽⁶¹⁾ Engels faz notar aqui que as ilusões ou automistificações do proletariado que o desviam, têm uma base objectiva; se o proletariado admite que lhe impinjam um expediente tão artificioso como o das eleições para o desviar das tarefas da revolução, e se o engole (ou finge acreditar nele), é porque o proletariado está enfraquecido fisicamente também (quer em consequência de um combate sangrento, quer de um lento processo de degenerescência ou corrupção). A partir de então, numerosas crises económicas não servem como ocasião revolucionária.

Em Um capítulo inédito do «Capital» (10/18, p. 246-256), Marx mostra que a mistificação é um processo ditado pelas condições materiais de funcionamento do capital e que assenta no próprio operário. As condições ditas subjectivas são de natureza perfeitamente material e ligam-se às relações de vida e de

de popularidade nem do apoio de qualquer partido seja de que país for, visto que as nossas posições não têm absolutamente nada que ver com essas considerações degradantes (62). De agora em diante, só somos responsáveis perante nós próprios, e quando surgir o momento em que esses senhores tiverem necessidade de nós, então estaremos à altura de ditar as nossas condições. Pelo menos até lá estaremos tranquilos, em certa medida até isolados — *mon Dieu* (63), gozo há quase três meses já da solidão aqui em Manchester, e habituei-me; para além do mais, sou um verdadeiro solteirão, o que é tido por aqui como bastante aborrecido (64).

De resto, ficar-nos-ia mal, no fundo, queixarmo-nos do facto de os pequenos grandes homens nós evitarem com horror. Não procedemos nós nos últimos anos como se todo o mundo estivesse organizado no nosso partido, quando na realidade nos faltava um partido, e as pessoas que nós contávamos como sendo do nosso partido, pelo menos oficialmente — a menos que as apelidemos de *bestas incorrigíveis* —, nem sequer tinham entendido a primeira palavra da nossa doutrina.

Como poderíamos ser de um «partido», nós que fugimos dos postos oficiais como da peste? Que nos interessa um «partido», a nós que escarramos sobre a popularidade, a nós que duvidamos de nós próprios a partir do momento em que começamos a tornar-nos populares? Que nos interessa um «partido», ou seja um bando de burros que só juram por nós, porque nos têm por seus semelhantes? De facto, não seria uma perda, quando já não passássemos por ser «a expressão exacta e conforme» dessa malta limitada a que nos associaram durante todos estes últimos anos (65).

produção reais. Qualquer outra visão leva ao idealismo, que é a premissa do voluntarismo em política.

(62) Engels a Marx, 13 de Fevereiro de 1851.

A doutrina do partido não é só teoria da revolução, mas também da contra-revolução (que, nas sociedades de classes, formam um ciclo do desenvolvimento social). De facto, é somente o conjunto da vida e da produção sociais que permite não perder o fio da evolução e preparar as fases de avanço revolucionário — o que é por excelência tarefa do partido.

(63) Em francês no original. (Nota da versão francesa.)

(64) Para o verdadeiro marxista, as fases de recuo da vaga revolucionária não significam de modo nenhum um desmentido para as suas posições, nem portanto um motivo de desencorajamento ou de desmoralização. Nem sequer é uma fase de inactividade forçada — a menos que se entenda unicamente por actividade o proselitismo, a agitação ou a luta física directa.

(65) Uma das dificuldades inerentes a esta colectânea de textos sobre o partido, é ser composta por escritos ou passagens díspares, extraídos das fontes mais diversas (correspondência oficial ou privada, textos públicos ou mensagens confidenciais de partido, obras teóricas ou polémicas) e, pior ainda, destacados do seu contexto literário ou material.

Uma revolução é um fenómeno puramente natural, comandado por leis físicas, mais do que por regras que determinam em tempo ordinário o curso da sociedade, melhor, essas regras tomam nas revoluções um carácter muito mais físico, manifestando-se aí com mais violência a força material da necessidade. Ora, mal alguém se manifesta como representante de um partido é arrastado nesse turbilhão da irresistível necessidade que reina na natureza. Pelo simples facto de se manter independente e revolucionário sendo mais do que os outros dedicado à causa, é possível — por certo tempo pelo menos — preservar a autonomia em relação a esse turbilhão, para onde de qualquer modo se acaba por ser arrastado ⁽⁶⁶⁾.

Esta posição, podemos e devemos adoptá-la na primeira oportunidade: nenhuma função oficial no Estado, nem — o tempo que for possível — no partido, nenhum assento nos comités, etc., nenhuma responsabilidade para o que fazem os burros; crítica sem piedade para com toda a gente, e acima de tudo manter essa serenidade que todas as intrigas desses imbecis nos não podem fazer perder.

Nesta carta, por exemplo, Engels não explicita os factos que sustentam o seu raciocínio, já que eram perfeitamente conhecidos do seu correspondente. Do mesmo modo, não está com «rodriguinhos» e não teme que o seu correspondente generalize ou interprete aquilo que escreve de forma diferente da sua.

Só se poderia deduzir desta passagem que a partir deste período, ou durante ele, Engels haja rejeitado a ideia de pertencer a um partido. (Não escreve ele que esses senhores virão em breve fazer apelo a ele e a Marx?) Alude sem dúvida ao grosso dos inscritos do partido que segue os dirigentes sem compreender grande coisa e constitui a massa que abandona a organização no momento de refluxo, ou faz número quando das cisões. Esta categoria engrossa desmesuradamente nos partidos de massas ou nos partidos menos radicais.

⁽⁶⁶⁾ Como materialista e dialéctico, Engels admite perfeitamente que a vontade, a paixão e a consciência revolucionárias se possam manter contra a corrente geral, mas somente numa minoria que progressivamente se esbale. E mesmo, acrescenta Engels, a vontade e os indivíduos não podem aguentar-se muito tempo, sem a confirmação das suas posições pelas transformações materiais da sociedade.

Ressalta claramente dos textos de Marx que nenhuma forma de organização pode manter a influência do partido sobre as massas (e sobre os efectivos dos seus militantes) em caso de refluxo da vaga revolucionária: a consciência e a actividade revolucionárias estão ligadas à base material — se não em relação directa, pelo menos indirecta — e nenhum ardil de organização pode suprir as condições gerais desfavoráveis. No limite, a própria forma partido não pode ser garantia contra os desvios e a degenerescência do movimento operário e do seu programa revolucionário. Sobretudo na ausência de tradições e de firmeza na acção e nos princípios, sofre rapidamente o efeito da situação objectiva. Mais do que as regras de organizações (que acabam num fetichismo convencional e artificial se não são corroboradas por uma prática e um programa revolucionários), é a fidelidade ao programa histórico do comunismo

E isso, está ao nosso alcance. Podemos sempre objectivamente ser mais revolucionários que esses fala-baratos, porque nós aprendemos alguma coisa e eles não, porque sabemos o que queremos e eles não, e porque, após a experiência que adquirimos no decurso destes três últimos anos, encararemos os acontecimentos com mais calma que qualquer outro indivíduo directamente interessado no que se passa.

Por agora, o essencial é que temos a possibilidade de nos fazermos publicar, quer numa revista trimestral na qual atacaremos directamente e em que defenderemos as nossas posições perante as pessoas, quer em obras mais vastas em que poderemos fazer a mesma coisa, sem necessidade sequer de mencionar qualquer um desses hipócritas. Tanto uma como outra destas soluções me parece conveniente; ainda que me pareça que se a reacção tende a reforçar-se, a primeira eventualidade revelar-se-á menos segura a longo prazo, e a segunda constituirá cada vez mais o único recurso a que nos devemos agarrar (67).

Que restará dos mexericos e estupidezes que toda a ralé dos emigrados poderá muito bem espalhar a teu propósito quando responderes com a tua Economia?

Apercebemo-nos cada vez mais de que a emigração é uma instituição que transforma toda a gente em doidos, burros ou pulhas (68). É portanto necessário mantermo-nos afastados, e contentarmo-nos com escrever com toda a independência, rindo-nos mesmo como de uma coisa de nada do pretenso partido revolucionário. É um verdadeiro alfobre de escândalos e de baixezas no qual o

que, dentro dos limites traçados por Engels, se mantém no fim de contas como a simples e única «garantia».

(67) Todo o conteúdo desta carta implica uma previsão do curso da história. Com efeito as directrizes que Engels propõe para a acção para todo o período que se segue à revolução de 1848-1849, no que respeita às questões essencialmente práticas, decorrem de uma visão determinada do futuro económico e político da sociedade.

Conforme a ideia que se tem do tempo de que se dispõe, assim se fixam tarefas diferentes. Um erro de apreciação arrasta portanto a fixação de tarefas erradas. Neste sentido já, a previsão é o fundamento da acção revolucionária, e para o partido a condição sine qua non da sua faculdade de dirigir as forças revolucionárias e as massas.

Se Engels condena com violência os refugiados políticos que, a despeito das condições gerais profundamente desfavoráveis, continuam a lançar palavras de ordem de subversão, a urdir maquinações políticas e a preparar golpes de mão revolucionários, isso não se explica pelo facto do marxismo condenar o proselitismo, a violência, os golpes de mão arrojados, a subversão de grupos forçosamente limitados. Em certos momentos, não são mais do que substitutos da acção que o período histórico exige imperiosamente e são o meio mais seguro de desviar a acção revolucionária e de desmoralizar as poucas forças disponíveis.

(68) Engels a Marx, 12 de Fevereiro de 1851.

primeiro asno que apareça se faz passar pelo salvador da pátria. De qualquer modo, trataremos da saúde a esse pequeno angariador de popularidade — Louis Blanc — logo que tenhamos de novo um órgão de imprensa.

Nós, em troca, temos a satisfação de nos termos desembaraçado de toda a ralé dos refugiados londrinos, fortes de garganta, confusos e impotentes, e podemos finalmente trabalhar de novo sem sermos incomodados (69). As baixezas sem conta da vida privada dessa canalha podem deixar-nos indiferentes. Eramos sempre superiores a essa gente, e dominámo-los de cada vez que se tratava de um movimento sério. Mas depois de 1848 a prática ensinou-nos um montão de coisas, e utilizámos devidamente a calma que se instaurou depois de 1850 para nos pormos a trabalhar como mouros.

Quando o movimento se erguer de novo, teremos uma vantagem ainda maior sobre eles que da primeira vez, e isto em domínios com que nem sequer sonham. E abstraindo mesmo de tudo isso, temos sobre eles a enorme vantagem de serem todos caçadores de bons lugares e nós não. Não se compreende que após todas as experiências que fizemos possa haver ainda burros, cuja ambição suprema é, logo no dia seguinte à primeira insurreição vitoriosa (aquilo a que chamam uma revolução), entrar em qualquer governo para serem calcados aos pés e atirados para a rua no mês seguinte, depois de se terem coberto de vergonha, como Louis Blanc e Flocon em 1848! E para dar consistência ao todo, um governo Schapper-Gebert-Meyen-Haude-Willich! Mas estes pobres diabos nunca terão essa satisfação: encontrar-se-ão de novo na cauda do movimento, e estes intrrometidos não farão mais do que semear um pouco de confusão nas pequenas cidades e entre os camponeses.

Trabalhos de exilados

Durante muitos anos, uma das minhas ocupações principais foi o estudo das ciências militares: o êxito que pôde ter um dos meus artigos sobre a campanha da Hungria (70), publicado na época na imprensa alemã, reforça a minha certeza de não ter perdido

(69) Depois de 1849, aqueles que tinham maior tendência para continuar a agitação, mesmo na ausência de crise mais ou menos grave ou de movimento social real, eram evidentemente os refugiados políticos democratas burgueses, que mais falharam no cumprimento da sua tarefa durante a própria revolução.

Não é portanto aos refugiados políticos em geral que Marx e Engels negavam a possibilidade de fazerem obra útil — não faziam eles próprios parte do lote?

(70) Cf. Engels ao director do Daily News, H. J. Lincoln, 30 de Março de 1854.

o meu tempo ao trabalhar essas questões. Familiarizei-me mais ou menos com a maior parte das línguas europeias, incluindo o russo, o sérvio e mesmo, em certa medida, o romeno. É o que me permite tomar conhecimento das fontes de informação mais seguras, e talvez lhe pudesse também ser útil noutros domínios. Os meus artigos por si mesmos indicarão naturalmente em que medida sou capaz de escrever em inglês de forma corrente e correcta (71).

O que me escreves a propósito de Jones dá-me grande prazer — mas, neste momento, tenho muito pouco tempo, senão enviar-lhe-ia um maior número de artigos (72). Mas Charles Roesgen não regressou ainda à Alemanha, e depois, enviar-lhe regularmente — a ele ou a Weydemeyer — um artigo por semana, quando faço já um para a Tribune, sem falar do relatório semanal sobre o andamento da empresa que tenho de fazer ao meu «velho», é demais para alguém que labuta todo o dia no seu escritório. Além do mais, é preciso que acabe com as minhas histórias eslavas (73). Não fiz qualquer progresso

Engels alude aos artigos «O Jornal de Colónia e a luta dos Magiares», «A Guerra na Itália e na Hungria», «Hungria», assim como aos diversos estudos sobre os acontecimentos militares da Hungria surgidos em A Nova Gazeta renana de Fevereiro a Maio de 1849. Cf. *Œcrits militaires*, p. 225-242.

(71) Por seu lado, Marx aprenderá o espanhol (só mais tarde o russo) a fim de seguir os acontecimentos revolucionários que se desenrolam em 1853 na península Ibérica. Lançar-se-á essencialmente nos estudos económicos, nomeadamente a renda fundiária e a produção agrícola em geral que explicam a atitude das massas humanas dos campos e dos países pré-capitalistas.

Contudo será principalmente aos seus trabalhos teóricos que Marx se dedicará. A propósito destes, afirmará:

«No que a mim respeita, não é sobre mim que recai o mérito de ter descoberto nem a existência das classes na sociedade moderna, nem a luta entre elas. Muito antes de mim, historiadores burgueses descreveram o desenvolvimento histórico dessa luta das classes, e economistas burgueses apresentaram a respectiva anatomia económica.

O que eu fiz de novo, foi: 1. demonstrar que a existência das classes não está ligada senão a fases determinadas do desenvolvimento histórico da produção; 2. que a luta das classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; que essa ditadura não constitui mais do que uma transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes.» (Marx a Joseph Weydemeyer, 5 de Março de 1852.)

(72) Cf. Engels a Marx, 8 de Março de 1852.

(73) Nesta carta, Engels dá uma amostra significativa dos seus trabalhos de «touceira», em período de refluxo revolucionário; estes «estudos» têm um carácter perfeitamente prático para a preparação do próximo assalto revolucionário.

Foi aprendendo uma quinzena de línguas que Engels se pôde tornar conselheiro de todos os partidos operários europeus, de que conhecia não só a imprensa local, mas muitas vezes as condições históricas, económicas, diplomáticas e políticas próprias.

Engels aprendeu as línguas eslavas entre 1851 e 1854 (o russo, o sérvio,

desde há um ano dado que trabalhei como dilettante. Ora, já que comecei e estou demasiado avançado para deixar tudo de lado, é necessário finalmente que me agarre a isso regularmente durante um certo tempo. De há quinze dias para cá, esbulhei seriamente o russo e estou agora quase ao nível em gramática: dois ou três meses de trabalho fornecer-me-ão o vocabulário necessário, e poderei então fazer com isso alguma coisa. É preciso que acabe este ano com as línguas eslavas que, no fundo, não são tão difíceis como isso.

Para além do interesse linguístico que este trabalho apresenta para mim, sou guiado por esta consideração: que, no próximo grande conflito entre Estados, um de nós pelo menos conheça as línguas, a história, a literatura e os detalhes das instituições sociais das nações precisamente com as quais nos encontraremos imediatamente em conflito. De facto Bakounine só se tornou uma personagem porque ninguém sabia russo. Ora, a velha trapaça dos pan-eslavistas, a saber, apresentar como comunista a velha propriedade fundiária eslava fazendo-nos crer que o camponês russo é um comunista nato, tem todas as hipóteses de fazer o seu efeito ainda durante muito tempo.

De resto Jones tem razão — agora que o velho O'Connor perdeu definitivamente o Norte — em se empregar aí a fundo. Neste momento, tem a sorte por seu lado; e por muita atenção que o cidadão Hip Hip Hurra (Harney) preste ao movimento, aquele está seguro do seu êxito.

Acabámos de fundar uma nova secção local cartista em Londres (74). Estes Ingleses manejam as formas democráticas com muito menos escrúpulos que nós, bons e tímidos Alemães. Eramos treze e decidiu-se imediatamente eleger um conselho com os membros presentes. Nesta altura, cada um propôs um dos membros presentes, e como, naturalmente, declinei a proposta, elegeu-se em meu lugar um camarada ausente, e em menos de cinco minutos todas estas pessoas particulares se tinham transformado num comité oficial, em que cada um se encontrava efectivamente eleito. Tudo isto foi feito muito a sério, como qualquer coisa de natural. Veremos em breve o que lhe irá acontecer. Boa sorte, entretanto.

o eslovenico e o checo) e pretendeu mesmo escrever uma gramática comparada das línguas eslavas. Ao mesmo tempo que aprendia estas línguas, estudava a história e a civilização desses povos. Por exemplo, Engels aprendeu a língua russa como autodidacta até à Primavera de 1852, depois teve lições de conversação com um emigrado russo — Pindar —, familiarizou-se com a gramática e dispôs-se a ler os clássicos da literatura russa no original.

(74) Cf. Engels a Marx, 12 de Fevereiro de 1851.

Desagregação do partido cartista

Por tudo o que vejo, os cartistas estão tão completamente desorganizados e desorientados, e sofrem ao mesmo tempo de uma tal falta de gente utilizável, que irão ou desagregar-se inteiramente e decompor-se em facções, por outras palavras tornar-se inevitavelmente na prática simples caudatários dos *Financial Reformers*, ou então reconstruir-se numa base totalmente nova por um tipo de valor (75). Jones está absolutamente no bom caminho, e podemos dizer, claro, que nunca por aí teria ido sem a nossa doutrina, tal como nunca teria descoberto como — por um lado — é necessário não só conservar, como ainda aprofundar a única base de reconstrução possível do partido cartista, a saber o ódio instintivo de classe dos operários contra os burgueses industriais fazendo disso a própria base da propáganda de formação teórica, e — por outro lado — ser apesar de tudo progressivo opondo-se às veleidades reaccionárias dos operários e aos seus preconceitos.

Jones desempenha um papel muito tolo. Sabes que, sem outra intenção declarada que não fosse encontrar na nossa época muito amorfa um pretexto para a agitação, tinha, muito antes da crise, organizado uma conferência cartista, para a qual deviam ser também convidados radicais burgueses (não só Bright, como ainda personagens tais como Cunningham) (76). Devia-se, em suma, concluir com os burgueses um

(75) Cf. Engels a Marx, 18 de Março de 1852.

Engels traça, nesta passagem, as grandes linhas da acção a empreender para manter a influência do partido sobre as massas operárias num país de capitalismo desenvolvido onde, após uma derrota, as organizações operárias não foram destruídas e reduzidas ao silêncio.

Parece, contudo, que de modo geral os efeitos de uma grande derrota do proletariado numa revolução se fazem sentir irremediavelmente sobre todos os países, mesmo sobre aqueles que não foram tocados directamente por ela.

(76) Cf. Marx a Engels, 24 de Novembro de 1857.

Marx traça aqui os limites da reivindicação democrática da carta: ao fazer do sufrágio universal o objectivo da sua acção, Jones é levado a aliar-se com a burguesia, julgando relançar um movimento de massas, mas arruinando na realidade o partido cartista. Marx rompe imediatamente as suas ligações pessoais com Jones.

A impaciência de agir, quando as condições da acção não existem, é muito frequentemente o primeiro passo que leva à perda:

«Tomar-se-ia talvez por um paradoxo a afirmação que consistiria em dizer que o retrato psicológico do oportunismo é a sua **INCAPACIDADE PARA ESPERAR**. É no entanto assim. Nos períodos em que as forças sociais aliadas e adversárias, tanto pelo seu antagonismo como pelas suas reacções mútuas levam, em política, a uma paz podre; quando o trabalho molecular do desenvolvimento económico, reforçando mais as contradições, em lugar de quebrar o equilíbrio **POLITICO**, parece antes consolidá-lo provisoriamente e assegurar-lhe uma espécie de perenidade — o oportunismo, devorado de impaciência, procura à sua volta

compromisso concedendo-lhes o voto no boletim secreto, se concedessem aos operários o sufrágio universal para os adultos do sexo masculino. Esta proposta provocou cisões no partido cartista que, por sua vez, empurraram Jones mais para a frente no seu projecto. Ora, em lugar de aproveitar essa crise para substituir um pretexto mal escolhido de agitação por uma agitação verdadeira, agarra-se ao seu projecto absurdo, choca os operários ao pregar-lhes a colaboração com os burgueses, não obstante não inspirar qualquer confiança a estes últimos. Alguns dos jornais radicais adulam-no para o arruinarem completamente. No seu próprio jornal o velho burro do Frost, de quem, à força de discursos exaltantes, fez um herói e a quem nomeou presidente da sua conferência, tomou posição contra ele numa carta de uma grosseria espantosa, onde escreve entre outras coisas: se julga necessária a colaboração da burguesia — sem a qual além do mais não há nada a fazer — tem de agir de boa fé; quem lhe deu o direito de estabelecer o programa da conferência sem o concurso dos aliados? Com que direito nomeou Frost presidente, quando ele próprio faz de ditador, etc.? Ei-lo agora numa boa enrascada e, pela primeira vez, tem um papel não só de tolo, como duplo.

Há muito tempo que não o vejo, mas vou-lhe fazer agora uma visita. Ora, como uma personagem pública não pode, em Inglaterra, tornar-se impossível por disparates, etc., trata-se muito simplesmente para ele de sair da ratoeira que ele próprio se armou.

É preciso que comece por criar um partido e para o fazer tem de ir aos distritos industriais. Depois disso, serão os burgueses que virão ter com ele para lhe proporem compromissos. Adeus.

De resto, parece-me que a última manobra de Jones se apresenta com as tentativas de antanho para realizar uma tal aliança [com a burguesia], mas tudo isto é determinado pelo facto de o proletariado inglês estar emburguesado a ponto de a mais burguesa de todas as nações querer finalmente acabar por possuir uma aristocracia (rural) burguesa e um proletariado burguês ao lado da burguesia (77). Isto explica-se além do mais de certa maneira para uma nação que explora o mundo inteiro (78). Só alguns anos profunda-

'novas' vias, 'novos' meios para realizar. Esgota-se em lamentos sobre a insuficiência e a incerteza das suas próprias forças ao mesmo tempo que procura 'aliados'.» (TROTSKY, 1905.)

(77) Cf. Marx e Engels, 8 de Outubro de 1858.

(78) A exploração dos proletários pelo capital acrescenta-se toda a espécie de outras explorações, e a menos importante não é a de uma nação por outra. Nos Fundamentos de 1859, Marx consagra todo um capítulo ao problema seguinte:

mente maus podem remediar isso, e parece que não estão ao alcance da mão desde as descobertas de ouro. É necessário, no entanto, observar que não domino ainda claramente o mecanismo graças ao qual a burguesia conseguiu reabsorver a sobreprodução maciça que tinha originado a crise: ainda se não viu refluxo tão rápido após tempestade tão violenta.

Acabo de cortar com Ernest Jones⁽⁷⁹⁾. Apesar dos meus repetidos avisos, e se bem que eu lhe tenha predito exactamente o que aconteceu — que se desacreditaria a si próprio e desorganizaria o partido cartista —, embarcou em tentativas de compromisso com os radicais burgueses. É agora um homem arruinado⁽⁸⁰⁾, mas o prejuízo que causou ao proletariado é extraordinário. A brecha será naturalmente reparada de novo, mas perdeu-se um momento muito favorável para a acção. Imagina um exército cujo general passa para o campo adversário na véspera da batalha⁽⁸¹⁾.

Que os destinos se cumpram: a agitação na Alemanha

O segundo objectivo da missão de Levy era dar-me notícias sobre a situação operária na Renânia⁽⁸²⁾. Os operários de Dusseldorf continuam em contacto com os de Colónia, donde todos os homem-

«Duas nações podem proceder entre si a trocas segundo a lei do lucro, de tal modo que ganham nisso ambas, ainda que uma explore e roube constantemente a outra.» (T. II, p. 426-436.)

⁽⁷⁹⁾ Marx a Joseph Weydemeyer, em Fevereiro de 1859.

⁽⁸⁰⁾ Em inglês no original.

⁽⁸¹⁾ Claro que Marx explica o fracasso de Jones por razões materiais: «A única desculpa de Jones é a moleza e a apatia de que a classe operária de Inglaterra dá mostras neste momento. De qualquer modo, se continuar pelo mesmo caminho, será logrado pela burguesia ou renegado.» (Marx a Engels, 16 de Janeiro de 1858.)

Entre as causas objectivas que levaram a que a grave crise económica e social de 1858 tenha passado sem intervenção do proletariado inglês, Marx faz figurar o factor de vontade e de consciência do partido que intervem no decurso da evolução. Ora, este factor não é somente o resultado da relação de forças geral entre burguesia e proletariado, ditado em grande parte pelas condições económicas cíclicas, mas ainda o produto de toda a evolução política anterior, pouco brilhante em Inglaterra desde o fracasso do cartismo em 1848. Todos estes azares sucessivos explicam, em última instância, que o factor consciente e voluntário do partido tenha ele próprio sido tão fraco, dependendo aparentemente de um punhado de indivíduos, até mesmo de Jones.

⁽⁸²⁾ Cf. Marx a Engels, 5 de Março de 1856.

Os operários de Dusseldorf tinham mandado Levy ter com Marx em Londres,

zinhos» desapareceram. O essencial da propaganda efectua-se agora entre os operários industriais de Solingen, Iserlohn e da região circundante, Elberfeld e da Vestefália. Nas regiões de metalurgia, os rapazes querem a toda a força desencadear uma acção: a única coisa que os retém é a perspectiva de uma revolução em França e o facto de «os camaradas de Londres não terem chegado ainda o momento». Se a situação perdura sem melhorar, será difícil, segundo Levy, impedir um motim. Em todo o caso seria uma insurreiçào parisiense que daria o sinal. Esta gente crê firmemente que, logo no primeiro momento, nós e os nossos amigos nos apressaremos a ir juntar-nos a eles. Sentem naturalmente a necessidade de chefes políticos e militares⁽⁸³⁾. Não se lhes pode querer mal por isso. Mas tenho medo que com os seus planos perfeitamente quiméricos tenham tempo para se fazerem derrotar completamente antes mesmo que nos seja possível deixar a Inglaterra.

Temos a obrigação, em todo o caso, de lhes expor com clareza, do ponto de vista militar, o que é de fazer e o que não é. Declarei evidentemente que se as circunstâncias o permitissem, nos juntaríamos aos operários renanos; que qualquer motim feito só por eles, sem que Paris, Viena ou Berlim tenham tomado a iniciativa, seria uma estupidez; que no caso de Paris ter dado o sinal, seria bom arriscar o golpe, dado que nessas condições mesmo a derrota e as suas consequências desagradáveis não poderiam deixar de ser momentâneas; que com os meus amigos me consagraria com seriedade a determinar o que se poderia fazer na Renânia a partir de uma acção directamente operária; finalmente, convidel-os a enviarem-nos dentro de algum tempo uma nova delegação a Londres, mas a nada empreenderem sem se põem de acordo previamente connosco⁽⁸⁴⁾.

para denunciar as manobras de Lassalle («utilizando o partido para fins privados») e dar-lhe conta da situação.

⁽⁸³⁾ Marx e Engels aliarão sempre as tarefas de direcção política às da direcção militar, juntando-se as duas, em última análise, na actividade revolucionária. Assim, presentindo uma crise, Engels escrevia a Marx em 15 de Novembro de 1857: «Constato a partir deste momento que a crise me faz fisicamente tanto bem como um banho de mar. Em 1848, dizíamos, o nosso tempo chega agora, e assim aconteceu em certa medida. Mas, desta vez, chega completo: o «bolo» agora é a própria cabeça. Os meus Estudos militares tornam-se perfeitamente práticos. Afiro-me outra vez à análise da organização e dos elementos de tática dos exércitos prussiano, austriaco, bávaro e francês.» Em 1871, Engels não pôde aceitar a oferta de dirigir as forças armadas da Comuna, pela razão idiota, mas peremptória, de que à primeira derrota seria suspeito de ser um agente prussiano: ora, «nenhum general pode garantir ganhar todos as batalhas no caminho da vitória». Cf. ENGELS, *Études militaires*, em preparação nas edições Maspero.

⁽⁸⁴⁾ Este episódio é particularmente significativo da concepção geral da

Os curtidores de Elberfeld — ou de Barmen? — têm na hora que passa uma disposição de espírito perfeitamente revolucionária, quando em 1848 e 1849 eram perfeitamente reaccionários. Levy assegurou-me que os operários do vale do Wupper te consideravam pessoalmente como o «seu» homem. Nas margens do Reno, parece ser crença geral que uma revolução está quase a rebentar em França, e os próprios burgueses dizem que, desta vez, correrá de forma diferente de 1848. Desta vez, haverá homens como Robespierre, etc., em lugar de fala-baratos como em 1848. Em todo o caso, a consideração de que gozava a democracia nas margens do Reno, baixou bastante. Adeus.

É uma coisa bastante boa o nosso partido poder, desta vez, manifestar-se sob auspícios perfeitamente diferentes ⁽⁸⁵⁾. Todos os disparates «socialistas» que fomos obrigados a defender em 1848 ainda em relação a puros democratas e republicanos da Alemanha do Sul, os disparates de Louis Blanc, etc., nós eramos obrigados a reivindicar quanto mais não fosse para encontrar na confusa situação alemã um ponto que permitisse encaixar as nossas concepções — tudo isso é agora reclamado pelos nossos adversários, os Senhores Ruge, Heinzen, Kinkel e consortes.

Os preliminares da revolução proletária, as medidas que nos preparam o campo de batalha e varrem a cena política — a república una e indivisível, etc., reivindicações que nós tínhamos de afirmar outrora contra pessoas cuja vocação normal seria realizá-las, ou pelo menos exigí-las —, tudo isso está agora consagrado ⁽⁸⁶⁾, e

revolução e da contra-revolução e do papel do partido de Marx-Engels. A revolução só pode rebentar com hipóteses sérias de ser outra coisa que uma simples revolta, um putsch até, num certo ciclo do desenvolvimento económico e social no qual a própria fase contra-revolucionária é um elemento necessário. A revolução só se pode realizar se a economia tiver desenvolvido ao máximo as contradições entre a apropriação privada e a produção social do período histórico em questão. É necessário portanto que os «destinos se cumpram».

As épocas de contra-revolução correspondem tarefas bem determinadas para o partido, e pode acontecer que o activismo ou uma tentativa de revolução seja então nociva. Com efeito, o partido deve dirigir a actividade da vanguarda (e das massas, se possível) em cada momento, e nos períodos de refluxo defendendo o trabalho em profundidade e não a agitação.

Se em 1848, Marx havia aplaudido a iniciativa de um golpe de mão na Renânia, já não o podia fazer em 1856.

⁽⁸⁵⁾ Cf. Engels a Joseph Weydemeyer, 12 de Abril de 1853.

⁽⁸⁶⁾ Engels está, naturalmente, optimista. Na realidade, a burguesia, a fim de prolongar o seu reinado, esquivando-se à luta frontal entre proletariado e burguesia, tende sem cessar a travar a marcha da história, e mesmo a instauração das suas próprias condições plenas de dominação. Em 1863 ainda, Engels escreverá: «No caso extremo em que, por medo dos operários, a burguesia se refugiasse no colo da reacção, fazendo apelo à força dos seus inimigos

esses senhores aprenderam-no. Desta vez, começaremos imediatamente com o Manifesto, graças também nomeadamente ao processo de Colónia no qual o comunismo alemão (particularmente na pessoa de Rôser) passou com êxito no seu exame de fim dos estudos secundários.

Tudo isto respeita apenas à teoria. Na prática seremos levados a louvar e a utilizar medidas radicais sem nos deixarmos travar por qualquer consideração teórica. E é mesmo aqui que está o mal, pois tenho muito medo que o nosso partido, em virtude da indecisão e da moleza de todos os outros, seja um belo dia forçado a uma função governamental, a fim de executar finalmente apesar de tudo as tarefas que não são directamente nossas⁽⁸⁷⁾, mas são revolucionárias para o conjunto da história e correspondem aos interesses especificamente pequeno-burgueses. Ora, nessa ocasião, ser-se-ia obrigado pelo povo proletário, pelas suas próprias reivindicações e planos interpretados mais ou menos falsamente, sob o impulso de uma luta de partido mais ou menos apaixonada, a tentar dar saltos procedendo a experiências comunistas, de que sabemos melhor que ninguém não ter chegado ainda a hora própria. Ao fazer isto perde-se a cabeça — e é de esperar que seja só fisicamente falando —, depois surge a reacção, e até que o mundo esteja capaz de fazer o julgamento histórico sobre tais acontecimentos, não se é considerado mais do que um animal enraivecido (com o que nos estamos marimbando), e pior ainda como animal muito simplesmente, o que é bastante mais grave⁽⁸⁸⁾. Espero que não chegaremos a isso.

para se proteger dos trabalhadores, mais não restaria ao partido operário do que prosseguir, a despeito dos burgueses, a agitação, traída por eles, em favor das liberdades burguesas, de imprensa, do direito de associação e de reunião. Sem essas liberdades, ele próprio não pode ter liberdade de acção; luta pelo seu elemento vital, pelo ar de que necessita para respirar. É evidente que, em todas estas hipóteses, o partido operário não intervirá como simples apêndice da burguesia, mas como partido independente, absolutamente distinto dela.» (A Questão militar prussiana e o Partido operário alemão, trad. franc.: écrits militaires, p. 490.)

⁽⁸⁷⁾ Engels retoma neste ponto a conclusão tirada por Marx da experiência revolucionária do proletariado francês: «Se então o proletariado derrubar o poder político da burguesia, a sua vitória será apenas passageira, um simples moço de fretes ao serviço da própria revolução burguesa, tal como em 1794; e acontecerá sempre assim enquanto, no decurso da história e do movimento, não estejam produzidas as condições materiais que tornam necessárias o derrubamento do modo de produção burguês, e, portanto, a queda definitiva do poder político da burguesia.»

⁽⁸⁸⁾ Quando declara que vale mais perder a cabeça fisicamente do que perder a justa visão programática, ou que vale mais ser tomado por animal enraivecido do que por animal simplesmente, Engels considera que é mais grave ser apanhado em falta no programa do que ser vencido fisicamente na

Se um país atrasado como a Alemanha, dispendo de um partido avançado, se encontra arrastado para uma revolução ao lado de um país avançado como a França, acontecerá forçosamente, ao primeiro conflito sério e logo que apareça um perigo real, que o partido avançado ocupará o poder. Ora, isto seria antes da sua hora normal. No entanto tudo isto é uma salada, e o melhor é que na previsão de um tal caso tenhamos já antecipadamente motivado a sua reabilitação na história pela teoria ao nível da literatura do nosso partido.

De resto, será com muito mais dignidade do que da vez precedente que apareceremos em cena. Primeiramente, no que respeita às pessoas, desembaraçamo-nos felizmente de todas as velhas inutilidades: Schapper, Willich e quejandos; segundo, reforçamo-nos relativamente; terceiro, podemos contar com novos recrutas na Alemanha (se para mais não serviu, pelo menos garantiu-nos isso, o processo de Colónia⁽⁸⁹⁾), e finalmente todos fizemos render o tempo passado no exílio. Há naturalmente também entre nós pessoas que partem do princípio: para que serve rebentarmos de trabalho, para isso temos o pai Marx, cuja tarefa é tudo saber. Todavia, em geral, o partido Marx trabalha bastante bem, e se tivermos em consideração os outros burros da emigração que se deleitam com palavras bombásticas e, à força de discursos contraditórios, se encontram eles próprios na maior confusão, é claro que a superioridade do nosso partido aumentou tanto de forma absoluta como relativa. Mas temos grande necessidade dela, pois a tarefa será árdua.

luta de classes. Por outras palavras: uma derrota progressiva acompanhada de um adoçamento do programa que lança a confusão sobre o objectivo e o sentido do comunismo é pior do que uma derrota sangrenta no terreno de classe, reivindicando bem alto os princípios (Comuna de Paris, por exemplo).

Deste modo Rosa Luxemburgo escrevia, a propósito das consequências da falsificação dos princípios que arrastou os proletários para a carnificina da guerra imperialista em nome do socialismo e da defesa da pátria: «A flor do movimento operário, a força juvenil de centenas de milhar de homens, cuja formação socialista em Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Rússia era o produto de decénios de trabalho de educação e de agitação, é ceifada e apodrece miseravelmente nos campos de batalha. Morre sem esperança nas trevas em que não luz a esperança, teórica ou sentimental, do verdadeiro socialismo.» (Brochura de Junius, 1915).

(89) As tarefas de partido às quais Marx — mais que qualquer outro socialista — foi mais sensível, ainda que fossem as mais ingratas e mais absorventes, foram o socorro aos refugiados políticos, assim como a preparação dos processos e a defesa dos acusados nos processos políticos. De resto, as suas próprias defesas são um modelo clássico inultrapassável. Cf. S. CZOBEL e C. CAHN, Karl Marx as Labor Defender, 1848-1871, Nova Iorque, 1933.

O «Partido Marx»

Pedi às pessoas daqui que trouxessem a sua contribuição: julgo que Dronke e Pieper já vos enviaram alguma coisa ⁽⁹⁰⁾. Falarei com Jones. No conjunto é-nos difícil fazer qualquer coisa. Eu próprio estou esgotado. Os outros estão desgostosos com as experiências precedentes. Wolff tem condições de vida miseráveis. Eccarius exerce a sua profissão de alfaiate das 5 horas da manhã às 8 horas da noite, e sofre de uma doença pulmonar muito grave. Quando não está entregue ao seu trabalho de escritório, Engels está inteiramente absorvido pelos seus estudos: não está ainda perfeitamente recomposto dos aborrecimentos que lhe causou a imprensa americana.

O nosso partido é muito pobre. Vou-me dirigir também ao ex-tenente Staffen que interveio no processo de Colónia como testemunha de defesa e que ocupa actualmente um lugar de professor primário na região de Londres. É ele que tem mais tempo livre e é muito zeloso. Pieper não terminou ainda o artigo que lhe tinhas pedido: é o que explica que até hoje não o tenhas recebido.

⁽⁹⁰⁾ Cf. Marx a Adolf Cluss, 17 de Abril de 1853.

Escreveram-se toda a espécie de coisas sobre o «partido Marx», o pequeno grupo de fiéis que continuaram em contacto com Marx-Engels após o refluxo da vaga revolucionária de 1849. Ora esta situação não tem nada de particular ou de pessoal. Voltou a acontecer aquando do afundamento da II Internacional, depois da traição dos seus chefes no momento da declaração da guerra de 1914. Nesse momento, Lenine, por exemplo, não pôde reunir mais de sete assinaturas para o seu manifesto sobre as Tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia; foi necessário esperar por 1970, para encontrar uma reimpressão dos importantes artigos de Lenine e de Zinoviev na antologia intitulada de forma significativa *Contra a corrente* (Maspero, 2 volumes). Escreveu-se ainda menos, evidentemente, sobre os comunistas que se mantiveram fiéis às posições marxistas revolucionárias da II Internacional após a degenerescência do movimento ligado a Moscovo, nomeadamente a esquerda comunista italiana dirigida por Bordiga.

Mas há mais: Marx teorizou esta situação de isolamento após o fracasso do movimento revolucionário geral na carta a Freiligrath que reproduzimos adiante, distinguindo entre partido formal e partido histórico, sendo um o partido programático e o outro o partido de acção organizado. Para evitar qualquer equívoco, notemos que o próprio partido programático não é um partido abstracto podendo, por exemplo, reduzir-se a uma espécie de biblioteca onde estariam depositadas todas as obras fundamentais do socialismo. Ele próprio está vivo e assegura uma continuidade essencial à actividade de um grupo de militantes, e não de eruditos: cf. «En mémoire d'Amadeo Bordiga», *Fil du temps*, Novembro de 1970, n.º 7, p. 1-15. Os próprios Marx-Engels insistirão sobre a importância fundamental do mantimento de uma rede de alguns militantes dispersos pela maior parte dos países civilizados do mundo. Não se poderia relacionar com o programa original sem uma ligação viva com ele e uma análise dos acontecimentos, dos partidos e grupos do período de refluxo a partir das posições revolucionárias ortodoxas: o renascimento não se pode efectuar espontaneamente.

O partido anda com azar há algum tempo ⁽⁹¹⁾. Steffen perdeu o seu lugar em Brighton, pois o director da escola em que trabalhava abriu falência. Põe-se mesmo a questão de se receberá o salário que lhe devem. Pieper perdeu o seu lugar de correspondente, pois o Sr. Pierce abriu igualmente falência e os seus jornais já não têm dinheiro para os correspondentes estrangeiros. Mac Gowan, Impressor e comanditário de Jones, morreu de cólera: é um duro golpe para Jones. Isto não é nada divertido!

Não conheço todos os pormenores da história de Imandt. Pesquisas mais vastas não fariam mais do que fazer surgir uma merda ainda maior. Mas de hoje em diante corto a conversa mal me falem de qualquer coisa que esteja ligada à pessoa de Dronke. De Dronke nem vale a pena falar.

Dronke — aqui para nós, por falta de estímulo «intelectual», passa o tempo a fazer um inquérito sobre «Steffen» a quem faz dizer toda a espécie de coisas nas suas cartas a Imandt a fim de estabelecer que é politicamente «suspeito». Não tive qualquer dificuldade em demonstrar a Imandt o absurdo de todas as lucubrações de Dronke. Tudo isso é absurdo ⁽⁹²⁾. Considero Steffen como uma excelente aquisição para o nosso partido. Tem carácter e conhecimentos. Tem ideias muito originais em geografia comparada, de que fez a sua especialidade. Infelizmente deixou em Colónia o manuscrito no qual havia concretizado o seu trabalho.

Que faz Wolff? Miquel não veio cá como havia mostrado tenções ⁽⁹³⁾: teve em Paris dois acessos de cólera...

⁽⁹¹⁾ Cf. Marx a Engels, 13 de Setembro de 1853.

Estando o partido reduzido a um punhado de indivíduos, é inevitável que as questões pessoais — «as misérias da vida privada burguesa» — venham interferir nas questões de partido. De resto, Marx e Engels organizaram toda a sua vida privada em função do melhor trabalho possível para o partido, sem nunca dependerem financeiramente dos cofres da organização transformando-se em funcionários do partido.

«Vivo aqui muito isolado, dado que salvo Freiligrath todos os meus amigos deixaram Londres. De resto não desejo ter visitas... Sou forçado a trabalhar de dia para ganhar a vida. Resta-me apenas a noite para os meus trabalhos verdadeiros, e é aí que a minha má saúde tem maior incidência.» (Marx a Lassalle, 21 de Dezembro de 1857.)

⁽⁹²⁾ Cf. Marx a Engels, 2 de Setembro de 1854.

⁽⁹³⁾ Miquel, antigo membro da Liga dos comunistas, tornou-se mais tarde ministro de Bismarck. Todavia, manteve-se sempre ligado a Marx e fez-lhe chegar confidencialmente informações políticas: em Julho-Agosto de 1851, informou Marx do efeito da prisão dos comunistas nos democratas alemães; por intermédio de Kugelmann preveniu de seguida Marx de que se fizesse uma viagem à Alemanha, seria preso (15/4/1871), finalmente é a Miquel que Marx alude quando

Se pudesse viver à vontade ou pelo menos sem preocupações, rir-me-ia de todas as essas baixas estupidezes⁽⁹⁴⁾. Mas que essa merda burguesa venha ainda, ano após ano acrescentar-se aos meus problemas domésticos, é um pouco forte. Tenho a intenção, na primeira oportunidade, de declarar publicamente que não estou ligado a nenhum partido. Não quero que, sob o pretexto de assuntos do partido, qualquer imbecil se possa permitir insultar-me.

Devo dizer-te antes de mais que, desde 1851, não tenho a menor relação com nenhuma das sociedades operárias públicas (mesmo com aquelas a que chamam comunistas⁽⁹⁵⁾). Os únicos operários com que me encontro são vinte a trinta homens seleccionados aos quais faço em privado exposições de economia política. Ora, Liebknecht é presidente da Sociedade operária com a ajuda da qual Biskamp fundou o jornal *Das Volk*⁽⁹⁶⁾.

escreve: «Em 11 de Maio, dez dias antes da catástrofe [a queda da Comuna], enviei pelo mesmo canal todos os detalhes do acordo secreto entre Bismarck e Favre em Francfort. A informação tinha-me sido transmitida por um colaborador directo de Bismarck que pertenceu outrora a uma sociedade secreta (1848-1852) que eu dirigia. Esse homem sabe que guardo ainda todos os relatórios que me mandou da Alemanha sobre a situação desse país, de modo que depende da minha discreção.» (Marx a E. S. Beesly, 12/6/1871, in *La Commune de 1871*, 10/18, p. 133.)

⁽⁹⁴⁾ Marx a Engels, 8 de Outubro de 1853.

⁽⁹⁵⁾ Cf. Marx a Ferdinand Lassalle, 6 de Novembro de 1859.

⁽⁹⁶⁾ Mesmo durante o período em que Marx-Engels já não pertenciam formalmente a nenhuma organização, não diminuíram a sua actividade. No entanto, como é necessário ter em conta a relação de forças existente, ou seja dos elementos de que se dispõe, e que estes estão reduzidos ao mínimo, a actividade que se pode e deve desenvolver por qualquer preço, é a clarificação teórica, a análise objectiva da situação e das forças em movimento, a ligação internacional e a propaganda escrita, quando não oral. Marx-Engels consagraram o essencial das suas forças, durante este período, a estas tarefas primordiais. No entanto, nas suas intervenções no exterior, não imitaram aqueles que tão vivamente criticavam, ao utilizarem a primeira ocasião surgida para darem a conhecer as suas ideias e prender as pessoas. Pelo contrário, aliando solidamente a teoria à prática apenas se pronunciavam sobre factos fundamentais que deviam determinar o sentido da acção das massas no período que se seguia: se não há acção nem partido revolucionário sem previsão histórica, não há previsão histórica sem acção e conhecimento teórico prévios.

Continuando a recusar restabelecer relações com a organização de que ele emana, porque essas relações representariam apenas uma perda de tempo e de energia (que é necessário preservar para o essencial), Marx colaborará finalmente em *Das Volk*, de que assumirá de facto a direcção pois será ele a determinar-lhe por completo a orientação. A escolha desta actividade foi determinada pelo conjunto da concepção e da análise de Marx-Engels. Em *Das Volk*, Marx poderá abordar a questão que representa o nó para que convergem as linhas de força de todo o período histórico, questão que antecipa as futuras confrontações de massas nos campos de batalha, questão que permite mais claramente demarcar-se dos outros forças, nomeadamente daquelas que se pretendem mais próximas. Este modo de proceder nas intervenções externas

Alguns dias após a fundação deste jornal, Biskamp acompanhado de Liebknecht veio ver-me e reclamou a minha colaboração. Recusei então categoricamente, em parte porque tenho falta de tempo, em parte porque estava quase a deixar Londres por um período bastante longo. Prometi-lhes simplesmente tentar arranjar alguns fundos entre os meus amigos em Inglaterra, o que foi feito. Nessa ocasião, contei-lhes também aquilo que Blind, profundamente indignado, me havia um dia contado sobre Vogt⁽⁹⁷⁾, citando natural-

e na propaganda caracteriza melhor o partido marxista, face a todos os partidos oportunistas ou imediatistas, que correm sempre atrás do acontecimento que apaixonou um momento e cai imediatamente a seguir no esquecimento, substituído por outro.

(97) A grande tarefa histórica dos anos compreendidos entre 1860 e 1871 no continente foi a realização da unidade nacional da Alemanha, da Polónia, da Hungria, da Itália, da Espanha, etc., prelúdio da confrontação de classes. A ocasião aproveitada por Marx para expor a posição do partido sobre essa grande tarefa histórica foi o caso Vogt. Esse agente a soldo de Napoleão III pregava nos seus escritos uma unidade de tipo federativo e pequeno-burguês, que tinha uma certa audição na Alemanha meridional, muito particularista, portanto permeável às influências francesas. De passagem, Marx podia atacar o bonaportismo na pessoa de um dos seus agentes mais à vista, e demonstrar o carácter enganador da solução nacional estabelecida com a ajuda do imperialismo francês.

Ao mesmo tempo, estenderá esta polémica a Lassalle que, precisamente, está a começar a criar um partido operário na Alemanha sobre posições que estavam longe de ser verdadeiramente revolucionárias ou comunistas. E é ainda colaborando com as forças estabelecidas do Estado que Lassalle julga poder lançar o movimento operário (dogma lassaliano da ajuda do Estado às cooperativas, sustentáculo operário à política de unificação nacional de Bismarck, sob a égide da Prússia, portanto revolução pelo cima, em vez do democrático sufrágio universal).

Marx e Engels, em troca, pregavam a unidade nacional burguesa na Alemanha (e noutros lados) como revolução que põe em movimento as massas, dando a crise um impulso a forças cada vez mais radicais que arrancariam a direcção das operações aos Estados oficiais, austriaco e prussiano, e finalmente à própria burguesia. Assim a questão do partido está ligada, quer se queira quer não, à concepção geral tanto quanto à situação histórica inteira. Ao confiar no Estado estabelecido em lugar de se apoiar unicamente nas massas, Lassalle não só contribuiu para pôr no lugar instituições políticas, administrativas prussianas na futura Alemanha, como desviou o movimento operário: «Reconhecer-se-á rapidamente, escreveu Marx a Kugelmann em 23 de Fevereiro de 1865, que Lassalle tinha, de facto, traído o partido, e recebemos em breve a prova. Tinha concluído um acordo formal com Bismarck (e naturalmente sem receber deste último qualquer espécie de garantia). Efectivamente, devia dirigir-se a Hamburgo, em fins de Setembro de 1864, para aí se encontrar com o imbecil do Schramm e o espião de polícia prussiano Marr, a fim de levar Bismarck a anexar o Schleswig-Holstein, proclamando essa anexação em nome dos «trabalhadores», etc. Bismarck tinha prometido em contrapartida o sufrágio universal e algumas medidas pseudo socialistas. É pena que Lassalle não tenha podido desempenhar essa comédia até ao fim.» Ter-se-ia desmascarado a si próprio e desacreditado junto dos trabalhadores revolucionários.

mente a minha fonte. Biskamp fez com isso um artigo como constatei mais tarde.

Se Lassalle se permite falar em nome do partido, é preciso que se prepare para ser daqui em diante desmentido completamente por nós (98). A situação é, com efeito, demasiado grave para que possamos estar com considerações; em lugar de obedecer às suas inspirações pelo entusiasmo, pelo lógica (99), precisa de ouvir previamente a opinião que outros, que não ele, têm sobre o assunto. Temos necessidade absoluta agora de nos agarrarmos à disciplina de partido, se não queremos que tudo vá por água abaixo...

Lembras-te que o senhor Liebknecht apresentou esse palhaço do Edgar Bauer à sociedade dita comunista (100) na altura em que rompi oficialmente com ela e que esse palhaço tomou a direcção da *Neue Zeit*, onde esse bronco ignorante ridiculariza o nosso partido falseando as poucas fórmulas comunistas aprendidas de Scherzer. Tudo isto me era muito desagradável, não por causa dos poucos inúteis de Londres, mas em virtude dos gracejos sarcásticos dos demócratas, da confusão lançada por alguns exemplares da ignóbil folha habilmente distribuídos na Alemanha e nos Estados Unidos, do conhecimento preciso que esse palhaço tem da situação lamentável do partido, e finalmente das relações que ele estabeleceu com o comité internacional de Londres...

Após o abandono do palhaço, Biskamp criou *Das Volk*. Ele e os velhos inúteis dirigiram-se a mim por intermédio de Liebknecht, depois o próprio Biskamp veio ver-me directamente.

Declarei-lhe que nós não podíamos colaborar directamente em nenhum pequeno jornal, nem mesmo em nenhum jornal de partido,

A elaboração da sua obra polémica — Herr Vogt (trad. franc. nas Editions Costes) — custará a Marx um esforço imenso, quase todos os seus partidários lhe darão o seu concurso, toda uma rede de relações políticas e literárias será mobilizada, e Marx deverá interromper a sua obra teórica e negligenciar mesmo o seu ganha-pão jornalístico. No que respeita à política geral de Marx-Engels durante este período crucial, cf. *écrits militaires*, «Stratégie dans la période des lutes nationales progressives», p. 433-446. No seu estudo sobre «Karl Marx e o jornal londrino *Das Volk*», I. A. Bach estuda o significado dessa colaboração jornalística no movimento nacional progressivo que ressurgiu em 1859. Este estudo encontra-se na obra colectiva *Aus der Geschichte des Kampfes von Marx und Engels für die proletarische Partei*, Dietz Verlag, Berlin, 1961.

(98) Cf. Marx a Engels, 18 de Maio de 1859.

(99) A propósito da sua brochura sobre *A Guerra Italiana e o dever da Prússia*, Lassalle escreveu a Marx por volta de 15 de Maio de 1859 que «no decurso destes últimos dias, escrevendo toda a noite, [ele se tinha] esforçado por construir um conjunto de lógica e de entusiasmo que ... em todo o caso não deixará de fazer os seus efeitos sobre o povo».

(100) Marx faz alusão à Sociedade alemã de formação dos operários de Londres.

a menos que o redigíssemos nós próprios. Mas que nesse momento faltavam todas as condições para isso. Pelo contrário só dependia do sr. Liebknecht fazer aproveitar Biskamp da sua actividade. Claro, aprovei inteiramente a sua intenção de não ceder o lugar a Gottfried Kinkel e de contrariar os seus sujos cálculos. Tudo aquilo em que me empenhei era: fazê-los aproveitar de tempos a tempos os artigos surgidos já na Tribuna, de convidar os meus conhecidos a apoiarem a folha, enfim dar-lhes de viva voz notícias, indicações e conselhos naquilo que era da minha competência. Por outro lado exigí que Biskamp publicasse, com provas, a combinação suja de Bauer e Kinkel (o que seria feito no próximo número). Matei assim de uma cajadada dois coelhos, mesmo que a folha deixe de sair. Acrescentei que era necessário passar por cima da grandeza objectiva do palhaço e desencadear contra ele uma polémica num tom tão humorístico quanto possível.

Peço-te portanto que te tornes assinante de *Das Volk* e que faças assinar Wolff, Cumpert e todos os que pudeses, apresentando o jornal como sendo dirigido contra Kinkel, sem que estejamos ligados a isso...

Pode surgir além do mais o momento — e muito depressa — em que terá uma importância decisiva que não sejam só os nossos adversários a poderem exprimir as suas ideias num jornal de Londres, mas que também nós o possamos fazer...

Dei uma belíssima lição a esses inúteis da Associação. Esse burro do Scherzer, que continua a estar impregnado das velhas ideias de Weitling, imaginava que tinha o direito de designar os representantes do partido. Aquando da minha entrevista com uma delegação desses velhos inúteis, recusei-me a entrar para uma organização qualquer, presidida por Liebknecht, por um lado, e por Anders, por outro, declarando-lhes muito simplesmente: é de nós somente que depende a nossa missão de representantes do partido proletário, mas esta é reafirmada pelo ódio exclusivo e geral que nos votam todas as facções e todos os partidos do velho mundo. Nem imaginas o espanto desses broncos...

Não posso naturalmente aprofundar a questão como conviria, e apresento-te simplesmente alguns pontos⁽¹⁰¹⁾. Mas vais-me permitir fazer uma observação: os acontecimentos podem em breve conduzir de novo a uma crise. Nestas condições, das duas uma: ou ninguém intervém em nome do partido sem ter consultado previamente os outros camaradas, ou então qualquer pessoa tem o direito de expor a sua opinião sem se preocupar com quem quer que seja.

(101) Cf. Marx a Ferdinand Lassalle, 22 de Novembro de 1859.

Esta última eventualidade não é de aconselhar neste momento, dado que uma polémica pública não poderia ser suportada por um partido tão pouco numeroso como o nosso (mas cuja energia substitui, esperámo-lo, o que lhe falta no plano numérico). Tudo o que posso dizer é que durante a minha viagem, este Verão, à Inglaterra e à Escócia, não encontrei nenhum dos nossos velhos camaradas de partido que não tivesse sugerido que modificasses a tua brochura em alguns pontos (102). Para mim isso explica-se muito simplesmente pelo facto de precisamente a política externa se apresentar sob uma luz diferente em Inglaterra e no continente. Adeus.

O vento da revolução que começa a soprar sobre o continente tirou naturalmente do seu sono invernal todos os grandes homens (do campo da democracia) (103).

Ao mesmo tempo que esta carta, envio uma outra — a primeira — a Komp (104). Renunciei a participar nos agrupamentos organizados. Aqui, em troca, depois das baixezas que suporrei da parte dos inúteis que se deixam utilizar como puros instrumentos ao serviço de um Kinkel, Willich e outros intrujões, retirei-me por completo para o meu gabinete de estudos após o processo de Colónia. O meu tempo é-me demasiado precioso para o esbanjar em esforços vãos e em disputas mesquinhas.

No que respeita aos assuntos do partido, estou habituado a que toda imprensa me cubra de merda por todo o partido e que os meus interesses privados sejam constantemente lesados por razões de partido; por outro lado, estou também habituado a não esperar que tenham consideração por mim no partido (105).

(102) Marx alude à brochura intitulada *A Guerra italiana e o dever da Prússia*, na qual Lassalle expôs as suas concepções sobre a posição a adoptar na guerra que se preparava em Itália. Lassalle defendia af uma posição prusso-bonapartista pregando a neutralidade da Alemanha no conflito, justificando assim «a política de libertação das nacionalidades» de Napoleão III, e pronunciando-se contra uma acção comum entre a Prússia e a Áustria que teria operado uma aproximação desses duas potências alemãs que acabariam por se defrontar, em 1866, enfraquecendo assim o movimento nacional alemão em geral.

(103) Cf. Marx a Joseph Weydemeyer, 1 de Fevereiro de 1859.

(104) Tal como Weydemeyer, Albrecht Komp era um antigo dirigente da Liga dos comunistas emigrado para os Estados Unidos onde desenvolveu uma grande actividade política. No que se relaciona com a importância da Liga dos comunistas para o movimento operário americano, cf. o artigo de KARL OBERMANN, «The Communist league: A Forerunner on the American Labor Movement», in *Science & Society*, Fall, 1966, vol. XXX, n.º 4, p. 433-446.

(105) Cf. Marx a Ferdinand Freiligrath, 28 de Novembro de 1859.

Distinção entre partido formal e partido histórico

Por conseguinte, as Revelações que este processo produz graças ao meu «material» libertam os antigos membros da Liga da própria aparência de um erro jurídico, e revelam a natureza do sistema policial prussiano que, criado pelo «processo de Colónia» e pela infame cobardia dos jurados de Colónia, se desenvolveu até constituir uma força na Prússia (106). Ora, esta tomou tais proporções que acabou finalmente por se tornar insuportável para os próprios burgueses, até para o gabinete Auerswald. Eis tudo...

2. O meu processo contra a National-Zeitung.

Faço-te antes de mais notar que depois de, a meu pedido, a Liga ter sido dissolvida em Novembro de 1852, não pertenci — nem pertenco — a nenhuma organização secreta ou pública; por outras palavras, o partido, no sentido perfeitamente efémero do termo, deixou de existir para mim há oito anos. As exposições de economia política que fiz desde a saída da minha obra (Outono de 1859) perante alguns operários muito escolhidos, entre os quais figuram antigos membros da Liga, não tinham nada de comum com a actividade de uma sociedade fechada, menos mesmo que as exposições do sr. Gerstenberg ao comité de Schiller, por exemplo.

Lembras-te da carta que recebi dos dirigentes da sociedade comunista de Nova Iorque de múltiplas ramificações (entre outros de Albrecht Komp, administrador do General Bank, 44, Exchange Place, Nova Iorque), carta que passou pelas tuas mãos e que me solicitava que reorganizasse, por assim dizer, a antiga Liga. Passou-se um ano inteiro antes que tivesse respondido, e mais uma vez escrevi que já não tinha ligação alguma com qualquer associação desde 1852, e que tinha a firme convicção que os meus trabalhos teóricos

(106) Cf. Marx a Ferdinand Freiligrath, 29 de Fevereiro de 1860.

No momento em que se acaba o longo período de refluxo da vaga revolucionária que viu morrer a Liga dos comunistas, Marx, em lugar de ceder a desencorajamento ou de se esgotar em vãs e estéreis agitações, considera fridamente a situação tal qual ela é e faz o balanço da sua própria actividade num texto que é a síntese da relação entre partido revolucionário e período de triunfo generalizado da contra-revolução.

É sempre em períodos extremos (de revolução ou de contra-revolução) que as questões do partido se põem mais agudamente. Quando, no seu trabalho de sapa, o toupeira Marx volta à luz do dia, é com uma visão ainda mais clara e mais incisiva: a certeza de que o programa comunista, o partido histórico, é indestrutível, que a vitória teórica do comunismo é já completa; que só o partido formal, contingente, local, estatutário, pode ser destruído momentaneamente sob os golpes esmagadores do adversário, mas que com a junção entre o trabalho de sapa teórico e a actividade das forças produtivas proletárias a crise voltará é com ela o partido formal, mais forte que nunca.

serviam mais a classe operária do que a minha entrada para associações que tinham tido a sua época no continente. Na sequência do que fui atacado várias vezes, se não abertamente, pelo menos de forma compreensível, por causa da minha «inactividade».

Quando Levy de Dusseldorf — que também na época tinha relações contigo — me veio ver pela primeira vez, ofereceu-me mesmo numa bandeja de prata uma insurreição operária em Iserlohn, Solingen, etc. Eu opunha-me com rudeza a loucuras tão vãs e perigosas. Além disso declarei-lhe que não pertencia já a nenhuma «Liga»; por causa também dos perigos que corriam as pessoas com as quais eu teria tido contactos na Alemanha, não podia de forma alguma deixar-me arrastar pelos seus projectos. Levy regressou a Dusseldorf é — pelo que me escreveram imediatamente a seguir — exprimiu-se em termos bastante elogiosos sobre ti, enquanto me denunciava como doutrinário.

Por conseguinte, do «partido» tal como tu me falas na tua carta, já não sei nada desde 1852. Se és um poeta, eu sou um crítico, e estava de tal modo farto disso que podia tirar a lição das experiências feitas de 1849 a 1852. A Liga, tal como a Sociedade das estações de Paris e cem outras organizações, não foi mais do que um episódio na história do partido que nasce espontaneamente do solo⁽¹⁰⁷⁾ da sociedade moderna.

O que pretendo demonstrar no processo de Berlim são duas coisas: primeiro, que, desde 1852, não houve nenhuma organização a que tivesse pertencido; depois que o Sr. Vogt é um refinado caluniador quando emporcalha a organização comunista que existiu até Novembro de 1852 com imundícies do género das do denunciante Telling. Neste último ponto, és na ocorrência minha testemunha, e a tua carta a Ruge (Verão de 1851) demonstra que durante este período, de que apenas se trata aqui, tu consideravas esse género de ataques como dirigidos também contra ti...

Telling, Bangya, Fleury, etc., nunca pertenceram à Liga. É indesmentível que se levantaram porcarías na tempestade, que nenhum período revolucionário cheira a água de rosas, que aqui e acolá há merda que nos pode salpicar. É preciso escolher. De resto se se pensar nos esforços espantosos que contra nós desenvolve o mundo burguês oficial que, para nos arruinar, não arranhou apenas

(107) O termo alemão *naturwüchsig*, que traduzimos por «espontaneamente», significa de facto «que cresce muito naturalmente», o que é mais lógico e determinista ao mesmo tempo que mais conforme com a concepção geral de Marx-Engels que liga o futuro do partido ao desenvolvimento da base económica e social que determina a relação de forças entre as classes, portanto os suas organizações.

o Código Penal, mas o dilacerou amplamente; se se pensar nas línguas viperinas da «democracia do disparate» que nunca pôde perdoar ao nosso partido ter mais inteligência e carácter do que ela; se se conhecer o avesso da história oficial de todos os outros partidos; enfim, se se perguntar o que se pode verdadeiramente censurar ao partido no seu conjunto (e não as infâmias de um Vogt ou Telling que podem ser refutadas perante um tribunal) chega-se à conclusão que, neste século XIX, ele sobressai pela sua honestidade. Poder-se-á escapar à lama nas relações e trocas burguesas? De facto, é nesse ambiente que ela surge e se desenvolve. Basta ler o livro azul parlamentar sobre as corrupções eleitorais, cf. R. Carden... Na minha opinião, Bangya era mais decente que Klapka: sustentava uma amante, enquanto que Klapka foi sustentado durante anos por uma amante, etc. A porcaria de Telling pode compensar a limpeza de Beta, e os desvíos de Reliff podem encontrar a sua compensação na rectidão de Paula, que de qualquer modo não era membro do partido, nem nunca o pretendeu ser. De qualquer modo, a honesta infâmia ou a infame honestidade solvente (muito relativa aliás, como se vê na primeira crise comercial surgida), não a coloco um centímetro mais alto que a infâmia não respeitável, de que nem as primeiras comunidades cristãs nem o Clube dos Jacobinos, nem mesmo a nossa velha Liga alguma vez se puderam livrar inteiramente. Simplesmente, habituamo-nos nas relações burguesas a perder o sentido da respeitável infâmia ou da respeitabilidade infame...

E apesar de tudo, no que respeita a nós, preferiremos sempre estar acima do filisteu que abaixo dele ⁽¹⁰⁸⁾.

⁽¹⁰⁸⁾ Contrariamente aos anarquistas, Marx admite portanto que seja necessário sujar as mãos enquanto subsistirem as condições materiais de classe, por outras palavras, que é necessário utilizar — não importa como, ademais, mas tendendo para a destruição das condições capitalistas — os meios existentes nas condições actuais, por exemplo o dinheiro, a violência, com todas as dores morais e físicas que a isso estão ligadas, e *last but not least* — esse monstro frio que é o Estado com o exercício do poder político (proclamado transitório e votado a extinção à medida que desapareçam os vestígios da antiga sociedade capitalista de classes).

Claro, Marx não admite que se coloque abaixo da corrupção dos filisteus. Mas a sua fórmula, muito negativa e muito relativa, é a única que se pôde propor: tudo o que o partido pode fazer na sociedade capitalista é rodear-se de um cordão sanitário para o preservar dos miasmas da força viva do capital: o tráfico mercantilista. Por exemplo, se for necessário utilizar o dinheiro, quanto mais não seja para imprimir as ideias, é preciso banir da imprensa comunista qualquer publicidade. Numa sociedade de total alienação (é lamentável ver recorrer os propagandistas e outros activistas ou manipuladores ao remédio da cultura ou da moral proletária ou popular, como um ideal de vida), o

Exprimi abertamente a minha opinião que no essencial partilhas, espero. Além do mais tentei afastar esse mal-entendido que faria compreender por «partido» uma Liga morta há oito anos ou uma redacção de jornal dissolvida há doze (109). Quando falo entretanto de partido, entendo o termo partido na sua dimensão histórica.

Amadurecimento das condições para um novo partido do proletariado

As coisas parecem ir menos bem nestes últimos tempos na Polónia (110). O movimento na Lituânia e na Pequena-Rússia é manifestamente fraco, e os insurrectos não parecem progredir na Polónia. Os chefes são todos mortos ou presos e fuzilados, — o que parece provar que têm de expor-se o mais possível para arrastar os seus homens. Do ponto de vista qualitativo, os insurrectos já não são o que eram em Março e em Abril, os melhores dentre eles

militante comunista pode ser no máximo um desintoxicado, ou seja, recusar as drogas nocivas à sua saúde física e intelectual, os mitos do negociismo, do arrivismo, do carreirismo (enquanto meio de ganhar o mais possível sem fazer mais do que armar-se em importante), do culturalismo, todos esses belos produtos da civilização apodrecida de hoje, em resumo deve banhar-se o menos possível na poluição geral, sobretudo quando é concentrada.

Do ponto de vista «subjectivo», uma das drogas mais nocivas para as consciências, é o personalismo, não só o culto do seu próprio indivíduo, dos seus interesses e da sua glória, mas o culto da pessoa dos outros, do redentor, do Messias, nas mãos do qual se abdica do próprio destino, renunciando a lutar e a compreender.

(109) Marx alude à A Nova Gazeta renana. Dada a sua importância que o próprio Marx sublinha, reproduzimos o artigo de Engels que descreve a actividade de Marx à cabeça desse jornal.

(110) Cf. Engels a Marx, 11 de Junho de 1863.

Como se sabe, o ponto de partida da fundação da I Internacional foi o encontro entre operários ingleses e franceses num meeting de apoio à Polónia revoltada, em 22 de Julho de 1863. A Mensagem dos operários ingleses ao meeting de fundação da Internacional (24/9/1864) começa também por esta frase: «Sejam bem-vindos aqui por ocasião da nossa grande reunião organizada para exprimir a nossa indignação contra os criminosos que, de há anos para cá, têm feito sofrer ao nobre, mas infeliz povo polaco as piores afrontas e crueldades. A vossa vinda reacende em nós a esperança de que veremos em breve um futuro mais luminoso e feliz para os povos negligenciados e desprezados da Europa.» (Cf. Karl Marx und die Gründung der I. Internationale, Dietz, Berlin, 1964, p. 7.)

A intuição de classe dos operários franceses e ingleses que se organizaram nesta ocasião vai de encontro à análise científica e à longa experiência de partido de Marx-Engels sobre as condições que permitem ao proletariado europeu constituir-se, pela primeira vez na sua história, em classe internacional face a todas as forças e classes pré-capitalistas ou capitalistas existentes.

foram dizimados. No entanto, estes Polacos desafiam qualquer previsão e as coisas podem apesar de tudo tomar ainda uma feição feliz, ainda que as suas hipóteses diminuam manifestamente. Se conseguirem aguentar, podem ser ainda levados pelo movimento geral europeu que então os salvará; ao invés, se as coisas correm mal, a Polónia estará arrumada por dez anos; uma insurreição como esta esgota por longos anos a população susceptível de lutar. Um movimento europeu parece-me muito provável, porque o burguês perdeu de novo todo o medo dos comunistas e, em caso de necessidade, lançar-se-á também na batalha.

ÍNDICE

1. ACTIVIDADES DE ORGANIZAÇÃO (1843-1847)	
Agitação na Alemanha	
Criação do Comité de correspondência comunista	1
Carta do Comité de Correspondência Comunista de Bruxelas a G. A. Köttgen	1
Actividade no seio da Liga dos comunistas	1
Nascimento do partido e do sindicalismo revolucionário	2
Estatutos da Liga dos comunistas	2
Associações democráticas em Bruxelas	3
Protocolo da Assembleia da Associação Alemã para a formação dos operários, 7 de Dezembro de 1847, em Londres	3
2. PREPARAÇÃO DA REVOLUÇÃO (1847-1848)	3
Discurso sobre o Partido Cartista, a Alemanha e a Polónia	3
Discurso de Friedrich Engels sobre a Polónia	4
Preparação da Organização Internacional	4
Actividades de partido de Marx. (Fevereiro/Março de 1848)	5
Da Associação democrática de Bruxelas aos Democratras Fraternais reunidos em Londres	5
O «Debate Social» de 6 de Fevereiro sobre a Associação Democrática	5
A Julian Harney, redactor do «Northern Star»	6
A situação na Bélgica	6
Carta de Marx sobre a sua expulsão de Bruxelas	6
Ao senhor director do jornal «Alba»	6
A acção de Colónia	6
3. O PARTIDO NA REVOLUÇÃO (1848-1850)	67
Apelo aos trabalhadores da Alemanha!	69
Intervenções nas associações operárias	70

Marx e «A Nova Gazeta renana»	74
Fase da República Vermelha	83
Convocação do congresso das uniões operárias	94
4. O PARTIDO EM CONTRACORRENTE (1850-1863)	97
Cisão no seio da Liga dos comunistas	99
Reunião do Conselho central, 17/9/1850	103
Contribuição para a história da Liga dos comunistas	109
Balanço da derrota de 1848-1849	131
Declaração de ruptura organizacional	134
Trabalhos de exilados	141
Desagregação do partido cartista	144
A agitação na Alemanha	146
O «Partido Marx»	151
Distinção entre partido formal e partido histórico	158
Condições para um novo partido do proletariado	161

biblioteca ciência e sociedade

1. **PSICOLOGIA DE MASSA DO FASCISMO**
WILHELM REICH
2. **MISÉRIA DA FILOSOFIA**
KARL MARX
3. **INSTITUIÇÕES MILITARES E SOCIEDADE DE CLASSES**
KARL LIEBKNECHT
4. **O SINDICALISMO I. TEORIA, ORGANIZAÇÃO, ACTIVIDADE**
KARL MARX, FR. ENGELS (Introd. e notas de R. Dangeville)
5. **O SINDICALISMO II. CONTEÚDO E SIGNIFICADO DAS REIVINDICAÇÕES**
KARL MARX, FR. ENGELS (Introd. e notas de R. Dangeville)
6. **IMPERIALISMO E ECONOMIA MUNDIAL**
NIKOLAI BUJARIN
7. **LENINE E A FILOSOFIA**
ANTON PANNEKOEK
8. **O PARTIDO DE CLASSE I**
KARL MARX, FR. ENGELS (Seleccção, introd. e notas de R. Dangeville)
9. **O PARTIDO DE CLASSE II**
KARL MARX, FR. ENGELS (Seleccção, introd. e notas de R. Dangeville)
10. **PEDAGOGIA SOCIALISTA**
THEO DIETRICH
11. **HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE**
GEORG LUKACS
12. **RESULTADOS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO IMEDIATO**
KARL MARX